



Marcela NaLin

A
Herança
Templária



A herança templária

Marcela Nalin

Marcela Nalin-2018---Todos os direitos reservados

Para Edna e Gerson, os melhores pais e amigos que eu poderia ter.

Capítulo 01

Temple Church, Londres, 10 de fevereiro de 1185

Os archotes crepitando presos às colunas da igreja davam um ar fantasmagórico ao local. Nem parecia o mesmo lugar daquela manhã, onde cânticos entoados por pessoas vindas de várias partes do continente ecoaram como se vozes angelicais viessem de todos os lados durante a consagração do novo templo da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, ou como a maioria das pessoas nos chamava Ordem dos Templários.

A cerimônia, realizada por Heráclio, o Patriarca de Jerusalém, contara com a presença do rei Henrique II e dos cavaleiros templários situados na Europa, que vieram prestigiar o mais novo templo na Grã Bretanha.

Logo após a consagração, Geoffrey, o nosso superior na Inglaterra, ordenou que Jacob e eu passássemos aquela noite na igreja, pois receava haver vandalismo ou até mesmo um ataque de algum fanático religioso. Então por essa razão, nos encontrávamos ali tão tarde. O outro templário que estava ali comigo não era somente um irmão de arma, era também o meu irmão de criação.

Conheci Jacob há vinte anos, quando ambos tínhamos sete anos e na pior situação da minha vida: a doença que acarretou na morte da minha mãe Agatha.

Jacob e sua mãe Elizabeth moravam numa cabana no meio da floresta que ficava nos arredores do vilarejo em que meus pais e eu vivíamos. Elizabeth era famosa por curar as pessoas usando misturas feitas com as plantas que tinha em seu quintal e por esse motivo John, o meu pai, a procurou implorando por sua ajuda. Ele sentia-se culpado, pois fora o primeiro a pegar aquela maldita doença.

Meu pai era um cavaleiro templário na época e por ser muito respeitado por seu senso de justiça e honra, fora designado a lutar na Terra Santa pelo próprio Papa. O que ninguém sabia, ou se sabia fora omitido, era que a Palestina estava infectada pela varíola, uma doença cruel que desfigurava as pessoas e que as levava à morte, apesar de algumas escaparem da mesma, mas não de uma sequela. Aparentemente, o meu pai achou que pegara uma gripe forte, porém quando manchas avermelhadas começaram a sair por seu corpo e uma fadiga começou a debilitá-lo, o grão mestre ordenou que ele voltasse de imediato para casa. O meu pai sobrevivera, entretanto ficara cego no processo. Isso de certa forma tivera um aspecto positivo, pois ele não chegara a ver o estado que minha mãe ficou; erupções saíram por todo o seu corpo deformando o seu belo rosto. Tal deformação me assombrara por anos, fazendo com que eu tivesse pesadelos horrorosos com minha amada mãe. Se meu pai a tivesse visto naquele estado, nunca se perdoaria, apesar de não possuir culpa alguma.

Ao entrar em nossa casa, Elizabeth impregnou o ar com um agradável cheiro de rosas, que a princípio imaginei vir de algum emplastro, contudo, ao parar do meu lado notei que o cheiro vinha dela. Quando ela examinara a minha mãe, nos disse que não poderia fazer mais nada, pois a doença se encontrava em seu estágio final e naquela mesma noite ela morreria. Por incrível que pareça quem havia ficado ao meu lado nesse momento difícil fora Jacob e a mãe dele; ela vinha todos os dias ver como estávamos trazendo sempre consigo algo para comermos, pois meu pai ficara inconsolável e só sabia ficar sentado numa cadeira ao lado da janela, como se esperasse a volta da mamãe. Um ano depois, meu pai falecera sem nem ao menos ficar doente. Um dia ao acordar vi que meu pai ainda se encontrava na cama, o que era estranho, já que ele acordava muito cedo todos os dias; ao tentar acordá-lo notei que ele estava muito gelado e nada o fazia abrir os olhos, então saí correndo até a floresta atrás de Elizabeth e a encontrei no meio do caminho e ao chegarmos à minha casa ela confirmou o que eu já sabia, mas estava negando a mim mesmo: meu pai falecera me deixando sozinho no mundo. Depois do enterro Elizabeth me levou para morar com eles,

tornando-os a minha nova família. Se não fosse por eles, eu não imagino como teria passado por essa fase tão dolorosa sem ter enlouquecido.

Quando Jacob e eu tínhamos dezessete anos o grão mestre dos templários viera falar comigo, queria saber se eu estava disposto a lutar por Deus e proteger os peregrinos cristãos como o meu pai um dia estivera. Ele dissera que precisava de mais homens na Ordem, principalmente um que fosse alfabetizado e que tivesse os mesmos princípios do John, pois os documentos templários continham informações sigilosas que não poderiam ser lidos por qualquer um. Sim, eu tinha os mesmos princípios do meu pai e ele mesmo alfabetizou a mim e a minha mãe, dizendo que a palavra tem um poder maior do que qualquer outra arma. Mas, entrar para a mesma Ordem que, de certa forma, tinha uma parcela de culpa em relação à morte dos meus pais? Eu sabia que era injusto condená-la por isso, porém isso estava martelando na minha mente desde que os perdi.

Pelo meu pai aceitei o convite, mas com uma condição. Que Jacob fosse comigo, pois ele também era de confiança e éramos uns dos poucos que sabiam ler e escrever. O grão mestre aceitou o meu pedido e nos dissera para comparecer no acampamento deles ali perto na manhã seguinte.

Desde então, vínhamos lutando e guardando segredos que poderiam alterar e até mesmo abalar o mundo cristão; mas com o passar dos anos algo dentro de mim havia mudado. Eu lutava com o mesmo empenho e devoção de sempre ao lado dos outros guerreiros, entretanto, aquilo me parecia muito errado, como se estivesse lutando pela pessoa certa, mas pelos motivos errados. E essa sensação incômoda se devia aos últimos acontecimentos que vinham ocorrendo na Ordem. O primeiro, e o mais grave em minha opinião, foi a aquisição de uma verdadeira fortuna. Eu não conseguia compreender por que havíamos feito um juramento de pobreza e castidade se a Ordem, a cada ano que passava, ficava mais e mais rica devido a doações feitas por devotos. No ano anterior, a renda anual dela fora estimada em seis milhões de libras esterlinas! Para mim, isso era um sacrilégio! Sempre lutei por Deus e por Seus filhos desprotegidos, mas começava a suspeitar que a Ordem não mais tivesse os mesmos ideais. Se ao menos ela usasse esse mesmo dinheiro para ajudar os cristãos que perderam tudo com a guerra ou que nunca tiveram nada na vida, eu poderia entender, porém ele era usado para construir mais e mais templos e verdadeiros palácios para nos abrigar

por toda a Europa. Achava até que tínhamos mais dinheiro que muitos reinos pelo mundo.

Um barulho na porta da igreja tirou-me dos meus pensamentos. Era Jacob fechando a porta, pois ele havia saído há uns poucos minutos para dar uma olhada nos arredores do templo.

- E então, notou algo de incomum lá fora?, perguntei-lhe.

- Não, está tudo silencioso e calmo como um cemitério.

- Que bom! Da próxima vez, eu irei.

Jacob sorriu de uma forma estranha e disse:

- Não será necessário, meu caro irmão. Aliás, fico contente por você estar no lugar certo.

- Lugar certo. Como assim?

- No altar. Era exatamente onde eu queria que você estivesse., dizendo isso ele parou bem a minha frente, mas a uma certa distância.

- Jacob, está tudo bem? Aconteceu alguma coisa lá fora?

- Estou ótimo Nathan, melhor impossível. Lembra-se quando a minha mãe morreu?, ele perguntou mudando completamente de assunto.

- Claro que sim! Foi há um ano! Estávamos fora lutando e quando voltamos para vê-la, ela estava deitada no meio das suas plantas, morta. Você nunca tocou neste assunto, por que agora Jacob?

Ignorando a minha pergunta, ele continuou:

- Lembra-se que pensamos que ela havia sido morta por algum ignorante que achava que ela era uma aberração por causa do dom dela de cura?

- Lembro-me bem., respondi-lhe irritado. Eu nunca concordara com as pessoas e nem mesmo com a Santa Igreja de que mulheres com dons especiais eram amaldiçoadas; eu sempre achei que esses dons eram dados por Deus e mais ninguém. Mas então algo passou pela minha cabeça; suspeitamos de homicídio porque havia uma corda em seu pescoço, mas não havia marca alguma nele. Se ela fora assassinada, por que não havia marca nenhuma em seu pescoço?

- Jacob, você descobriu quem fez aquilo?

- Certamente. Fui eu!

O tempo pareceu congelar. Jacob dissera aquilo de uma maneira tão serena que eu achei ter ouvido errado.

- Jacob, que brincadeira mais incongruente é essa?

- Brincadeira? Não, eu a matei. Mas se serve de consolo, eu não a enforquei. Usei os poderes que eu herdei dela. A corda foi só para não atrair uma atenção indesejada e você sabe que as pessoas veem somente o que querem, mesmo que o óbvio esteja bem diante de seus olhos. Elizabeth era uma bruxa muito poderosa, mas só queria saber de ajudar os outros. E o mais irônico disso tudo é que essas mesmas pessoas falavam dela pelas costas, a apontavam como se ela fosse uma qualquer.

- Elizabeth estava acima disso, ela não se importava com o que falavam porque sabia quem era e gostava de ajudar o próximo. Ela fazia o bem sem pedir

nada em troca! Deveria se orgulhar dela!

- Orgulhar-me de uma mulher que nem conseguiu salvar o próprio esposo e nem a sua mãe?

- Jacob, você melhor do que ninguém, deveria saber que a varíola é praticamente uma sentença de morte! Sua mãe poderia ter um dom esplêndido, mas Elizabeth não era Deus!

- Você não faz ideia do que eu passei por ser filho dela!

- Então por isso a matou? Você a culpava por toda a humilhação e constrangimento que pessoas incultas lhe causaram? Pelo amor de Nosso Senhor Jacob! Ela foi tão vítima quanto você!

Nunca em toda a minha vida eu sentira tamanho ódio e decepção por alguém. O meu melhor amigo, a quem eu amo como a um irmão, matara a própria mãe e nem ao menos demonstrava arrependimento.

- Sabe Nathan, por muito tempo eu o invejei. Queria ser respeitado e amado como você, mas aí eu percebi que eu poderia ser alguém muito melhor, afinal eu também tinha dons. Então comecei a estudar os livros antigos de minha mãe para poder me aperfeiçoar. Foi aí que eu encontrei um livro muito especial, um que ensinava a ser imortal.

- Você enlouqueceu? Isso é impossível! E mesmo que não fosse, quem gostaria de ser imortal e ver as pessoas que amamos morrer sabendo que jamais as veremos de novo?

- Como você pensa pequeno Nathan. Poder e imortalidade são coisas muito maiores que um reencontro com os mortos. Diga-me, por que eu iria querer rever os meus pais, cujas existências foram tão insignificantes?

Quem era aquele monstro diante de mim? Onde estava aquele garoto gentil que ajudou-me quando eu mais precisei? Ele deveria estar possuído, alguém não poderia ser tão cruel e desumano assim. Respirei fundo e perguntei-lhe:

- Por acaso, a morte dela não teria a ver com essa conversa de imortalidade, teria?

- Sua inteligência sempre foi algo que eu admirei muito, sabia? Para alcançar a imortalidade você tem que matar cem pessoas, mas não pessoas comuns e sim bruxas. Assim parte dos poderes dela lhe é transmitido e ao matar a última esses poderes absorvidos lhe darão a vida eterna. Elizabeth foi a centésima.

- Você é um monstro! Como pôde matar tantas pessoas só por sede de poder? E pior! Como pôde assassinar a sua mãe? Eu o denunciarei ao grão mestre!

- Enquanto a isso, acho pouco provável que você fale com ele ou com quem quer que seja.

- Por quê? Gostou tanto de matar que agora irá fazer o mesmo comigo?

- Matá-lo? Jamais! Gosto de você Nathan, por isso preparei-lhe algo muito especial. Eu o trancarei aqui por toda a eternidade. Você não morrerá, não sentirá mais fome e nem sede e ninguém nunca mais o verá, exceto eu. O que acha? Isso lhe agrada?

Jacob falara aquilo com tamanha calma e ironia que fez o meu corpo todo tremer de raiva.

- Como assim ninguém me verá?

- Eu criei um campo mágico no exato lugar em que você se encontra e quando disser uma palavra em específico ele se fechará e nunca mais você conseguirá

sair daí, deixando-o invisível aos olhos dos outros. Mas não fique triste. Eu continuarei vindo aqui todos os anos neste mesmo dia para lhe visitar. Mas devo confessar, farei de tudo para apagar a sua tão prezada imagem de homem honrado e justo do mundo e se um dia alguém se lembrar de você, será como um grande traidor.

Aquela conversa estava me deixando enojado. Eu já havia visto o quanto uma pessoa poderia ser cruel, a guerra te ensinava essa dolorosa lição, mas Jacob estava demonstrando uma crueldade sem precedentes. Coloquei a mão na bainha da minha espada pronto para lutar, pois preferiria a morte a passar a eternidade enclausurado e Jacob livre, desfrutando de uma imortalidade que não merecia. Porém ele viu o meu movimento e ao invés de pegar a espada dele, ele gritou:

- Ecsalon!

Um vento frio passou ao meu redor, arrepiando os pelos da minha nuca. Aquilo não deveria ser bom.

- Tenha uma boa vida Nathan, nos veremos no ano que vem., Jacob sorriu e saiu do templo.

Tentei correr para alcançá-lo, mas bati com força em uma parede invisível. Ele não estava brincando. Ele realmente me prendeu aqui!

- Mantenha a calma Nathan, eu o ajudarei.

Reconheceria aquela voz suave e melodiosa que vinha das minhas costas e aquele cheiro de rosas em qualquer lugar.

- Elizabeth!, virei-me e ela estava sorrindo, no entanto seus olhos demonstravam uma profunda tristeza.

- Sinto muito. Eu só descobri que o Jacob andava matando pessoas quando ele fez o mesmo comigo. E o livro que ele lhe falou eu o enterrei quando vi o interesse dele por magia.

- Então Jacob deve tê-la visto fazer isso.

- Com certeza.

- Mas como você pode me ajudar? Sem querer ofendê-la, mas você está morta.

- Francamente, só porque alguém morre não significa que ela não possa fazer mais nada. Parte dos meus dons permaneceu comigo, então eu criei um contrafeitiço, já que não conseguiria desfazer o do Jacob.

- O que você fez?

- Como esse feitiço é muito poderoso, tive que usar algo tão poderoso quanto. Sangue. Mas antes que você pergunte, eu não matei ninguém, eu só precisei de um descendente seu.

- Agora é oficial: ficarei aqui para sempre!

E comecei a andar de um lado a outro, me sentindo como uma fera enjaulada.

- Por que diz isso?

- Esqueceu que eu só tinha os meus pais? Nenhum deles tinha irmãos e os pais deles já morreram. Não há como me tirar daqui.

- Você não me escutou? Eu já criei um contrafeitiço, isso significa que há um descendente seu andando por aí.

De repente parei de andar e encarei Elizabeth. Será que a loucura era um traço de família?

- E será que você poderia me contar quem é esse tal descendente?

- James.

- E quem é James? Nunca ouvi falar dele.

- Ele é seu filho.

Loucura realmente era um traço daquela família!

- Elizabeth, não tem como eu ter um filho. Ao entrar para a Ordem eu fiz um voto de castidade, lembra-se? O meu pai se casou com a minha mãe só depois que ele pediu para deixar a Ordem e ele só não saiu porque o grão mestre pediu que permanecesse, pois John era o braço direito dele. E mesmo assim o casamento e o meu nascimento foram mantidos em segredo para o restante dos cruzados. Nem mesmo o Papa fora comunicado!

- Eu acho que quem está com a memória fraca é você, Nathan. Um dia antes de entrar para a Ordem você foi se despedir da Sarah, aquela moça por quem você era apaixonado. Está lembrando agora?

- Nós só passamos uma noite juntos, não tem como ela ter engravidado!

Elizabeth olhou-me como se eu houvesse dito a maior asneira da vida dela.

- Querido, basta uma única vez para uma mulher engravidar.

Sentindo o meu rosto esquentar resolvi voltar ao assunto do contrafeitiço.

- E o que você fez exatamente?

- Lancei um feitiço sobre o menino. Um dia um descendente seu iria ser o seu libertador, porém não poderá ser qualquer um, afinal o que Jacob fez é algo muito forte e poderoso. Ele terá que ser justo, digno e com uma força de espírito do tamanho do mundo. Assim como você é. E ele poderá lhe enxergar também.

- E como ele poderá tirar-me daqui?

- É só dizer a mesma palavra que o Jacob usou para trancá-lo aqui. Ecsalon é como se fosse uma chave, assim como ela tranca, ela também abre.

- Simples assim? Isto está fácil demais!

- Se você chama de fácil uma espera de quase mil anos, por mim tudo bem.

- O que? Tem certeza disso?

- Infelizmente sim. Ao lançar o feitiço em James pressenti que a sua espera seria muito longa. Desculpe Nathan. Mas eu ficarei aqui lhe fazendo companhia, você não passará por tudo isso sozinho. E não se preocupe, o contrafeitiço que eu lancei no James protegerá a ele e a todos os seus descendentes do Jacob. E tem mais uma coisa. Vi que esse descendente será, de alguma maneira, a derrocada do meu filho.

- Mas se a Sarah teve realmente um filho meu, por que ela nunca me procurou?

- Quando você entrou para a Ordem, você fez uma viagem para a Palestina

logo em seguida. Ela deve ter sabido disso, pois três meses depois da sua ida para lá, Sarah se casou e veio morar aqui em Londres. Eu só descobri que você tinha esse filho agora que precisei fazer o contrafeitiço.

Eu nunca havia me sentido tão sozinho como agora. Numa mesma noite descubro que o meu amigo era um monstro, que tenho um filho e ainda por cima fui amaldiçoado. A única coisa que me resta é a esperança de que o feitiço que a Elizabeth criou funcione, ou o próximo a enlouquecer seria eu!

Capítulo 02

Londres, 03 de fevereiro de 2017

Andava o mais rápido que podia para me aquecer do frio congelante daquela sexta-feira. Mas ao invés de ir para a editora dos meus pais onde eu trabalho como tradutora, me dirigia à livraria da minha amiga de infância Audrey. Ela tinha um encontro com fornecedores para ir e como um cliente que havia encomendado um livro disse que viria buscar hoje sem falta, Audrey me pediu se eu não poderia entregar a encomenda para ele. E como dizer não àquela criatura?

Audrey Collins é a pessoa mais destrambelhada e gentil que eu conhecia. Ela não passa despercebida aonde quer que vá; com seu um metro e oitenta de altura, bom humor, pele negra como a noite e uma risada que até mesmo o mais mau humorado não resistiria, Audrey sempre conseguia ganhar as pessoas. Costumo brincar com ela dizendo que não consegui arrumar um marido ainda por culpa

dela, no que ela me devolveu uma vez falando: ‘A culpa é do seu gênio forte e não minha!’.

E para ser honesta, Audrey tinha razão. Eu era dona de uma personalidade muito forte e nesses meus vinte e sete anos nunca admiti ser tratada como uma propriedade, burra ou máquina reprodutora. Era inacreditável que em pleno século vinte e um, ainda existiam homens que acreditavam que as mulheres são incapazes de trabalhar fora de casa e que elas só servem para lhes dar filhos. Isso sem falar das bestas que não entendem que o corpo de uma mulher é dela e um não é sempre não!

Está certo que a maioria não era assim, eu é que fui azarada mesmo! Nos poucos relacionamentos que tive ou o cara era um completo babaca ou era só um pobre coitado que não conseguia aguentar esse meu jeito independente e dominante de ser. Quando era criança, minha avó costumava dizer que eu era senhora de mim mesma. Na época eu não entendia, mas hoje não só faz sentido como eu sou obrigada a concordar com ela. Não é que eu não tentasse controlar o meu gênio de cão, mas quando via, já era tarde e a minha língua afiada foi mais rápida que o meu pensamento.

Por sorte, Lisa, minha adorada e muito inteligente mãe, casou-se com um homem tão inteligente quanto, Benjamin Underwood, meu pai. Eles se conheceram no colegial e desde então nunca mais se separaram. Juntos abriram a Underwood Publishing, uma bem sucedida e respeitada editora na qual eles trabalham até hoje como editores; já poderiam ter se aposentado, mas quem consegue arrancá-los de lá? Os livros eram uma grande paixão deles. Paixão que, por sinal, eu herdei. Quando eu não estava com um livro na mão por trabalho estava por diversão. E esse sentimento era uma das poucas coisas que Audrey e eu temos em comum. Enquanto ela é a Miss Simpatia e fala com todo mundo, eu sou reservada, geniosa e de poucos amigos. Sinceramente, eu não entendia como nós podíamos ser tão amigas.

Ao chegar à livraria procurei pelas chaves no meu casaco que havia pegado na noite anterior com a Audrey. Segundo ela, o nome do cliente estava na agenda sobre o balcão e o tal livro estava guardado em um armário que fica no fundo da livraria. Ao abrir a porta um cheiro de rosas me apanhou de surpresa. Que

estranho. Não havia flor alguma ali. Vai ver o meu nariz não estava em seu melhor dia.

Fui até o balcão, peguei a agenda e andei em direção ao armário. O livro se chamava ‘Os templários – um dossiê sobre os seus maiores guerreiros’ e o nome do cliente era Noah Templeton. Peguei o livro e o deixei sobre uma mesa que ficava ao lado do armário e fui colocar o meu casaco no cabideiro que ficava na entrada da loja. Mal pendurei o casaco e um ruído alto quase fez o meu coração sair pela boca. Vinha do fundo da livraria.

- Quem está aí?

Nenhuma resposta. Peguei o taco de beisebol que Audrey mantinha sempre atrás do balcão e caminhei até uma porta que ficava perto do armário onde eu havia acabado de apanhar o livro. Era o banheiro e estava completamente vazio. Saí de lá e vasculhei o local com os olhos á procura de algo errado ou fora de lugar. Não havia mais ninguém ali, mas o livro que eu deixei sobre a mesa havia sumido. Era só o que me faltava, uma livraria assombrada! Isso era tudo o que eu precisava para encerrar a semana com chave de ouro. Era por causa desse tipo de coisa que eu não assistia filme de terror nem que me pagassem.

E agora, onde foi parar a porcaria do livro? O óbvio seria procurar ao redor da mesa primeiro, mas e a coragem para me aproximar dali e um desencarnado sair do nada de dentro do armário?

- Mackenzie Underwood, que idiotice é essa? Coragem mulher! Vai ver você colocou o livro de mau jeito e ele caiu, só isso., disse para mim mesma.

Com o taco de beisebol erguido só por precaução, fui até a mesa e olhei embaixo dela. Que alívio! O livro estava lá! Mas o estranho era onde. Ele estava encostado na parede, aberto com a capa virada para cima e não ao lado da mesa. Era como se alguém o tivesse chutado para debaixo dela. O capítulo em que o livro estava aberto tinha um título grande em negrito que dizia ‘ Os traidores da Ordem’. Certamente eu iria pesquisar aquela livraria, verificar se no passado ali

não fora um cemitério ou algo do gênero.

Ajoelhei-me e deixei o taco do meu lado. Como a mesa era larga, tive que entrar debaixo dela para pegar o livro fujão e foi justo nessa hora que uma voz rouca e charmosa disse às minhas costas:

- Bom dia stra. Collins!

Bati com a cabeça na mesa devido ao susto. Que ótimo! Além de quase ter um infarto, agora minha cabeça doía com a pancada.

Levantei-me e fui até o balcão esfregando o local dolorido. Quando parei e ergui os meus olhos na direção do dono da bela voz, me deparei com um homem muito bonito, alto, loiro e de profundos olhos azuis. O ar de tédio que aquele belo rosto continha ganhou um de completo horror.

Nossa! Eu tinha consciência que não era dona de uma beleza estonteante, mas daí ser feia como o diabo já era demais!

- Bom dia senhor. Em que posso ajuda-lo?

O homem abriu a boca ligeiramente, mas não disse nada. Judiação! Bonito mas retardado. Ergui uma sobrancelha e fiquei aguardando.

O homem chacoalhou a cabeça e disse:

- Meu nome é Noah Templeton. Encomendei um livro com a stra. Collins e ela me ligou ontem dizendo que eu poderia vir busca-lo.

Essa era a primeira vez que eu ouvia alguém se referir a Audrey com tamanha formalidade.

- Ah sim, claro. Foi esse que o senhor encomendou?, disse-lhe mostrando o livro que eu acabara de pegar do chão.

- Exatamente.

- Quer que eu o embrulhe?

- Não é necessário.

Olhei a agenda para ver o preço e havia uma anotação de que já havia sido pago. Então coloquei o livro numa sacola e a estendi para o bonito esquisito.

Antes de apanhar a sacola, ele me encarou por uns instantes. Droga! Por que eu não peguei o taco também?

- Desculpe-me senhorita, mas qual o seu nome?

Minha língua coçou para responder ‘Não é da sua conta!’, mas eu não queria prejudicar os negócios da minha amiga a fazendo perder clientes por minha falta de paciência com idiotas.

- Mackenzie Underwood., disse secamente.

Ele passou os olhos por todo o meu rosto como se quisesse se lembrar de onde me conhecia. Graças a Deus nós não nos conhecíamos! De loucos na minha vida já me bastavam os meus pais e a Audrey.

- Mais alguma coisa sr. Templeton?, perguntei-lhe de forma ríspida, pois a atitude dele começou a me irritar.

Ele me encarou, entortou a cabeça e estreitou os belos olhos.

Se ele não saísse logo dali, eu pegaria o taco e o colocaria para fora com toda a graça e gentileza que eu tinha.

- Não.

Dizendo isso, ele virou as costas e saiu sem nem ao menos agradecer.

É por isso que eu prefiro cachorro a pessoas. Cada figura que me aparece!

Espero que a Audrey tenha clientes mais agradáveis.

Meu celular começou a tocar. Droga! Eu o esqueci no bolso do casaco. Fui até o cabideiro e o apanhei. Era a Audrey.

- Oi e a reunião, como foi?

- O que você acha? Melhor impossível! Mas já estou de saída. Logo chegarei aí. E o sr. Templeton veio buscar o livro?

- Sim.

- E?

- E o que?

- Como assim ‘e o que’? O que você achou dele?

Então foi por isso que ela não quis ir mais tarde, não era porque os

fornecedores não tinham outro horário e sim para tentar me arranjar um namorado! De novo!

- Audrey, da próxima vez que você tentar arrumar um namorado para mim eu te mato!

- Por quê? Vai me dizer que a sua amiga aqui não tem bom gosto?

- E o que adianta ser bonito se é um imbecil mal educado!

- Ah, então você o achou bonito., ela disse animadinha demais para o meu gosto e ignorando os adjetivos seguintes que dei a ele..

Revirei os olhos. Aquela mulher não sossegará enquanto não me arrumasse um pretendente.

- Audrey, eu posso ter um gênio de cão, mas não sou cega!

Alguém pigarreou às minhas costas. Novamente eu me assustei.

Hoje decididamente não era o meu dia!

- Audrey, chegou alguém, vou desligar. Mais tarde nos falamos.

- Tudo bem. E me lembre de te passar o número dele!

Pude ouvir a risada dela ao desligar o telefone. Mas que amiga mais peste que eu tenho!

- O que Noah Templeton queria com você?

O que era aquilo? Será que teve alguma reunião dos mal educados e idiotas anônimos perto daqui? Então me virei para ver de quem era aquela voz autoritária.

O homem que perguntara aquilo era enorme. Tinha cabelos pretos, pele bem clara e olhos azuis quase transparentes e era tão bonito quanto o outro. E tal “educado” também.

- E por que eu lhe devo alguma satisfação?, perguntei sentindo uma irritação à primeira vista pelo desconhecido à minha frente.

Ele me olhou da mesma forma horrorizada do primeiro. Ah, qual é? Será que estava com meleca grudada no nariz?

- Quem é você?, perguntou aparentemente surpreso.

- Eu sou aquela que vai pôr o senhor para fora caso não vá embora de livre e espontânea vontade.

O bonitão número dois me encarou como se eu fosse de outro planeta.

- Desculpe a minha grosseria. Meu nome é Hunter Davenport. E você é...

- Poderia me responder uma coisa?, resolvi ser direta. Tinha algo estranho no comportamento daqueles dois e eu iria descobrir.

- Claro. O mínimo que eu posso fazer é responder o que você quiser depois de minha atitude rude.

Estreitei os olhos. Ele não parecia estar debochando.

- Por que vocês dois me olharam com tanto horror?

- Eu não diria horror., ele disse isso com um sorriso torto.

Ergui uma sobrancelha. Deveria ser proibido por lei idiotas serem tão bonitos.

- Tudo bem., me disse respirando fundo. – Você é a cópia exata, mas na versão feminina, de alguém que conhecemos.

- E quem seria essa pessoa? Um serial killer?

- Não exatamente. Esse homem morreu há muitos anos. E então, agora irá dizer o seu nome?

- Por que você não pergunta para o sr. Templeton já que o conhece?

Para minha surpresa ele riu.

- Misericórdia! Que gênio!

- E quando ele morreu?, resolvi ignorar o comentário dele.

- Em 1185. Para ser mais exato, dez de fevereiro.

- Isso significa que semana que vem é o aniversário de morte dele., falei mais para mim mesma do que para ele.

Um arrepio percorreu toda a minha coluna. Que estranho! Por que alguém que morreu há tanto tempo ainda importaria para aqueles dois a ponto de alguém parecido com ele os assustar daquele jeito?

- Exatamente. Algum problema moça? Você empalideceu de repente.

- Eu estou bem. Mas afinal de contas, quem era ele?

Hunter olhou ao redor e ficou em silêncio me encarando, como se cogitasse se era seguro me contar. Credo, quem foi aquele homem? O diabo em pessoa?

- Ele foi um templário.

Sério? Todo esse suspense para isso? Será que eu deveria demonstrar um pouco de surpresa ou ao menos um leve interesse?

Acho que a minha cara condenou, pois ele resolveu dizer:

- Assim como Noah e eu somos.

Capítulo 03

Não pude evitar o que aconteceu em seguida, foi mais forte do que eu. Comecei a rir, na verdade, a gargalhar.

Templários? Nos dias de hoje? Fala sério!

- Não entendo qual o motivo da graça senhorita.

Enxugando os olhos e respirando fundo, respondi:

- Perdão. Mas antes de cair na risada deveria ter perguntado a qual ordem vocês pertenciam e não concluir nada. Afinal, o povo da Internet sabe ser criativo!

Hunter me olhou como se a doida fosse eu!

- Mas só existe uma! A Ordem existe desde o século...

- XII. Eu sei! A história dos templários sempre me fascinou. E se eu não estiver enganada, ela foi extinta em 1307 a mando do Papa Clemente V. É claro que tudo não passou de uma manobra do Papa com o rei francês Filipe IV. Como a Ordem vinha angariando muita riqueza e poder, os dois não gostaram nem um pouco e a acusaram de bruxaria e perversão sexual, convencendo a todos de sua culpa. Então, a maioria dos cavaleiros foi presa, torturada até assumirem uma culpa da qual não tinha e morta na fogueira assim como milhares de mulheres foram pela Santa Inquisição.

Hunter estava boquiaberto.

- A propósito, o meu nome é Mackenzie Underwood.

Disse isso com certo contentamento. Como minha mãe sempre dizia, conhecimento nunca matou ninguém!

- Parabéns stra. Underwood. Mas você está equivocada somente num fato.

- E qual seria?

- A Ordem nunca acabou. Nem todos os cavaleiros foram pegos. Os que conseguiram escapar, se dispersaram pela Europa e desde então nos mantemos em segredo.

- E por que você está me contando se é segredo?, perguntei imaginando se eu deveria ligar para a polícia ou o sanatório.

- Porque provavelmente você é descendente do templário que te falei. Ninguém é tão parecido com uma pessoa assim à toa. E por alguma razão eu sei que você não sairá por aí contando um segredo milenar desse.

- Claro que não! Eu não quero ser jogada numa sala acolchoada. Fique tranquilo! O seu segredinho jamais sairá daqui!

Tive que me esforçar para não rir de novo.

- Você ainda não disse o que Noah estava fazendo aqui.

Era melhor dar logo o que ele queria assim me deixaria em paz.

- Ele veio buscar um livro que havia encomendado. Satisfeito?

Erguendo uma sobrancelha, Hunter prosseguiu com as perguntas.

- E que livro era esse?

Uma vontade imensa de dizer Kama Sutra fez a minha língua coçar, mas resolvi pegar a agenda e a estendi em sua direção para ele poder ler o nome escrito ali.

- Mas por que ele iria querer um livro sobre um assunto que conhece tão bem? Isso não faz sentido algum!

- Se você que o conhece não faz a menor ideia, imagine eu que nunca o vi antes. Agora que já sabe o que o seu namorado veio fazer aqui, pode ir embora.

- Ele não é o meu namorado!, ele devolveu entredentes. Depois colocou a mão no bolso do casaco e me entregou o que havia tirado de lá. Era um cartão com o nome e o telefone dele.

- Aqui diz advogado e não cavaleiro templário., ironizei só para provoca-lo. - Diga-me, por que eu iria querer o seu número? Se for pelo seu serviço, não é

necessário. Tenho uma amiga que é advogada e ela é ótima.

- Caso Noah apareça aqui novamente, quero que me ligue imediatamente. Será que você poderia fazer isso, por favor?, ele continuava com os dentes cerrados.

- Sem problema sr. Davenport.

Era óbvio que eu não ligaria. Até parece que eu me envolveria com gente que nunca vi na vida. Se eles tinham problemas, que resolvessem bem longe de mim. E se eles fossem psicopatas? Com certeza eu não os trarei de volta à livraria da Audrey.

Hunter pareceu não acreditar muito em mim, mas acho que tinha um compromisso, pois checkou as horas e disse:

- Tenho que ir, mas se o vir novamente ou precisar de mim, não hesite em me ligar. É muito importante. E pode me chamar de Hunter.

- Não sei por que precisaria do senhor, mas obrigada mesmo assim. Tenha um bom dia.

Hunter entendeu a dica e virou-se para sair sem dizer nada. Mas para o meu azar, Audrey resolveu chegar justamente nessa hora. Ela o mediu com curiosidade e um brilho de ‘pretendente em potencial’ surgiu em seus olhos. Não gostei nada daquilo.

- Olá! Precisa de ajuda?, ela disse e lhe deu o seu melhor sorriso. Aquilo era um mau sinal. Pelo menos para mim.

Senhor, por que ela não arrumava um namorado para ela mesma? Por que *eu* é que tinha que ser a vítima dela?

- Não, Mackenzie já me ajudou. Mas, obrigado. Até logo!

Audrey olhou para mim com um sorrisinho irritante e depois para Hunter.

- Até!, ela disse.

Mal ele saiu, ela voou até o balcão para começar o interrogatório.

- Quem era ele?

- Amigo do seu cliente.

- Que cliente?

- O sr. Templeton.

- Sério? Que coincidência! E de qual você gostou mais? E não me venha dizer nenhum, porque os dois são verdadeiros monumentos da natureza!

- O que eles tem de beleza, tem de chatice e grosseria!

- Mackenzie, decididamente você é um caso perdido!

- Então isso quer dizer que você me deixará em paz?, perguntei juntando as minhas mãos. - Até que enfim! Obrigada Senhor!

- Eu posso até te deixar em paz, mas guarde as minhas palavras. Um dia um homem irá conquistar essa cabeça dura!

- Se existir um que use a cabeça que tem neurônios, seja educado, gentil e que me aceite do jeito que sou sem tentar me mudar, eu me caso com ele antes mesmo de namorar! Prometo!

Audrey cruzou os braços desconfiando e muito dessa minha súbita promessa de casamento.

De repente, um carro preto no estilo sedan parou na frente da livraria com uma freada brusca. E neste exato momento o cheiro de rosas impregnou o lugar e foi como se uma voz na minha mente dissesse ‘Fuja!’

Sem sair detrás do balcão, puxei Audrey pelo braço e corri para o banheiro. Enquanto fechava a porta pude ver que dois homens muito bem vestidos desciam do carro e entravam na livraria. O único problema é que eles entraram atirando.

Capítulo 04

O som dos tiros parecia não ter fim. Estava com medo que alguma bala atingisse a porta e acertasse uma de nós.

- Mas que porcaria é essa?, Audrey perguntou apavorada.

- Não sei. Mas temos que sair daqui antes que o tiroteio acabe e eles venham atrás de nós.

- E o que você sugere?

- Sugiro que vocês me deem suas mãos para que eu possa ajudá-las.

Nós demos um pulo ao ouvir uma voz vinda do teto do banheiro. Era Hunter. De alguma forma ele arrancara um pedaço do teto e nos estendia uma mão para que o acompanhássemos.

- Mas como você chegou aí?, perguntou-lhe Audrey segurando a mão dele.

- Depois que eu tirar vocês duas daqui, conto o que quiserem saber!, ele disse

ajudando a minha amiga a subir. – Sua vez mandona!

Pude ouvir Audrey rindo. Como ela conseguia rir numa hora dessas? E o que é pior, da melhor amiga dela? Se não estivéssemos correndo perigo eu a afogaria no vaso do banheiro.

Ao segurar a mão dele a porta abriu de repente, e sem pensar duas vezes Hunter me puxou bruscamente, o que me fez cair em cima dele. Foi como se eu tivesse caído em cima de um monte de pedras.

O homem que havia aberto a porta começou a atirar pelo buraco no teto. Hunter levantou-se de um salto me levando consigo e com a outra mão livre pegou Audrey pelo braço e saiu correndo nos arrastando junto pelos telhados das construções em volta.

Como aquele maluco viera parar no telhado? Era bom Hunter se explicar e principalmente, nos contar quem eram aqueles homens e por que queriam nos matar. Audrey é doida, mas não é nenhuma criminosa e nem eu com meu gênio de cão nunca cometi crime algum.

De repente, aquela história da minha semelhança com um cavaleiro templário que viveu em mil novecentos e sei lá quando, me veio à mente. Se esse foi o motivo do ataque, o que será que ele havia feito de tão grave? E por que eu tinha que pagar por isso?

O barulho de tiro zuniu em minha orelha esquerda. O homem havia saído atrás de nós e recomeçou a atirar. Não sei dizer o porquê, mas aquilo fez com que o medo desse lugar a raiva, então sem pensar parei e me virei gritando:

- Por que você não atira na sua mãe idiota!

A minha atitude insana paralisou o homem por um instante. Hunter aproveitou a deixa e jogou Audrey do telhado.

- Não! Você enlouqueceu?, corri na direção em que ele havia jogado a minha amiga. Audrey caíra numa caçamba enorme de lixo e apesar da situação parecia bem.

Não tive tempo de olhar para o Hunter, pois ele me segurou pela cintura e pulou para a mesma caçamba que jogara Audrey.

Com uma agilidade impressionante, ele saltou para fora e nos estendeu as mãos para nos ajudar a sair. Fiz um sinal com a cabeça para Audrey ir primeiro e saltei dali sem a ajuda do Hunter.

- Vamos, o meu carro está bem ali!, ele disse isso apontando para um SUV preto parado do outro lado da rua.

Aquilo estava ficando cada vez mais esquisito. Era como se Hunter estivesse esperando que algo assim pudesse acontecer.

Corremos em direção ao carro e entramos o mais rápido possível. Eu sentei no banco detrás e quando Hunter ligou o carro e saiu em alta velocidade, notei que o homem que nos perseguia havia parado de atirar. E quando eu olhei para o telhado ele estava lá de pé nos observando fugir.

Capítulo 05

Durante a nossa fuga, estranhamente o sedan preto não nos perseguiu. Na verdade, parecia que ninguém via o carro de Hunter passar em alta velocidade pelas ruas movimentadas de Londres. Era como se ele estivesse invisível.

- Será que você poderia nos deixar na casa da Audrey? É perto daqui., pedi.

- Sem chance., respondeu Hunter num tom autoritário.

Depois a mandona sou eu!

- Vou levá-las para um lugar seguro. Mas primeiro, preciso falar com alguém.

- Com quem?, quis saber Audrey.

- Uma pessoa que talvez possa nos dar respostas.

- Não é melhor irmos à polícia? Os policiais investigarão e nos darão respostas melhores. Além do mais, se não contarmos o que aconteceu, dará a impressão que estamos mancomunados de alguma maneira. Passar o resto da minha vida numa prisão não é o meu sonho de consumo., ela disse preocupada.

- E por que cogitariam essa hipótese?, Hunter perguntou curioso.

- Mas isso não é óbvio? Nós fugimos de lá!, respondeu Audrey se irritando com ele.

- Fugimos para salvar as nossas vidas e não para não sermos apanhados., devolveu-lhe Hunter.

Ele parecia estar se divertindo com as indagações da Audrey.

- Com isso eu posso concordar. Mas e depois? Por que não os procuramos para contar o nosso lado da moeda?, ela inquiriu.

Gente, essa mulher tinha que mudar de carreira. Ela daria uma ótima detetive.

Se bem que tinha nexos o que ela dizia. Se éramos inocentes, por que não denunciávamos o ataque à livraria?

- Como você se chama?, ele quis saber.

- Audrey Collins.

- Hunter Davenport. Eu acho que depois de tudo o que passamos juntos, posso lhe chamar pelo seu primeiro nome, não posso?

- Sim, pode.

- Sinto muito pelo o que você e sua amiga acabaram de passar Audrey, mas se quem atirou em vocês for quem eu estou imaginando, quando vocês contarem aos policiais o que aconteceu e eles forem averiguar, vocês serão presas por falso testemunho ou internadas em algum hospício.

- Por quê?, Audrey e eu perguntamos ao mesmo tempo.

- Porque não existirá vestígio algum do ataque na livraria. Tudo estará limpo e no seu devido lugar. Será como se nada daquilo tivesse acontecido.

Audrey olhou para ele como se ele fosse um retardado.

- Sei. E o barulho de tiros? Tenho certeza absoluta que não fomos só nós que o ouvimos.

- Se eu estiver certo, essas pessoas tem o poder de sumir com qualquer prova contra elas.

- E de quem nós estamos falando, afinal?, quis saber me irritando com as respostas vagas dele.

Hunter me encarou pelo espelho retrovisor antes de prosseguir.

- Depois que eu conversar com essa pessoa, prometo explicar tudo para vocês. Chegamos.

Aquela conversa me distraíra e ao olhar a minha volta, não reconheci aquela parte da cidade.

Estávamos parados numa estrada. Do lado esquerdo não havia construção alguma, somente uma área descampada com algumas árvores ao longe e um lago e do lado direito havia um enorme portão de madeira.

- Onde estamos?, perguntei.

Para variar, Hunter não respondeu. Ao invés disso, apertara o botão do interfone.

- Boa tarde. O que deseja?, uma voz cavernosa perguntou.

- Boa tarde, Jonathan. Aqui é o Davenport.

- Seja bem-vindo sr. Davenport., ao dizer isso ouvi um estalo e o portão começou a abrir.

Hunter dirigiu por um longo caminho cercado de eucaliptos. No final dele havia uma fonte com uma estátua em tamanho natural de um cavaleiro templário sem rosto empunhando uma espada. Hunter a contornou e parou em frente a uma gigantesca casa. Será que era uma espécie de sede dos templários modernos? E por que o cavaleiro não tinha rosto?

Havia um homem de terno nos esperando na entrada da casa. Pelo menos esse aí não estava armado.

- Olá Jonathan., disse-lhe Hunter.

- Como vai sr. Davenport?, devolveu-lhe o dono da voz cavernosa.

- Noah está?

Noah? Seria mera coincidência ou ele estava perguntando sobre o mesmo Noah que fora de manhã na livraria?

- Sim, senhor. E eu já o avisei de sua presença. Ele pediu que o aguardasse na sala, pois está numa ligação muito importante.

- Tudo bem, eu espero. O assunto que eu tenho que tratar com ele é grave, não dá para ficar para amanhã. E teria algum problema elas ficarem aqui enquanto falo com o Noah?

- De forma alguma. Por favor, me acompanhem.

O interior da casa era tão bonito quanto o exterior. Acho que serem praticamente os fundadores do banco lhe garantiram um bom lugar para as suas reuniões secretas.

Jonathan nos deixou numa sala com enormes sofás azuis e com uma lareira acesa que proporcionava um calor agradável, especialmente após o que havíamos passado.

- Sentem-se, por favor. Desejam alguma coisa?, ofereceu Jonathan.

- Eu não quero nada, obrigado. E vocês?, perguntou Hunter.

Tanto Audrey quanto eu respondemos não com a cabeça.

Quando Jonathan saiu da sala, perguntei ao Hunter:

- Esse Noah que você veio ver é o mesmo que estive na livraria de manhã?

- É sim.

- Mas você confia nele?

- Por que está perguntando isso?

- Porque você queria saber o que ele fazia lá. Você agiu como se o estivesse investigando. Isso é um sinal bem claro de desconfiança para mim.

Surpreendentemente, Hunter sorriu.

- Quando estivermos na minha casa, contarei para vocês o motivo de eu estar seguindo o Noah.

- Sua casa? Por que nós iríamos para lá? E por que você não pode responder aqui mesmo?, perguntei com gana de torcer o pescoço dele.

- Porque ele é o nosso atual grão mestre, e a minha investigação está sendo feita por conta. E eu disse que as levaria a um lugar seguro.

- Resumindo, o que você está fazendo é considerado traição entre o seu grupo.

- Sim. Não é que não possamos investigar um grão mestre, o que não podemos é fazer isso sem acionar os outros cavaleiros. Nos é ensinado a confiarmos uns nos outros. Se por alguma razão desconfiamos de alguém na Ordem, devemos convocar uma reunião para que se possa averiguar o que está acontecendo.

- O que acontece com alguém como você?

- Sou banido da Ordem em total desonra.

- Que papo esquisito é esse? E de que Ordem você está falando?, Audrey perguntou.

Antes que Hunter pudesse responder, Noah entrou na sala.

- Boa tarde, Hunter. Jonathan disse que você tinha um assunto gra...

Noah pareceu congelar de repente. E é claro que ele teve essa reação porque me viu. Começava a achar que o tal templário era realmente o diabo em pessoa.

- O que ela faz aqui?, Noah perguntou zangado.

- Elas, você quis dizer., Audrey lhe corrigiu.

Foi então que ele notou a presença dela.

- Desculpe-me stra. Collins, não a havia notado.

A resposta dela foi uma erguida de sobrancelha.

- Sinto muito trazê-las para a sua casa sem o seu consentimento, mas foi caso de vida ou morte. Literalmente., Hunter apressou-se em dizer. Só não sabia se era por medo do Noah ou da minha língua.

- O que aconteceu?, perguntou Noah num tom mais ameno.

Hunter narrou desde a entrada dos homens armados até a chegada naquela casa.

- Realmente esse ataque foi no mínimo estranho. Mas por que você trouxe este

caso até mim?, Noah estava tão confuso quanto Audrey e eu estávamos.

- Porque eu reconheci aqueles homens. Eles eram templários.

Noah abriu a boca para falar algo, mas Audrey fora mais rápida:

- Templários? Do que você está falando? Eles foram dizimados da face da Terra há centenas de anos!

- Ouça Audrey, os...

- Por favor, não insulte a minha inteligência Hunter! Você nos trouxe aqui dizendo que suspeitava de algo, até aí tudo bem. Imaginei que fosse alguma quadrilha de criminosos e que essa pessoa que você queria ver pudesse nos ajudar de alguma forma. Mas agora, você vem com esse papo absurdo de templários e quer que confiemos em você?, Audrey estava furiosa e eu não a culpava por isso.

Mas alguma coisa me dizia que aquela história não era tão absurda assim.

- Pode nos dizer onde fica a estação de trem mais próxima?, ela perguntou ao Noah.

- A uns vinte quilômetros daqui.

- Vinte!, Audrey parecia que ia explodir de tanta raiva.

- É que eu moro numa região afastada de York., Noah respondeu-lhe dando um passo para trás, parecendo preocupado com a sua integridade física.

- York?, perguntei espantada.

- Sim, onde mais você estaria?

Ignorei-o. Aquilo não era possível. Uma viagem até York não levaria tão pouco tempo.

- Usei magia para chegar aqui mais rápido., Hunter explicou parecendo ler os meus pensamentos.

- Magia? Minha Nossa Senhora dos Impacientes, dai-me paciência! Mackenzie, vamos embora. Eu prefiro percorrer a Inglaterra inteira a pé do que ficar mais um minuto com esses malucos., dizendo isso Audrey fez menção de sair, mas Noah entrou em sua frente.

- Deixe-me provar que o que Hunter diz é verdade.

- Não, obrigada. Nunca gostei de mágicos.

Quando ela foi desviar dele, Noah a tocou no braço e algo realmente sinistro ocorreu. Audrey desapareceu diante dos meus olhos!

Capítulo 06

- O que fez com ela?, gritei.

- Eu a mandei para o lado de fora da casa., Noah me respondeu com a maior calma do mundo.

Estava ficando difícil saber quem era mais irritante: Hunter ou Noah.

- É melhor você ver como está a sua amiga., sugeriu Hunter.

Olhei para ele e assenti sem discutir. Saí da sala me perguntando quem eram eles. Porque o que Noah fizera com a Audrey decididamente não era um truque de mágica.

Jonathan estava abrindo a porta para ela quando cheguei à entrada da casa. Ela

estava pálida e tremia dos pés à cabeça.

Corri para abraça-la.

- Como você está se sentindo?, perguntei-lhe temendo que ela tivesse sido machucada de alguma forma com a demonstração do Noah.

- Apavorada.

Jamais a havia visto naquele estado.

- Perdão por tê-la assustado, mas eu precisava provar que o Hunter não mentia. É o meu dever proteger os cavaleiros física e moralmente., disse Noah se aproximando de nós.

Ele parou a uma certa distância e aguardou pela reação da Audrey.

Ela ainda estava assustada, mas parou de tremer.

- Posso pedir uma coisa?, ela pediu ao Noah.

- O que quiser., e para minha surpresa, ele disse aquilo de maneira gentil.

- A verdade. É tudo o que eu quero, por mais extraordinária que ela seja.

Noah olhou para o Hunter que acabara de parar ao seu lado e depois para a Audrey.

- Nada mais justo depois de tudo pelo o que vocês passaram. Poderiam me acompanhar até o meu escritório?, ele perguntou indicando uma escada larga e

enorme no centro da parede oposta à porta de entrada. Aquele espaço gigantesco entre a escada e a entrada deveria ser uma espécie de salão, pois não havia mobília alguma ali.

Audrey e eu nos entreolhamos e ela assentiu com a cabeça. Noah foi na frente e quando chegamos perto da escada, notei um lustre imenso de cristal onde as luzes que entravam pelas grandes janelas refletiam sobre ele criando pequenos arco-íris e dando um toque de beleza ao ambiente sofisticado.

Mas ao invés de subirmos a escada, Noah nos conduziu a uma porta que se encontrava atrás dela.

O escritório era bem amplo. Uma das paredes era de vidro e o que se via através dela era um belíssimo jardim com as mais variadas flores e plantas. Na parede atrás da escrivaninha havia uma lareira e um quadro de uma mulher muito bonita que tinha os olhos iguais aos do Noah. Ela deveria ser a mãe ou irmã dele. Num dos cantos tinha uma mesa de madeira com um jogo de xadrez em cristal sobre ela e duas poltronas.

Noah se dirigiu até essa mesa. Acima dela se encontrava um quadro de um vilarejo antigo, o qual ele puxou para o lado revelando uma tela do tamanho de um tablet. Noah colocou sua mão direita sobre ela e após uns segundos uma luz verde acendeu sob a mesma e eu pude ouvir o som baixo de algo se abrindo, mas não vi abertura em parte alguma.

- Por aqui., Noah nos disse indo em direção à escrivaninha.

Para minha surpresa o chão embaixo dela estava aberto, revelando uma escadaria comprida e estreita.

Noah desceu primeiro. Olhei para Hunter que me disse sorrindo:

- Primeiro as damas.

Fulminei-o com o olhar, porém de nada adiantou. Muito pelo contrário, só fizera com que o seu sorriso aumentasse mostrando dentes brancos e perfeitos. Como alguém podia ser tão insuportável?

Resolvi descer logo aquela escada antes que eu cometesse algum desatino. Audrey veio logo depois seguida por Hunter.

O final da escada dava para um grande salão que mais parecia um museu, pois era repleto de artefatos, livros e documentos de aparência muito antiga. No centro havia uma mesa de madeira entalhada com uma espada repousada sobre ela.

A espada parecia novinha em folha de tanto que brilhava. Feita totalmente de prata, o cabo dela tinha um rubi no formato da cruz de Malta no topo e na lâmina havia uma inscrição ‘ Não para nós Senhor, mas para glória do teu Nome. ’.

- Esse é o lema dos templários desde o seu surgimento. Todo cavaleiro que entra para a Ordem o tem gravado em sua espada., disse Noah ao meu lado.

- Então ela é sua., constatei.

- Sim.

- Que lugar é esse?

- Aqui é onde eu guardo tudo o que existe sobre a Ordem e os seus cavaleiros e também os seus segredos mais antigos. Toda vez que um cavaleiro assume o cargo de grão mestre, ele tem que providenciar um local para esconder esses objetos, pois acreditamos não ser seguro mantê-los sempre no mesmo lugar. Afinal, a história já nos provou o que alguém pode fazer só por não entender um povo ou uma cultura.

- Está se referindo aos otomanos, não está?

- Sim, eles queimaram muitos dos nossos documentos e com essa atitude ignorante, muito da nossa história está perdida.

- E que segredos seriam esses?, Audrey perguntou a ele.

- Só os grãos mestres e pouquíssimos cavaleiros podem ter acesso a eles, me desculpe.

- Nesse caso, por que nos trouxe até aqui?, questionei.

- Sua amiga pediu a verdade, lembra?, ele me olhou erguendo uma sobrancelha. – Além do mais, precisamos descobrir por que esses homens atacaram vocês. E se eles são templários de fato, por que o fizeram sem o meu consentimento.

Dito isso, Noah foi até uma das milhares de prateleiras que havia ali e começou a procurar por alguma coisa. Essa prateleira em questão continha livros, todos iguais, como se fossem de uma mesma coleção. Eram pretos com uma escrita dourada na lateral. Quando encontrou o que queria retornou para a mesa em que eu estava.

- Tenho os registros detalhados de vários templários existentes desde que a Ordem fora recriada. Neles consta a história de cada um deles, contendo uma foto ou um desenho, quando possível, se o cavaleiro em questão for de uma época muito remota. Alguns dos mais antigos, aqueles de quando ela foi criada pela primeira vez, foram refeitos através de muita pesquisa.

- Isso significa que você tem a história do tal templário parecido comigo., disse.

- Eu não diria parecido. Está mais para idêntico.

E dizendo isso, Noah abriu o livro na primeira página e o virou para mim.

Num primeiro instante achei que a minha visão estava me pregando uma peça de tanto falarem da minha semelhança com ele. Resolvi pegar o livro do Noah para ver mais de perto e constatei que ele não havia exagerado. Se não fosse um desenho de um homem, eu diria que estava olhando para um espelho.

Capítulo 07

- E aí, o tal cavaleiro é mesmo parecido com você?, Audrey quis saber.

Sem responder, virei o livro para que ela pudesse vê-lo. Audrey arregalou os olhos e depois ficou boquiaberta.

- Mas como isso é possível?, ela perguntou atônita.

- Às vezes, você é mais parecido com um ancestral distante do que com seus próprios pais., respondeu-lhe Noah. – Notou o quadro da mulher no meu escritório? Se não fossem os olhos, você diria que ela é a minha mãe?

- Pelos olhos sim. Pelas feições do rosto não., eu respondi.

Noah e Audrey olharam para mim.

Depois Audrey olhou para ele e disse:

- Desculpe, mas eu não o vi. No entanto, você tem razão sobre a semelhança com um antepassado distante. Minha avó dizia que eu me parecia muito com a bisavó dela.

Eu deveria estar verde, azul ou sabe-se lá de que cor, pois Noah me encarou com um ar preocupado.

- Há uma maneira de descobrir se você é realmente descendente dele., Hunter me disse.

- Como?

- Fazendo um teste de DNA., ele respondeu com a maior naturalidade, como se aquela fosse a resposta mais óbvia.

- Diga-me. Como faremos esse teste se ele morreu há quase mil anos atrás? A não ser que vocês também guardem os corpos de todos os templários no quintal., falei perdendo a paciência.

- Eu não guardo corpos de ninguém no meu quintal, mas eu tenho algo que possa ajudar., disse Noah.

Ele pegou de volta o livro da minha mão e abriu a contracapa. Preso nela havia um frasco com alguma coisa vermelha dentro dele. Aquilo seria sangue? Noah removeu o frasco do livro e o estendeu para mim.

- Eu vou querer saber como você conseguiu isso?, perguntei sem apanhar o frasco da mão dele.

Noah me deu um sorriso largo revelando uma covinha do lado esquerdo do rosto dele. Comecei a me indagar se beleza é um requisito para ser um templário.

- Desde os tempos de sua fundação, na cerimônia em que entramos para a Ordem, cortamos uma mão com nossa espada jurando fidelidade a Deus. Quando ela se reergueu, esse sangue começou a ser posto num recipiente e depois mantido junto com o registro do seu respectivo templário.

- Que coisa mais sinistra! Por que vocês fazem isso?, Audrey perguntou.

- Não me olhe assim. Não fui eu quem criou esse ritual., disse-lhe Noah e virando-se para o Hunter pediu: - Pegue um fio de cabelo da str. Underwood e leve-o junto com o sangue para o laboratório. A não ser que ela não queira fazer o teste., aí ele olhou para mim.

- Eu acho essa história toda uma grande loucura, mas já que não há como negar que esse homem existiu e que ele mais parece o meu irmão gêmeo separado por séculos, vamos fazer esse teste e acabar logo com isso. E vocês podem me chamar de Mackenzie. Gostando dessa situação ou não, vocês estão nos ajudando e eu sou grata por isso.

Apesar dos meus instintos estarem gritando ‘Cuidado!’, eu não podia ser mal agradecida. Eu ainda não confiava em nenhum dos dois, mas ingratidão não era um dos meus defeitos. Arranquei um fio do meu cabelo e o entreguei para o Hunter. Depois me virei para o Noah e perguntei:

- Será que você poderia contar o que esse homem fez de tão terrível que uma suposta descendente dele tenha que pagar pelo seu crime?

Noah respirou fundo. Pelo visto aquela história não o agradava muito.

- Eu não sei o quanto você conhece sobre nós, mas existem até hoje igrejas templárias ao redor do mundo.

- Segundo ela própria, Mackenzie é fascinada por nós., interrompeu Hunter dando uma piscada para mim.

Acho que Noah notou a minha olhada sugestiva para a espada ao meu lado, pois se apressou em dizer:

- Hunter, leve as amostras e diga que é urgente.

- Sim, senhor., Hunter pegou o sangue e saiu com um sorriso torto no rosto.

Eu ainda descobriria um jeito de tirar aquele sorrisinho irritante da cara dele!

- Bem, como eu estava contando, em Londres se encontra uma dessas igrejas chamada Temple Church. No dia de sua inauguração, dois templários, que por sinal eram amigos de infância, foram designados a passar a noite lá porque o superior deles na época temia um ataque. Durante a madrugada, o seu suposto parente nocauteou o amigo e fugiu com uma quantia considerável em ouro que havia roubado da própria Ordem.

- Então, vocês o capturaram e ele foi levado à fogueira por traição., deduzi.

- Quem disse que o fim dele foi dessa forma?, Noah perguntou.

- Ouça, eu posso não fazer parte do seu grupo, mas eu não sou nenhuma ignorante. É fácil deduzir o que aconteceu com ele. Até uma besta entenderia que esse tipo de ato era considerado alta traição e que o culpado pagaria por seus crimes., respondi um pouco alterada.

Por que eu fiquei tão zangada de repente? Não fui eu quem fez essas coisas. E daí que esse homem era meu antepassado? Isso ocorreu há centenas de anos.

Noah ficou me encarando com uma sobrancelha erguida. Esse aí pelo menos não ficava sorrindo o tempo todo.

- O traidor tinha nome?, Audrey perguntou, mas eu não soube dizer se por curiosidade ou para apaziguar os ânimos.

- Nathan., Noah lhe respondeu, porém manteve os olhos em mim.

- E o que aconteceu com ele de fato?, Audrey questionou.

- Nathan desapareceu sem deixar rastro algum. Os cavaleiros o procuraram por meses. Um desenho com o rosto dele foi entregue aos cavaleiros da mais alta confiança juntamente com uma ordem de prisão e imediata execução. Mas ele nunca fora encontrado.

- Mas Hunter me contou que o Nathan havia morrido no dia dez de fevereiro de mil cento e oitenta e cinco. Isso quer dizer que alguém descobriu o paradeiro dele., comentei.

- Essa é a data da inauguração da Temple Church. O grão mestre abafou o caso entre a população para a Ordem não ganhar má fama, afinal quem acreditaria neles se soubesse que havia traidores no meio deles? Muitos reis confiavam os seus tesouros aos cuidados dos cavaleiros, então para não perder o prestígio e o respeito que a Ordem tinha, o grão mestre inventou um ataque à igreja e disse que Nathan havia morrido lutando e com honra.

- E o amigo que estava com ele naquela noite?, perguntei me lembrando deste fato.

- Ele se chamava Jacob. Segundo o relato dele, ele nunca desconfiou do amigo, pois aparentemente Nathan tinha um comportamento exemplar dentro e fora da Ordem. O próprio Jacob se dizia incapaz de acreditar que ele havia pegado algo que não lhe pertencesse, apesar de Nathan ter fugido. Jacob o defendeu até o fim, dizendo que ele deveria ter fugido por não aguentar mais tanta luta e morte e não porque houvesse roubado quem quer que seja. No entanto, a Ordem não acreditou nele e só não o prendeu porque ele tinha uma conduta exemplar e nada fora encontrado em seus pertences. E também porque ele mesmo conduziu uma busca incansável para encontrar o amigo.

- E tudo isso está registrado nesse livro?, perguntei apontando para a mão dele.

- Está sim. Se você quiser pode lê-lo., Noah me estendeu o livro. – Vou pedir para o Jonathan arrumar um quarto para vocês.

- Não será necessário, obrigada., disse pegando o livro.

- Desculpe-me Mackenzie, mas vocês não voltarão para casa até eu resolver essa questão. E além do mais, nada referente aos templários pode sair desta casa., Noah disse categórico.

- Mas não podemos ficar aqui, os nossos pais ficarão preocupados se sumirmos sem avisar., Audrey interveio.

- A minha obrigação não é só com os cavaleiros, é também com quem precisa de ajuda. Não permitirei que saiam daqui correndo o risco de serem mortas. Mas você está certa Audrey. Usem o telefone do escritório e digam aos seus pais que vocês resolveram passar um final de semana em Dublin.

- Dublin? Mas por que Dublin?, ela perguntou.

- Não é bom falar a verdadeira cidade que vocês estão, pois os telefones das suas famílias podem estar grampeados. Mas eu prometo que até domingo eu descubro quem e por que está tentando te matar Mackenzie.

- Acha mesmo que até domingo você consegue resolver tudo?, perguntei descrente.

- Mas é claro que sim!, Noah respondeu animado demais para o momento.

- Como você pode ter tanta certeza que conseguirá? Por acaso é parente do Sherlock Holmes?, debochei.

- Não. Eu simplesmente farei algo milenar, porém simples e muito eficaz.

- E o que seria?, perguntou Audrey.

Noah sorriu de orelha a orelha.

- Dar uma festa!

Capítulo 08

Audrey e eu nos entreolhamos. Noah deveria estar bêbado ou drogado.

- Como uma festa pode nos ajudar?, quis saber.

- Eu convidarei todos os cavaleiros que estão aqui na Inglaterra, mas sem dizer que vocês estarão na festa também e quando eles chegarem, veremos o que os traidores farão.

- Esse é o seu grande plano?, Audrey perguntou desacreditando no que acabara de ouvir.

- Às vezes, uma festa não é tão inofensiva quanto parece Audrey. Mas se serve de consolo, o meu plano envolve mais do que dançar e beber com o inimigo. Agora telefonem para as suas famílias enquanto peço ao Jonathan para providenciar um quarto e roupas para vocês.

Noah foi até a escada e parou para nos aguardar. Não tivemos alternativa a não ser segui-lo. Quando chegamos ao escritório Noah caminhou em direção à mesma tela atrás do quadro e pôs a mão sobre ela para fechar a passagem.

- Deixarei vocês sozinhas. Podem falar o tempo que quiserem com seus pais e quando terminarem, esperem pelo Jonathan. Ele as levará até o quarto que vocês ficarão.

- Só mais uma coisa., disse fazendo com que ele parasse no batente da porta. – Eu posso entender o motivo de vocês por não gostarem do meu ascendente, mas daí querer me matar é um pouquinho demais, não concorda?

Noah me olhou com tamanha intensidade que cheguei a pensar que ele estava tentando ler a minha mente ou me matar com a força do pensamento dele.

- Nós não temos a ideia de que os inocentes pagam pelos pecadores, então desconfio que ou eles são fanáticos ou acham que a sua família sabe onde o Nathan guardou o ouro. Até hoje, muitos desconfiam que ele escondeu boa parte dele, pois se o tivesse usado em grandes quantidades, poderíamos encontra-lo.

- Pelo menos o meu peso vale ouro., zombei achando ridículo o motivo pelo qual tentaram me matar.

Bem que dizem que o dinheiro e o poder cegam as pessoas fracas.

Noah sorriu com o canto da boca antes de sair e fechou a porta.

Respirei fundo e tentei pôr os meus pensamentos em ordem.

- E agora, Mackenzie? O que faremos?, Audrey perguntou preocupada.

- O que o Noah disse. Ligaremos para nossos pais e participaremos dessa maldita festa., disse contrariada.

- Mas isso é loucura! Quem garante que se ficarmos, Noah nos protegerá? Ele pode nos entregar àqueles homens para que eles possam terminar o serviço e ninguém jamais saberá!

- Como assim ninguém? Poxa, eu estou em tão baixa estima com vocês?

Nós nos sobressaltamos. Hunter estava encostado no batente da porta.

- Já voltou?, perguntei.

- Por que, sentiu muito a minha falta?, ele perguntou com um sorriso largo.

Audrey sorriu para ele. Traidora!

- Claro, senti a sua falta assim como eu sinto de uma unha encravada.

- Hunter, você acha seguro ficarmos aqui?, Audrey resolveu perguntar antes que eu o esganasse.

- Desculpe, não entendi. Fiquem aqui? Por quê? Ah, já sei! A sua amiga mandona ficou com medo de cair em tentação e implorou ao Noah para passar a noite aqui., ele disse isso conseguindo alargar ainda mais aquele sorriso enervante.

- Não criatura abominável, o próprio Noah nos convidou., respondi contando até mil.

Hunter parou de sorrir. Finalmente descobri o que tirava o sorrisinho da cara dele. Mas, por que ele não gostava do Noah?

- Presumo que vocês recusaram., pelo seu tom de voz, ele não estava gostando nem um pouco daquela história.

- Não. Ele falou que seria perigoso para nós e nossas famílias se voltássemos para casa antes dele resolver o caso., Audrey esclareceu. – O que foi Hunter? Não podemos confiar nele?

- Podem, é só que...

Ele parou de falar e coçou a cabeça. Tinha algo errado com aqueles dois e dessa vez eu não ia deixar passar.

- O que Hunter? Qual é o problema? E não venha com a conversa ‘depois eu explico’! Ou você conta logo o que você tem contra o Noah ou eu mesma perguntarei para ele!, disse categórica.

Hunter olhou para a porta aberta, fechou os olhos e soltou o ar profundamente. Quando os abriu de novo, eles pareciam mais azuis.

- Pessoalmente eu não tenho nada contra ele. Muito pelo contrário. Quando eu me tornei um cavaleiro, Noah já fazia parte da Ordem, mas não era o grão mestre ainda. E ele sempre me apoiou e ajudou no que podia principalmente no início, no meu período de adaptação. Na verdade, foi ele que me ensinou a lutar e usar a espada. Resumindo, ele é o meu mentor.

Ele disse mesmo ‘*usar a espada*’? Iria ignorar aquilo. Por enquanto.

- E quando ele se tornou o grão mestre?, Audrey perguntou.

- Há um ano.

- E você? Desde quando é um cavaleiro?, perguntei.

- Desde os meus vinte anos.

- Dá para responder de forma mais exata? Eu lá sei quantos anos você tem para saber quando foi isso?

Hunter riu. Qual era o problema daquela criatura?

- Pelo visto, a sua nova diversão é me irritar, não é mesmo Hunter?

- Eu irrita você?, ele parou de rir e me olhou como se tivesse ouvido a melhor notícia do mundo.

- Hunter., Audrey o chamou.

- Sim?, ele respondeu sem tirar os olhos de mim.

- Poderia responder a pergunta. A noite foi longa e eu não estou com paciência e nem humor para respostas evasivas.

- Desculpe. Foi há onze anos.

- Viu, não dói responder alguém de forma direta, sem rodeios., comentei.

- Se ele é o seu mentor e ajudou você, por que te incomoda ficarmos aqui?, Audrey quis saber.

- Nos três primeiros anos como templário, eu viajei muito ao redor do mundo, mal parava em casa. Eu acabava uma missão e já emendava outra. Nos falávamos muito pelo telefone, mas eu quase não o vi neste período. Depois dessa fase, passei a ter missões somente na Europa e em todas elas trabalhei com ele. Por causa da convivência, notei que ele nunca falava da família, de onde era ou qualquer coisa que fosse de cunho pessoal.

- Isso significa que ele é reservado Hunter. Não é crime ser uma pessoa fechada., falei.

- O problema é que não existem fotos ou qualquer indício da vida pessoal dele! Ele não tem nenhuma rede social, nunca foi às festas com ninguém e se vocês repararem, não há fotos de amigos ou familiares. Há somente quadros. É como se ele escondesse algum segredo obscuro do passado dele.

- Hunter tem razão, Mackenzie. Uma coisa é ser reservado outra é esconder fatos para encobrir algo que ele tenha feito de errado.

Realmente, o que Hunter contara fazia sentido. Mas nem morta eu admitiria isso na frente dele.

- Confiando nele ou não, eu não pedi para estar nesta situação, mas já que me colocaram nela eu irei até o fim. Não fugirei como uma covarde, pois não quero passar a vida inteira olhando por sobre os ombros, esperando o próximo ataque ou temendo pela vida das pessoas que amo. Está decidido Audrey, ficaremos aqui!

- Você tem a alma de uma guerreira. Quem sabe você não se torna a primeira mulher a entrar para a Ordem., disse Noah.

Ele estava parado na porta me encarando de um jeito estranho. Por um segundo, pensei ter visto admiração em seus olhos. Depois, ele virou-se para Hunter e perguntou:

- Como foi no laboratório? O técnico falou quando ele pode entregar o resultado do teste?

- Ele disse que até domingo de manhã enviará o resultado por e-mail.

- Excelente!

- Assim tão rápido?, perguntei.

- Como ele vai procurar uma característica específica, o teste pode levar até menos de vinte e quatro horas., Hunter explicou.

- E eu já convidei todos que possam estar envolvidos nesse ataque e marquei a festa para amanhã à noite.

- Festa? Que festa?, Hunter perguntou curioso.

- Depois conversamos Hunter. Agora, acho que as nossas convidadas de honra querem descansar, não é mesmo moças? Jonathan as levará até o seu quarto.

Só quando Noah virou-se para que passássemos, é que eu vi o faz-tudo dele.

- Só mais uma pergunta., eu disse e olhei para o Hunter. – Como você pode ter certeza que os homens que atiraram em nós eram templários? Eles já trabalharam com você?

- Não. Na verdade, eu nunca os vi na minha vida. Eu os reconheci por causa

do broche que eles estavam usando. Era igual a esse.

Hunter apontou para um broche preso no colarinho do seu terno. Tinha o formato da cruz de Malta e assim como a espada de Noah, era feito de rubi.

- Todos ganham esse broche no dia que se tornam cavaleiros., ele explicou.

- Finalmente você respondeu uma pergunta minha sem me enrolar. Obrigada., agradecei irônica.

- De nada mandona., Hunter piscou um olho.

- Boa noite., apressei em dizer antes que eu pulasse no pescoço dele.

- Boa noite., os dois disseram juntos.

Audrey e eu acompanhamos Jonathan em silêncio. O quarto que ele preparou para nós ficava no segundo andar e quando ele abriu a porta parei boquiaberta. O quarto era grande e muito bem decorado. Havia duas camas de solteiro e ambas tinham um dossel branco com rosas azuis iguais as cortinas. Entre as camas tinha um criado mudo com um abajur com a mesma estampa do dossel e logo acima dele havia um interfone na parede.

Jonathan entrou no quarto e foi até um armário embutido que ficava em frente às camas e abriu as portas para que pudéssemos ver o que havia lá dentro.

- Podem usar o que quiserem, e não se preocupem, elas nunca foram usadas. Há um banheiro bem ali e na sacada tem uma mesa com algumas coisas para vocês comerem. Presumi que estariam com fome, mas que não gostariam de jantar com o sr. Templeton e o sr. Davenport. Agora as deixarei sozinhas. Qualquer coisa que precisarem é só me chamar., ele disse isso apontando para o interfone.

- Muito obrigada., disse.

Quando Jonathan saiu e fechou a porta, Audrey correu e a trancou.

- O que foi isso Audrey?

- Prevenir é dever de todos., ela disse.

Fui até uma das camas e me sentei, apoiando a cabeça nas mãos. Aquele foi o dia mais longo da minha vida. E o mais esquisito também.

Audrey sentou-se na outra cama e perguntou:

- Você notou o jeito que eles te olhavam?

- Do que você está falando Audrey?

- Acho que você despertou o interesse deles. E também acho que a recíproca é verdadeira., ela disse com um sorriso animado demais para o momento.

- Poupe-me Audrey! O interesse deles está no meu antepassado e não em mim. E quem falou que eu estou interessada neles?

- A sua irritação.

- O que?

- Eles te deixam muito irritada. Se bem que eu desconfio que o Hunter consiga te tirar do sério com mais facilidade.

- Eu não acredito que eu ouvi um absurdo desses!

- Creio que não seja tão absurdo assim!

- Será que eles me irritam por causa da situação que, de certa forma, eles nos colocaram? E não era você que há uns instantes atrás estava desconfiada deles?

- Eu ainda não confio neles, mas isso não quer dizer que eles não sejam boas pessoas. Eles são inocentes até que se prove o contrário!

- Nós estamos mesmo tendo essa conversa?

A resposta dela foi um sorriso de orelha a orelha.

- Sabe Audrey, acho que você deveria se casar com o Hunter.

- Até que não é uma má ideia. Mas se eu pudesse escolher, eu ficaria com o Nathan.

- Como é? Você enlouqueceu?

- Por quê? Por acaso você não notou aquele rosto?

- É sério isso?

- Amiga, ele era perfeito! Uma versão melhorada sua!, ao dizer isso Audrey caiu na risada.

- Obrigada pela sinceridade. Quem precisa de inimigos quando eu tenho uma amiga como você!, e atirei um travesseiro nela. - Quer saber? Vou tomar um

banho, comer algo e dormir. O dia foi exaustivo e amanhã eu mesma quero averiguar umas coisas, começando por esse livro. E a senhorita irá me ajudar!

- Sim senhora!, Audrey fez continência.

Revirando os olhos fui até o armário, peguei um pijama e me dirigi ao banheiro. Como aquelas roupas foram parar lá era um mistério. Antes de fechar a porta, pedi:

- Esquecemos de ligar para os nossos pais. Será que você poderia fazer isso?

- Minha nossa, é mesmo!

Audrey deu um pulo da cama e apanhou o celular que estava no bolso do jeans dela.

Balancei a cabeça e fechei a porta. Assustei-me com o que vi no espelho. Meu rosto demonstrava todo o cansaço e preocupação que eu sentia. Eu jamais ficara desse jeito. Liguei o chuveiro e quando eu entrei, a água quente foi como um bálsamo para o meu corpo. Não havia notado como ele estava tenso e dolorido. Porém, o que mais estava me incomodando era o que Audrey falou sobre o Noah e o Hunter. Será que no fundo ela estava certa? Chacoalhei a cabeça, tentando afastar essa asneira do meu pensamento. Audrey me infernizava tanto querendo me arranjar um namorado, que eu quase caí na ladainha dela. Eu, interessada no Noah? Pior, no Hunter? Não mesmo!

Quando eu saí do banheiro, encontrei Audrey dormindo sobre a colcha. Peguei um cobertor no baú em frente à cama e a cobri. Ela me deixava louca às vezes, mas a amava como a uma irmã. Depois, fui até a sacada e vi que ela era toda fechada com vidro, e o aquecedor ligado num dos cantos, deixava o ambiente aconchegante. A mesa que o Jonathan havia falado estava repleta de pães, frios, frutas e dois bules, um com leite e o outro com chá. Aquele homem sabia das coisas. Eu não aguentaria comer nada pesado, apesar de só ter tomado o café da

manhã.

- Jonathan, você irá para o céu sem fazer curva., disse para mim mesma.

Ao terminar de comer, fui deitar. Achei que não conseguiria pegar no sono rápido, mas mal me ajeitei na cama, dormi. Melhor, desmaiei. Mas não foi um sono tranquilo. Sonhei que eu estava em uma igreja que não conhecia e Nathan estava de pé no altar. Ao me aproximar, ele puxou sua espada, fez um corte em sua própria mão, a estendeu para mim e disse ‘Me ajude.’.

Acordei sobressaltada e por um instante achei ter visto Noah na frente da cama me observando.

Capítulo 09

Na manhã seguinte, acordei com alguém batendo na porta. Olhei para a cama ao lado e vi que Audrey continuava dormindo. Só um terremoto para acordar aquela ali. Levantei me sentindo um pouco desnorteada e ao abrir a porta, me arrependi na hora de tê-lo feito.

- Bom dia mandona!. Hunter cumprimentou alegre.

Se eu acreditasse em reencarnação, diria que eu fiz o pão da Santa Ceia e caprichei na pimenta.

- Bom dia., respondi contrariada. – Já está aqui Hunter.

- Mas eu nem saí!, ele disse alargando o sorriso.

- Você dormiu aqui?

- Mais exatamente no quarto bem em frente ao de vocês., ele contou mostrando a porta bem em frente à nossa.

Inspirei bem fundo e soltei o ar lentamente, imaginando que eu teria mais um longo dia pela frente.

- E posso saber por que você está aqui? Por acaso será a nossa babá?

- Mais ou menos. Noah teve que sair e me pediu para ficar de olho em vocês.

- Ele pediu ou você se voluntariou?

- Antes de sair Noah deixou a passagem do escritório dele aberta, caso você queira dar uma olhada em alguma outra coisa., Hunter falou desconversando.

- Mas não é perigoso deixa-la aberta? E se alguém invadir a casa dele?

- Primeiro, nós não divulgamos no jornal a lista de nomes e endereços dos templários e segundo, Jonathan é mais que um mordomo. E acredite em mim, não é fácil passar por aquele armário. E então, já tomou o café da manhã?

- Ainda não. Acordarei a Audrey e daqui a pouco desceremos.

- O café de vocês foi posto sobre a mesa na varanda. E antes que você pergunte quem foi o abusado que entrou aqui enquanto vocês dormiam, foi Anne quem fez isso., ele apressou-se em dizer.

- E quem é Anne?, perguntei erguendo uma sobrancelha.

- A cozinheira. Quem mais seria?

- Obrigada por me avisar., dizendo isso, fiz menção em fechar a porta, mas Hunter a segurou.

- Estarei no escritório, caso você, quer dizer, vocês precisem.

Seria impressão minha ou Hunter corou um pouco? Não, aquilo foi só impressão minha. Aquela criatura não tinha um pinga de vergonha na cara e não seria agora que começaria a ter.

- Está bem, obrigada., e fechei a porta.

- Estarei no escritório caso você precise é?, Audrey estava deitada de lado com a cabeça apoiada em uma das mãos.

- Vocês. Ele disse vocês! E desde quando está acordada?

- Desde o momento que ele bateu na porta., ela disse sem a menor vergonha.

- Como é? Você fingiu que estava dormindo só para eu atender a porta? Por quê?

- Ora, imaginei que seria um dos bonitões e deixei que você fizesse o sacrifício enorme de conversar com ele., Audrey sorriu.

- Você não tem vergonha em empurrar a sua amiga para cima desses desconhecidos?

- Nenhuma! E eles podem ser desconhecidos, mas estão tentando salvar as nossas vidas e melhor ainda, são lindos!

- Você é impossível, sabia?

- E você me ama mesmo assim. Agora me deixe tomar um banho, ontem eu desmaiei e nem vi você sair do banheiro., Audrey pulou da cama e estava indo para o banheiro quando eu me lembrei de uma coisa:

- Audrey, você conseguiu falar com os nossos pais?

- Consegui, e eu disse o que Noah sugeriu. Que estávamos indo passar o final de semana em Dublin.

- E eles desconfiaram de algo?

- Não. Nós nunca mentimos para eles, então eles só desejaram uma boa viagem e que nos divertíssemos muito.

Eu não estava gostando de ter que mentir, mas se isso os mantivesse a salvo, eu contaria até mil mentiras se fosse preciso.

- E como eles estavam?

- Bem. E Noah tinha razão, essas pessoas que atiraram em nós apagaram qualquer indício do que fizeram.

- Por que você está dizendo isso? Não me diga que você perguntou sobre a livraria para eles?, perguntei com o coração na garganta.

- Claro que não Mackenzie! Mas se eles soubessem de alguma coisa, teriam

me perguntado o que aconteceu.

- Desculpe Audrey. Eu estou à flor da pele. Nós nunca passamos por uma situação dessas.

- Eu entendo minha amiga. Mas fique tranquila, depois deste final de semana, nunca mais passaremos por isso de novo.

- Tomara!

O que nós não contávamos, era que o final de semana estava só começando.

Capítulo 10

Depois de tomarmos café, resolvemos descer, só que por motivos diferentes. Audrey foi encontrar Hunter no escritório e eu fui procurar por Jonathan. Se tinha alguém que poderia me dar informações mais precisas era ele. Hunter tinha um pé atrás com o Noah e eu devo admitir que ele tinha razão. Encontrei-o na sala que ele havia nos levado na noite anterior.

- Bom dia Jonathan.

- Bom dia senhorita., ele devolveu com um sorriso surpreendentemente

simpático.

- Mackenzie, por favor.
- Como preferir.
- Posso fazer umas perguntas a você?
- Pergunte o que quiser Mackenzie.
- Você trabalha para o Noah há muito tempo?
- Há uns vinte anos.
- Então, você conheceu os pais dele.
- Não. O sr. Templeton me contratou logo após a morte dos pais. Ele era muito jovem quando eles morreram num acidente de barco e precisava de alguém para ajuda-lo nos negócios da família.
- E que tipo de negócio seria?
- Indústria de calçados. A sede fica em Londres, mas ele tem filiais pela Europa.
- E quem é aquela mulher do quadro no escritório?, perguntei apesar de já saber a resposta.
- A mãe dele. Os olhos dele são idênticos aos dela, mas creio que o sr. Templeton seja parecido com o pai.

- Por que diz isso, por acaso você nunca viu uma foto dele?

- Não, nunca. Quando eu comecei a trabalhar para ele, o sr. Templeton já havia tirado todas as fotos dos pais que haviam na casa. Na época achei estranho e cheguei a questioná-lo, no que ele respondeu falando que não suportava olhar para as fotografias sabendo que eles jamais retornariam. Mas ele as guarda no cofre do quarto dele.

Minha vontade foi perguntar ‘e você já as viu lá?’, porém imaginei que ele desconfiaria e se recusaria a responder qualquer outra coisa. Então decidi mostrar-lhe que eu só estava desconfiada dos homens que supostamente queriam me ajudar.

- E o Hunter, acha que eu posso confiar nele?

- Completamente. O próprio sr. Templeton confia cegamente nele. Tanto que ele é um dos poucos que tem acesso aos arquivos da Ordem.

- Obrigada Jonathan, fico mais tranquila em ouvir isso. Afinal eu nunca os vi antes e sabe como é, o desconfiado é vivo até hoje., e lhe dei o meu melhor sorriso.

- De nada. E não se acanhe em perguntar, eu faria a mesma coisa em seu lugar. Se eu puder ajudar em alguma outra coisa, é só falar!

- Para ser sincera, pode sim. Noah me emprestou este livro e eu gostaria de lê-lo aqui. Tem algum problema se eu ficar lendo nesta sala?

- Problema nenhum. Quer que eu peça a Anne para lhe trazer algo enquanto você lê?

- Não é necessário, mas obrigada.

- Então, com licença.

Jonathan me deixou sozinha na sala. Sentei-me numa das poltronas e comecei a ler os registros do Nathan. Nele havia relatos das pessoas que o conheciam, dos templários, incluindo o grão mestre e o melhor amigo dele, Jacob e de uma moça por quem ele fora apaixonado, Sarah. Todos, sem exceção, não acreditaram que ele tivesse feito aquilo; diziam que ele era a pessoa mais gentil, honrada e solícita que eles conheciam. Mas os fatos só o incriminavam. Uma boa quantia em ouro fora roubada de Temple Church na noite que ele desaparecera, e para piorar a situação, ele realmente agredira o tal Jacob. E desde então, nunca mais fora visto.

Apesar de tudo estar contra Nathan, eu não conseguia acreditar na culpa dele. Alguma coisa naquela história estava mal contada. Como uma pessoa de um caráter tão nobre roubaria algo que não fosse dela e ainda agrediria o melhor amigo? O pior é que, na noite em que aconteceu esse roubo, haviam somente duas pessoas lá: Nathan e Jacob. Espere um segundo. Mas é claro! Jacob! Como eu não pensei nisso antes! Noah contou que havia um livro para quase todo templário existente, isso significa que deveria existir o do Jacob!

O estresse de ontem deve ter afetado o meu raciocínio, senão eu teria pego o registro dele também.

Fui até o escritório e a passagem estava aberta como Hunter havia me dito. Ao chegar à sala secreta, encontrei os dois debruçados sobre um livro.

- O que vocês estão olhando com tanta atenção?, perguntei.

Os dois pularam assustados.

- Credo Mackenzie, que susto!, Audrey falou.

- Desculpe. E então, podem me contar o que é isso ou é segredo de estado?,

brinquei.

- É o registro do Noah. Pedi ao Hunter que o pegasse para mim.

- E o que você descobriu?

- Nada. Hunter não exagerou ao dizer que ninguém sabe nada a respeito dele. Nada consistente, pelo menos.

Aproveitei a deixa e contei tudo o que o Jonathan me disse.

- Tudo o que ele te falou consta no registro, mas essas fotos não existem Mackenzie. Eu mesmo já as procurei uma vez que eu fiquei sozinho aqui.

- Você andou bisbilhotando a casa alheia Hunter? Que coisa feia!, zombei.

Ele nem ao menos teve a decência de ficar vermelho.

- Eu só estava procurando por qualquer coisa que fosse do passado dele. E como eu já falei, não há nada! As únicas coisas que eu encontrei naquele cofre foram documentos referentes às empresas dele e dinheiro. Nem mesmo a certidão de nascimento estava lá!

- Mas o registro dele tem uma cópia da certidão e ela diz que o Noah nasceu em Londres no dia vinte e três de janeiro de mil novecentos e oitenta. Ele pode guardar os documentos pessoais em outro lugar, Hunter., Audrey comentou.

- Pode ser. Assim como a certidão pode ser falsa!

- Você não acha que está obcecado demais e isso o pode estar cegando da verdade?, Audrey observou.

Hunter não respondeu. Ele parecia determinado em encontrar uma verdade que talvez não existisse. Resolvi mudar de assunto.

- Vim devolver o registro do Nathan., e lhe estendi o livro. – Será que eu poderia ver outro?

- Claro, e qual seria?, Hunter pegou o livro da minha mão e o levou para a prateleira de onde Noah o tirou.

- O do melhor amigo dele, Jacob.

Hunter parou e me encarou com uma sobrancelha erguida. Então voltou para a mesma prateleira e pegou o livro que eu pedira.

- Imaginei que você iria querer vê-lo também., ele disse me entregando o livro.

- Obrigada.

- Desconfia que o Nathan seja inocente, não é?

- Desconfio. É muito estranho um homem como ele ter cometido esses crimes. Só se ele fosse muito falso!

- Compartilho da mesma opinião., ele disse sorrindo.

- Então somos três!, Noah disse às minhas costas.

Nós três nos sobressaltamos e eu, com o susto, derrubei o livro no chão.

Nenhum de nós o ouviu chegar. Acho que ele não anda, flutua. Ou se tele transporta, vai saber. Depois de ontem, eu não duvido de mais nada!

- Desculpe, eu não quis assustá-los., Noah pegou o livro e o colocou sobre a mesa onde o Hunter e a Audrey estavam parecendo não notar que que era o registro dele que eles olhavam. - Mas eu concordo, é realmente estranho um homem de caráter tão honroso ser condenado por roubo e traição. No entanto, as evidências dizem o contrário e infelizmente, não há como voltarmos no tempo e perguntar ao próprio Nathan o que aconteceu de fato. Porém, sei de algo que podemos fazer.

- E o que seria?, Hunter perguntou.

- Combinar o que faremos hoje à noite.

- Até que enfim! A ideia de rever os homens que atiraram em nós não é nada reconfortante, ainda mais sem um plano., Audrey falou.

- Hunter ficará com vocês no quarto até eu enviar uma mensagem dizendo que podem descer.

- Não, eu quero ficar e pegar os canalhas que tentaram mata-las!, Hunter disse furioso.

- O problema é que se eles o virem eles saberão que você me contou o que fizeram, e eu quero pegá-los desprevenidos. Suspeito que eles não agiram por conta própria.

- Mas eles já devem imaginar que o Hunter veio falar com vocês., eu disse.

- Não, eles devem estar imaginando que vocês ainda estão fugindo e que Hunter só virá falar comigo quando vocês estiverem bem protegidas. E como eu

darei a festa hoje à noite, eles serão obrigados a vir e terão que parar de procurá-los ao menos por hoje.

- Então eles estão tranquilos pensando que tem alguns dias de vantagem até Hunter falar com você., Audrey concluiu.

- Exatamente., Noah sorriu para ela, contente por alguém ter entendido a sua linha de raciocínio.

- E você falou qual seria o motivo da festa?, perguntei intrigada.

- Falei e de certa forma eu não menti. Disselhes que um novo templário seria apresentado a Ordem e que Tristan traria a espada dele.

- E quem é Tristan?, perguntei.

- O nosso ferreiro do século vinte e um. Ele é dono de uma indústria de armas. Há séculos a família dele fabrica as espadas dos cavaleiros., Noah explicou.

- Então, ser um templário é uma espécie de herança?, Audrey perguntou olhando para mim de uma maneira esquisita.

- Não, não é. Apesar de usarmos o termo ‘tornar-se um templário’, a verdade é que você nasce um e não se torna um. Quando ela surgiu, os cavaleiros foram selecionados, mas desde a época em que ela se reergueu eles são predestinados. É claro que já existiram alguns casos de herança, mas são raros.

- E como vocês sabem quando surge um novo?, Audrey perguntou cada vez mais interessada.

- Toda pessoa designada a fazer a espada de um templário nasce com o dom

da vidência. Quando está para surgir um, o ferreiro sonha com ele e projeta uma espada exclusiva para aquele cavaleiro.

- Então esse tal Tristan sonhou com um e fez uma espada para ele. E quando foi isso?, perguntei curiosa.

- Há vinte e sete anos.

Calafrios percorreram o meu corpo todo. Aquilo tinha que ser uma tremenda coincidência.

- E por que só agora ele trará a espada? Geralmente eles sonham um ano antes do cavaleiro ser chamado para a Ordem., dessa vez foi Hunter quem ficou curioso.

- Segundo ele, esse cavaleiro nascera não só para ser um templário, mas também para trazer mudanças. E ele só seria chamado quando chegasse a hora certa.

- Eu nunca ouvi sobre um caso assim antes., Hunter comentou.

- E nem eu! Mas há mais. Pela primeira vez em toda a história da Ordem, teremos uma mulher templária!

- E quem é essa mulher?, Hunter perguntou surpreso.

Noah olhou para mim de forma enigmática. Por favor, não diga o que eu acho que você vai dizer, pensei desesperada.

- Mackenzie Underwood.

Capítulo 11

Pela primeira vez vi Audrey e Hunter ficarem sem palavras. Mesmo eu não sabia o que falar. Aquilo só podia ser um pesadelo! Tudo o que eu queria naquele momento era acordar na minha casa e descobrir que tudo não passou de um sonho maluco.

- Como você pode ter certeza de que essa mulher sou eu?, perguntei com a esperança de que esse Tristan tivesse se enganado.

- Hoje de manhã ele me ligou e pediu para que eu fosse a casa dele urgentemente. Chegando lá, Tristan me disse que teve uma visão da mesma mulher com quem ele sonhara há muitos anos atrás correndo perigo e que finalmente chegara a hora de entregar a espada dela.

- Isso não dá garantia alguma que seja eu.

- Verdade. Mas quando Tristan sonhou com essa mulher pela primeira vez, ele a desenhou. E ontem ele me mostrou pela primeira vez para que eu pudesse ir atrás dela e anexar ao seu registro.

- Já existe um registro para ela?, Audrey perguntou surpresa.

- Não, mas eu terei que cria-lo a partir de hoje.

- E onde está esse desenho?, perguntei com medo de ver o rosto que havia nele.

Noah abriu a pasta que ele estava segurando, tirou uma folha amarelada e a estendeu para mim.

Pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas eu me deparei com algo surreal. A data no desenho era de um dia antes de eu nascer e sem a menor dúvida, era eu naquele desenho. Droga!

Entreguei a folha para que Audrey e Hunter pudessem ver o desenho. Ambos abriram a boca estupefatos.

- Noah, não tem como você passar essa espada para outra pessoa? Afinal, você é o grão mestre., questionei na esperança de que houvesse um meio de ele poder fazer isso.

- Não sou eu que escolhe quem deve ser ou não um templário Mackenzie. Você foi predestinada, não há nada que eu possa fazer a respeito. Sinto muito.

- Mas eu não quero esse fardo para mim. Gosto da minha vida exatamente como ela é!

- Isso não é um fardo e sim uma benção Mackenzie., Hunter falou saindo do seu estado de torpor.

- Ele está certo. E não se preocupe, nós a ajudaremos em tudo o que precisar. Ensinaresmos você a lutar, contaremos tudo sobre a Ordem e prometo que jamais a enviarei para uma missão num país em guerra., Noah disse gentilmente.

Ele disse aquilo tentando me acalmar, mas não surtiu efeito. Todos os músculos do meu corpo se retesaram e minha cabeça parecia que iria explodir. Noah deve ter notado o meu estado de nervos, pois sugeriu:

- O que você acha de conhecer o jardim, Mackenzie?

- Conhecer o jardim? Agora?, Hunter perguntou estranhando a sugestão.

- E por que não? Lá é muito bonito e tranquilo. Acho que isso faria bem a ela neste momento.

Hunter olhou para mim. A minha cara não deveria ser das melhores, pois ele acabou concordando com Noah.

- Tem razão. Quer que eu os acompanhe?

- Não precisa. Leve Audrey para a sala de jantar. Anne me disse que o almoço já está servido. Vamos Mackenzie?

Assenti com a cabeça e o segui até o jardim.

De fato, a beleza e a tranquilidade daquele lugar eram, de certa forma, reconfortantes. O silêncio que imperava ali não era opressor, muito pelo contrário, era acolhedor. Talvez Noah tivesse razão. Eu precisava assimilar o que estava me acontecendo nessas últimas horas e silêncio com certeza ajuda no processo.

- O seu jardim é realmente muito bonito., comentei enquanto andávamos calmamente.

- Obrigado. Sabia que o gosto por plantas e flores eu herdei da minha mãe?, ele disse para minha total surpresa.

- É mesmo?, tentei não demonstrar muito espanto com medo que ele se fechasse e mudasse de assunto.

- Todo o conhecimento que a minha mãe tinha sobre elas, ela me ensinou. É claro que eu não tenho o talento dela, mas procuro cuidar da melhor forma desse jardim.

- Esse jardim foi criado por ela?

- Não, o meu pai o fez para ela e o deu de presente de casamento. Mas era ela quem cuidava dele todos os dias. Segundo ela, um jardim era como uma pessoa que amamos, precisava de cuidados e carinho diários.

- Sua mãe deveria ser uma pessoa muito gentil., comentei.

- Sim, ela era. Chegamos ao meu lugar favorito da casa., Noah disse isso apontando para uma entrada feita de cerca viva.

- O que é isso?

- Um labirinto.

Olhei para ele com uma sobrancelha erguida. Eu não gostava nem um pouco de labirintos. Detestava a ideia de ficar presa lá e nunca mais sair.

- Qual é o problema Mackenzie? Não me diga que tem medo de labirintos?, ele perguntou querendo rir.

- Eu não diria medo, eu tenho cisma com eles.

Noah começou a rir e o som de sua risada ecoou pelo jardim.

- Não entendo o que você acha tão engraçado., e fiquei pensando que ele deveria ter algum parentesco com o Hunter.

- Desculpe, mas é engraçado uma pessoa enfrentar alguém que está tentando te matar, mas tem medo de algo tão inofensivo como um labirinto., ele falou enxugando os olhos com as costas da mão.

- Estou ouvindo o som de água. A fonte que está na entrada da sua casa fica perto daqui?, perguntei desconversando.

Se tinha uma coisa que eu não faria nem morta, seria entrar naquele labirinto. Ainda bem que Noah entendeu a dica e respondeu:

- Não, esse som vem de outra fonte. Quer vê-la?

- Claro., respondi aliviada.

Voltamos um pouco pelo caminho que viemos e viramos à esquerda. Deparei-me com uma fonte menor do que a outra, mas essa era sem sombra de dúvida, muito bonita. Uma mulher usando um vestido antigo tinha um cachorro sentado aos seus pés e segurava um guarda-chuva aberto; a água jorrava das laterais do guarda chuva, dando a impressão que chovia onde a mulher estava. Parei em frente à fonte e inspirei profundamente fechando os meus olhos. O som da água serviu de bálsamo para mim, até os meus músculos relaxaram.

- Está vendo aquelas flores atrás da fonte?, olhei para o Noah e ele estava apontando para uma planta com um metro de altura mais ou menos. Suas flores eram delicadas e pareciam mini buquês.

- O que tem ela? Espere, já sei! Se eu comer a raiz dela ou algo assim posso morrer? Valeu pela dica, poderá ser útil na próxima vez que o Hunter me infernizar.

- Você é muito engraçadinha, sabia disso? E não, não é para isso que a

valeriana serve. Apesar de você ter acertado qual parte dela a usamos, ela não mata. Se bem que se você a ingerir em excesso poderá ter alucinações e fortes dores de cabeça. Mas se você fizer um chá da raiz ela agirá como um ansiolítico natural.

- Está sugerindo que eu estou estressada? Porque se for isso, sou obrigada a concordar. Dá para você me arranjar um quilo dessa raiz? Pensando melhor, no estado em que me encontro, acho que vou fazer uma plantação dela no quintal de casa!

Noah me encarou como se estivesse tentando ver o que se passava na minha mente.

- Qual é o seu lugar favorito no mundo todo? Aquele que se você pudesse, estaria lá neste exato momento.

Mesmo estranhando aquela pergunta, não pude deixar de sorrir. Com certeza, aquela era a pergunta mais fácil que eu poderia responder:

- Contrà Pria. Fica em...

- Arsiero. Eu sei, já estive lá. Se esqueceu de que os templários ficam mais tempo rodando o mundo do que em casa? Mas não se preocupe, vai chegar a sua vez também.

Ele me deu um sorriso torto, não sei se por simpatia ou perversidade mesmo.

- Agora, se você fechar os olhos, consegue visualizar esse lugar com riqueza de detalhes?

- Que pergunta! Claro que sim!

Noah estava começando a me irritar com aquela conversa.

- Então, feche os olhos e se imagine lá.

- Por que isso agora...

- Apenas faça Mackenzie. Ou você tem medo que a sua memória não seja tão boa assim?

Percebi que ele estava se esforçando para não rir. O que eu tinha que as pessoas gostavam tanto em me provocar?

- Se eu fizer isso, você para de me encher?

- Palavra de escoteiro!, e seu sorriso se alargou ainda mais.

Aquela atitude estava me preocupando. Esperava aquilo do Hunter e não dele!

Fechei os olhos e respirei fundo. Na mesma hora, pude ver o pequeno canyon onde eu passava as minhas férias todos os anos quando era criança. Para mim, aquele era o lugar mais lindo do mundo. Contrà Pria estava tão gravada na minha memória que eu poderia ouvir o som das águas cristalinas e sentir o sol batendo em meu rosto como se estivesse lá de fato.

De repente, Noah segurou a minha mão e no instante seguinte senti como se meus pés estivessem dentro de águas geladas. Está certo que a minha memória era excelente, mas a sensação era tão realista que eu pude sentir os meus pés começarem a ficar molhados!

Abri os olhos e Noah não estava na minha frente. O que estava diante de mim eram as paredes de pedra que circundavam as piscinas naturais de Contrà Pria.

- É aqui, não é?, a voz do Noah vinha do meu lado esquerdo.

Pelo visto, ele fez comigo o que fez com a Audrey, só que desta vez ele viera junto.

Com certeza era o lugar que eu havia dito a ele, mas eu não pude falar nada, pois uma emoção muito forte me dominou, me impossibilitando de emitir qualquer som, imagine falar.

Não ia para Arsiero desde que a minha avó morrera.

- Está tudo bem, Mackenzie?

Olhei para o Noah e ele parecia preocupado. Fiz que sim com a cabeça.

- Olha, se você quiser, podemos voltar. Eu só te trouxe aqui porque você mesma disse que era o lugar que gostaria de estar e achei que poderia te ajudar a se acalmar. Não fiz isso para te trazer mais desconforto ainda., ele me fitou sem jeito.

Era visível que ele se arrependera do que fizera. No entanto, a sua curiosidade falou mais alto e ele acabou perguntando:

- E então, quer me contar o porquê esse lugar te deixou triste ao invés de feliz?

Respirei fundo e limpei a garganta. Eu não gostava de falar de mim e muito menos para uma pessoa que eu mal conhecia, mas eu devia isso a ele. Noah só estava tentando ser gentil e não merecia um ‘Não é da sua conta!’ como resposta.

- Minha avó Teresa nasceu aqui em Arsiero. Quando ela era jovem, se mudou

para Londres para estudar História e acabou conhecendo o meu avô na universidade. Segunda ela, foi antipatia à primeira vista. Os dois viviam divergindo, raramente concordavam com alguma coisa. Mas vovó dizia que não conhecia pessoa com um coração mais bondoso e gentil do que o dele. E quando se deram conta, estavam num altar se casando, extremamente apaixonados. Todos os anos desde então, eles vinham para cá passar as férias, assim ela poderia rever os amigos e a família. Foi neste lugar que ela me ensinou a nadar.

Eu só me dei conta que estava chorando porque o Noah enxugou as minhas lágrimas com as pontas dos seus dedos. Aquela gentileza toda estava começando a mexer comigo de um jeito preocupante.

- Acho melhor voltarmos., ele ficou sério de repente.

- Desculpe. É que faz um longo tempo que eu não venho a este lugar. Teresa foi uma pessoa muito importante para mim e voltar aqui é como se eu estivesse voltando para ela. Você consegue entender isso?

Noah assentiu com a cabeça, pegou a minha mão e num segundo estávamos de volta ao jardim da sua casa.

- Você precisa me ensinar a fazer isso! Vou economizar uma nota em passagens., tentei brincar, já que estraguei a delicadeza que ele me fez.

- Fique aqui. Vou buscar algo que talvez você goste de ver.

Ele desapareceu no ar e antes que eu pudesse piscar estava de volta com um dos registros na mão.

- Acho que você queria ler este aqui, não é mesmo? Jacob era a pessoa mais próxima do Nathan naquela época. Quem sabe você não vê algo que deixamos passar despercebido.

Pode até ser, mas para ser bem honesta, estava mesmo era morrendo de curiosidade para ver o que havia ali.

- Muito obrigada.

Um silêncio constrangedor se instalou entre nós e eu não sabia o que falar para quebra-lo. Por sorte, Noah resolveu se manifestar primeiro.

- Eu sei sobre a desconfiança do Hunter., Noah falou me pegando de surpresa.

Olhei para ele e não notei nenhum traço de raiva ou ironia.

- Sobre o que você está falando?, fingi não saber nada a respeito, pois eu não queria pôr lenha na fogueira.

- Você sabe do que estou falando Mackenzie.

- Se você está se referindo sobre as minhas perguntas ao Jonathan, elas não tem nada a ver com Hunter ou quem quer que seja. Coloque-se no meu lugar por um segundo que seja; você não iria querer saber sobre a pessoa misteriosa que está te ajudando?, falei tentando não culpar Hunter ainda mais.

Eu o achava insuportável, mas não iria arrumar problemas para ele depois de ter salvo a mim e a Audrey.

- Então você andou perguntando sobre mim ao Jonathan? E ainda por cima, me acha misterioso? Mas que interessante!, ele disse sorrindo de forma estranha.

- Não fique convencido, Noah! Minha atitude foi absolutamente normal., me defendi.

- Claro., Noah disse não acreditando muito em mim.

- E por que você acha que o Hunter desconfia de você?, perguntei tentando tirar a atenção dele para o que eu havia dito.

- Vejo como ele me olha às vezes. E ele também já interrogou o Jonathan., ele me olhou de maneira sugestiva.

Decididamente ele não parecia zangado. E isso soou bem esquisito.

- Porém você não o baniu da Ordem. Por quê?

- Porque ele é uma ótima pessoa, ele só não se conforma com o que aconteceu. E isso eu posso entender. Seria ignorância da minha parte banir um excelente cavaleiro só por birra, ou pior, para demonstrar quem é que manda.

- E o que aconteceu? Se é que você pode me contar, é claro., emendei rápido, no entanto torci para que ele contasse o resto da história.

- Quando o grão mestre anterior morreu, dois nomes apareceram para sucedê-lo: o meu e o do Hunter. Então houve uma votação e você já sabe o final.

- Você venceu., concluí.

Isso explicava a obsessão dele. Eu até poderia concordar que era estranho Noah ser tão reservado, mas daí Hunter perseguiu-lo até descobrir algum podre dele, já era demais.

– E como o Hunter reagiu ao resultado?

- Aparentemente bem. Ele me cumprimentou pela vitória e desde que eu

assumi a função, Hunter nunca questionou as minhas decisões e nem mesmo se recusou em ir às missões que eu o enviava. Mas de uns tempos para cá, ele anda me investigando, como se procurasse por algum segredo sórdido.

- Ou você tem um coração de ouro ou está planejando alguma vingança maligna., brinquei, porém com medo de ouvir a resposta dele.

- Nunca ouviu a expressão ‘Quem não deve não teme’? E tem mais, se eu for me vingar de todas as pessoas que desconfiam de mim eu não farei outra coisa na vida Mackenzie. Um dia Hunter superará e voltará a confiar em mim.

- Que bom que você é um ser evoluído, não é?, falei ainda descrente de tanta bondade.

Eu sei que existem pessoas que dão a outra face, mas algo me dizia que tinha mais nessa história do que os dois estavam contando. Se bem que eu sou desconfiada por natureza e poderia estar sendo injusta também. Mas eu tinha outras prioridades no momento, não podia me dar ao luxo de ficar analisando quem era o mais louco.

- Você se incomodaria de eu me sentar aqui um pouco? Prometo não ficar por muito tempo., pedi.

- Fique o tempo que quiser., ele disse.

- Ah, mais uma pergunta: você comentou da sua desconfiança de haver uma outra pessoa por trás do ataque. Por um acaso, ela não poderia ser um dos templários que tem acesso aos seus arquivos? Pois só assim ela saberia sobre o Nathan e a semelhança entre nós.

Noah me encarou como se não acreditasse no que acabara de ouvir.

- Você é superdotada, não é?

- Na verdade, eu sou. O meu Q.I. é de 181. Por que?, perguntei espantada por Noah ter notado algo que raramente alguém notava.

- Você deduz as coisas rápido demais. Isso não é normal. Mas, respondendo a sua pergunta, se eles agiram a mando de alguém, com certeza é um desses templários.

- E quantos seriam?

- Além de mim mesmo, três: Jonathan, Robert e Hunter.

- Tão poucos assim!

- Não é bom os nossos segredos serem divulgados a todos, pois infelizmente alguns se deixam envenenar pelo poder.

- Bem, pelo menos isso reduz de forma considerável a lista de quem interrogar. Agora só há um!

- Um?

- Esse tal de Robert. Jonathan está aqui com você há anos, Hunter nos salvou e você está tentando nos ajudar sem nem ao menos nos conhecer.

- Desculpe, mas para mim, isso não quer dizer nada. Todos são suspeitos. As aparências enganam às vezes, Mackenzie.

E antes de sair, ele me olhou tão intensamente que seus olhos escureceram ainda mais. Depois ele sumiu me deixando sozinha e estranhamente

incomodada. Com medo do que eu poderia encontrar se ficasse me autoanalisando, decidi me concentrar em solucionar aquele mistério, pois quanto antes eu resolvesse aquilo mais rápido eu sairia de lá.

Sentei-me na beirada da fonte. As aparências podem enganar, mas por que ele ou o Hunter, sendo culpados, nos ajudariam? Disfarce ou era algo a mais que não constava nos arquivos, mas um deles sabia? Quer saber, pensarei nisso mais tarde. Eu já tinha muita coisa na cabeça e não precisava de mais uma para me atormentar.

Abri o registro do Jacob e o li à procura de alguma pista que talvez não tivesse sido notada por ser um detalhe pequeno ou insignificante para esses neuróticos templários. Porém, não encontrei nada de novo. Jacob fora tão honrado quanto Nathan e não havia nada que o condenasse. Ambos eram de York. York? A mesma cidade onde eu me encontrava exatamente agora? Que sinistro! Porém, ele fora convidado a ser um templário a pedido do Nathan. E ele realmente não acreditava na culpa do amigo. As únicas coisas estranhas no registro dele eram a ausência de um desenho e o fato de ele ter sido indicado e não convocado a ser um templário. Por quê? Se até o do Nathan havia um desenho, era de se esperar que o do Jacob houvesse um também, afinal os dois eram do mesmo período. E ele ter sido indicado por um recém convocado não era estranho, mas a Ordem ter aceitado, isso sim era. Tudo bem que eles precisavam de guerreiros e não havia tantas pessoas no mundo, muito menos dispostas a lutar por um Ser Supremo que não tinham certeza se existia ou não. E só por curiosidade, olhei na contracapa e a amostra de sangue que deveria haver dele não estava ali. Será que se perdeu com o tempo ou sumira de propósito?

Contudo, uma coisa era clara: Nathan realmente era culpado do crime pelo qual fora acusado. Mas uma voz na minha cabeça dizia que tudo aquilo fora armação e o Nathan de alguma forma era inocente.

Mas se ele era inocente, quem tramou contra ele? Como eu gostaria que ele estivesse vivo para poder perguntar isso pessoalmente.

Capítulo 12

Lá pelas cinco horas da tarde, Jonathan bateu na porta do quarto. Audrey estava tomando banho e eu estava sentada na cama tentando juntar as peças daquele quebra cabeça. Eu não havia contado nada a ela sobre o meu pequeno passeio com o Noah. Por alguma razão que eu não entendia, quis guardar isso só para mim.

- Pode entrar., disse sem tirar os olhos do papel.

- O sr. Templeton pediu que eu trouxesse isso para vocês.

Olhei para ele e vi que segurava duas caixas grandes e algumas sacolas.

- O que são essas coisas, Jonathan?

- São os vestidos, as joias e os sapatos que o sr. Templeton comprou pela manhã para que vocês pudessem usar na festa de hoje à noite. Ah, e ele trouxe os seus pertences que estavam na livraria. Onde posso deixa-los?

Pensei em recusar, mas já que iríamos enfrentar o inimigo, que seja de acordo com a ocasião.

- Em cima da outra cama, por favor.

- O sr. Davenport pediu que dissesse que viria às sete horas.

- Obrigada.

- De nada. Nos veremos na festa.

Esperei Jonathan fechar a porta e fui até a cama onde ele deixara os pacotes e vi que tinha o meu nome numa das caixas e o da Audrey na outra. O mesmo acontecia com as sacolas.

- O que é isso, você foi às compras e não me convidou?, Audrey brincou parando do meu lado.

- Na verdade, foi o Noah. E ele buscou as nossas coisas na sua livraria também., e passei a caixa e as sacolas que estavam com o nome dela.

Audrey abriu primeiro a caixa e tirou um vestido longo, no estilo grego, branco com detalhes em dourado na barra e na cintura. Nas sacolas, haviam um par de sandálias douradas e uma caixa em veludo preto contendo brincos em ouro e diamantes.

- Pelo menos ele tem bom gosto., Audrey comentou. – Você não vai olhar o que tem aí?, ela perguntou apontando para o restante das embalagens sobre a cama.

- Como você é curiosa Audrey!, disse tirando o vestido da caixa.

Era um tomara-que-caia de renda vermelho cereja. Justo no corpo, ele ficava um pouco solto da altura do quadril até os tornozelos. Eu o deposei sobre a minha cama e fui ver o que havia nas sacolas. Noah havia comprado sandálias para mim também, só que pretas. Uma caixa igual a da Audrey continha brincos em ouro e rubi. Ele deve ter gasto uma fortuna com essas roupas e acessórios.

- Não se anime, Audrey. Nós vamos devolver tudo depois da festa.

- Fazer o que., ela disse admirando o vestido sobre a minha cama. – Bem, vá tomar um banho. Depois disso, volte aqui para eu trabalhar em você.

- Trabalhar em mim? Do que você está falando?

- Você não está pensando que vai usar um vestido desse sem uma bela maquiagem, está?

Olhei dentro da sacola de novo.

- Sinto decepcioná-la, mas Noah não comprou nenhuma maquiagem.

- Querida, acha mesmo que eu saio de casa desprevenida? Uma mulher precavida tem de tudo um pouco na bolsa. Agora vá logo antes que essa festa comece e você esteja parecendo uma fugitiva de hospício., Audrey debochou.

- Muito obrigada amiga. Você sabe levantar o ânimo como ninguém.

Após o banho Audrey me fez sentar numa cadeira na varanda. Ela já estava maquiada e eu era obrigada a admitir, ela era boa no negócio. Audrey já era bonita por natureza, maquiada parecia uma diva.

- Como o mundo é injusto, uns com tanto outros sem nada., suspirei.

- Está falando do que mulher?, ela perguntou enquanto distribuía o arsenal que usaria em mim sobre a mesa.

- Você entrou na fila da beleza duas vezes e me deixou sem nada. Quer saber, capricha no reboque!, brinquei.

- Poupe-me do seu momento depressivo. Quem ouve você falando, pensa que você é a rainha das barangas!

- Rainha eu não sei, mas a princesa pode apostar que sim!, e comecei a rir da cara dela.

- Fique quieta, que eu vou começar a trabalhar., ela me repreendeu.

- Você quis dizer a operar, não é?

- Mackenzie!

- Tudo bem, tudo bem. Não precisa me ameaçar com este pincel. Eu ficarei quieta.

Quinze minutos depois, ela havia terminado a maquiagem e arrumado o meu cabelo. Ele era liso e Audrey fez uma trança em cada lateral e prendeu-as na parte de trás com alguns grampos, deixando uns fios soltos na frente.

- Eu fiz o que pude com o tempo que tínhamos, mas acho que não ficou nada mal., ela disse sorrindo.

- Obrigada Audrey.

- Agora vamos pôr os vestidos e esperar pelo seu príncipe encantado., ela

sorriu ainda mais.

- Hunter não é meu príncipe e muito menos encantado!, bufei.

- Está bem., ela disse erguendo as mãos. – Mas se apresse, não quero que o bonitão fique esperando., ela piscou com um ar maroto.

- Audrey Collins, o que você está aprontando?

- Absolutamente nada!

- Acho bom, senão serei obrigada a enforca-la com aquelas cortinas.

- Credo! Estou começando a achar que você não deve ter um pé na Itália, e sim o corpo todo!

Acabamos rindo. Peguei o vestido sobre a cama e o coloquei. Audrey fechou o zíper das costas e depois me passou os brincos e as sandálias. E eu fiz o mesmo por ela, pois o vestido dela também tinha um zíper nas costas.

- Nossa Audrey! Nem Hepburn ficaria tão bonita neste vestido quanto você!, elogiei com sinceridade.

- Muito obrigada, mas se eu fosse você daria uma olhada no espelho., ela falou apontando um espelho de corpo inteiro que havia na parede oposta a das camas.

Quando parei em frente a ele, não reconheci a mulher refletida nele. Nunca, em toda a minha vida, eu me achei bonita. Eu sabia que não era horrenda, mas bela como a Audrey jamais! Mas aquela mulher que me olhava de volta era muito bonita, mas percebi que não foi só a maquiagem que me modificara, aquela história toda me transformou de alguma maneira, dando um brilho novo

ao meu olhar que eu ainda não conseguia saber o que era.

Audrey fez um excelente trabalho!, pensei admirando o batom vermelho cereja e a sombra cintilante que ela passou em mim. Quando eu ia dizer isso a ela, uma voz zombeteira falou às minha costas:

- Oi, você vem sempre aqui?

Vi Hunter me olhando através do espelho com aquele sorriso irritante. Ele estava vestindo um smoking e os seus cabelos estavam penteados para trás. Ele estava lindo. Droga! Ele não poderia ser feio, só para variar?

- Já?, perguntei me virando para ele.

- Eu quis verificar como vocês estavam e quer saber? Sorte a minha ter chegado mais cedo., ele piscou alegre.

- E os seus amigos assassinos, já chegaram também?, perguntei só para aborrecê-lo.

- Eles não são meus amigos., ele falou se irritando. – Mas sim, algumas pessoas começaram a chegar.

- Será que aqueles homens vem, Hunter?, Audrey perguntou preocupada.

- Com certeza. Eles não podem recusar o convite do grão mestre, a não ser que estejam numa missão ou incapazes de alguma maneira.

- Ou que tenham alguma culpa no cartório., completei.

- Exatamente., Hunter concordou.

- E você tem ideia de quantas pessoas virão?, Audrey quis saber.

- Como é uma “festa” só para os templários, eles não poderão trazer as famílias.

- E por que não?, perguntei.

- Porque elas não sabem. Você pode contar que é um templário para no máximo três pessoas de sua inteira confiança.

- Então não virá muita gente., Audrey falou.

- Não, só os cavaleiros que estão na Inglaterra neste momento virão. O que isso significa que serão umas vinte pessoas., Hunter respondeu.

O celular dele tocou e ele o apanhou do bolso interno do terno.

- É a mensagem do Noah. Está na hora de irmos., ele disse preocupado.

Um arrepio gelado percorreu a minha coluna. Agora não havia como fugir. Respirei fundo e olhei para Audrey vendo o meu medo estampado nos olhos dela.

- Não se preocupem belas damas, o vosso servo que aqui se encontra não as deixará sozinhas nem por um segundo. Vamos?, Hunter ofereceu um braço para cada uma de nós.

Audrey pegou o braço esquerdo dele e eu o direito. Quando chegamos ao topo da escada Hunter parou. Presumo que tenha sido proposital, pois Noah estava nos esperando no final dela. Também de smoking, mas com o cabelo repartido

de lado, estava tão bonito quanto a praga ao meu lado. Ele estava conversando com um senhor de cabelos grisalhos de expressão bondosa quando nos avistou. Noah abriu a boca depois de me ver, piscou algumas vezes e chacoalhou a cabeça se recuperando rapidamente. Mas não fora só ele que se espantou ao me ver. Todos ali pararam de conversar e me olhavam atentamente, incluindo o senhor com cara de avô. Na verdade, o vovô ali abriu a boca e não a fechou mais. Seria ele o tal Tristan que havia sonhado comigo? Ergui os olhos para estudar as pessoas que me encaravam curiosas e avistei os dois homens que haviam tentado nos matar perto da entrada, provavelmente para fugirem depressa caso precisassem.

Noah fez um sinal para que Hunter aguardasse e olhou para os convidados.

- Caros amigos, como eu havia dito ao convidá-los, Tristan me comunicou sobre um novo templário. Espero que o recebam da mesma maneira que um dia vocês foram recebidos., Noah deu uma pausa estratégica.

Era visível que ninguém estava entendendo nada, pois olhavam para os lados e para nós como se procurassem um rosto desconhecido entre eles. Eu tinha certeza que nem por um segundo passou pelas cabeças deles que o novo membro fosse eu.

- Hoje será a entrega da espada, mas será algo inesquecível, porque vocês terão a honra de presenciar a primeira mulher templária da nossa história!

Se antes dois cavaleiros queriam me matar, naquele exato momento o número havia subido consideravelmente.

- Isso é um absurdo!, um deles falou.

- É um ultraje! Uma mulher na Ordem? Impossível!, outro disse alterado.

A partir daí todos começaram a falar ao mesmo tempo, indignados pelo fato

de uma mulher tornar-se uma deles. Tristan fez menção de falar, mas Noah o impediu, deixando o circo pegar fogo. Apertei o braço do Hunter instintivamente, e ele depositou a mão dele sobre a minha.

- Basta!, Noah gritou e todos se calaram.

Noah olhou para cada um deles e então prosseguiu:

- Vocês não tem vergonha de falarem que servem a Deus e depois julgam como se fossem Ele? Saibam que estão me envergonhando e a Ordem diante das minhas convidadas de honra.

- Não me diga que as duas entrarão para a Ordem?, um homem perto do Tristan perguntou arrogante.

- Não, só uma delas. Mas e se fossem as duas, qual seria o problema? Tem medo que as mulheres sejam mais eficientes e inteligentes do que você Robert?, Noah o questionou.

Agora ele ganhou o meu respeito!

- Não, é só que...

- O que? Todos vocês sabem que não escolhemos ser um templário, nós somos escolhidos por Ele. Se desta vez, Ele decidiu que chegou a hora de uma mulher ser uma templária, é nosso dever respeitar e acatar a decisão Dele! E tem mais! Devemos apoiar-la, pois aqui não há melhor ou pior, há somente os guerreiros de Deus tentando proteger e ajudar os filhos Dele. Se alguém não pode aceitar isso, será banido e nunca mais poderá voltar!

Um silêncio pesado caiu sobre o salão. Então, Noah olhou para o Hunter e pediu:

- Traga-a.

- Fique aqui. Eu já volto para busca-la., ele disse a Audrey. Depois olhou para mim e perguntou: - Pronta?

- Não mesmo!

- Que bom!, ele disse sorrindo e pela primeira vez aquele sorriso não me irritou.

Descemos as escadas devagar. Ao chegarmos onde Noah estava, parecia que havia levado uma eternidade. Hunter pegou a minha mão e a passou para o Noah que a beijou gentilmente. Outro calafrio percorreu a minha coluna. Eu precisava sair logo do convívio daqueles homens.

- Não tenha medo. Eu não deixarei que nenhum deles lhe faça mal., ele sussurrou para que só eu pudesse ouvi-lo.

E virando-se para os homens que me olhavam incrédulos e com desdém, ele me apresentou:

- Esta é Mackenzie Underwood. A nossa nova guerreira e irmã de luta. Mackenzie, este é Tristan Solomon, o homem que fez a sua espada.

- Muito prazer sr. Solomon., disse estendendo a mão para ele.

Por uma fração de segundo vi espanto em seus olhos. O motivo seria a minha semelhança com o Nathan ou a minha entrada para a Ordem? Por que se fosse a primeira opção, como ele teve acesso aos arquivos?

- O prazer é meu sr. Underwood., ele disse me dando um sorriso caloroso.

Pelo visto era pela segunda opção, pensei aliviada. – Mas, por favor, somente Tristan. Eu já sou velho e se você me chamar de senhor eu me sentirei mais velho ainda.

Retribuí o sorriso e disse:

- Só se você me chamar de Mackenzie.

- Combinado! E devo lhe dizer que nem todos compartilham de uma opinião machista e arcaica. Em minha opinião, já passou da hora de termos uma mulher na Ordem.

Sorri diante do comentário dele. Pelo visto, eu me daria muito bem com ele.

- E agora eu irei lhe informar sobre os seus tutores., Noah disse olhando para mim.

-Tutores?

- Sim. Eles lhe ensinarão tudo o que precisa saber.

- Eu sei o que um tutor faz Noah. Mas você não acha melhor a palavra professor? Soa muito mais simpático. Tutor parece um pouco, como posso dizer, jurássico.

Tristan começou a rir.

- Está vendo no que dá ter mulheres na Ordem! Elas não respeitam um líder e não sabem onde fica o seu lugar., Robert falou.

Noah e Hunter o fulminaram com o olhar.

- E onde exatamente fica o lugar delas Robert?, perguntou Tristan.

- Será que você não vê? Ela o trata como um tolo. Pode apostar que ela questionará as ordens do Noah.

- Mas é obvio que eu questionarei, principalmente se discordar dele. Eu não tenho culpa de ser inteligente e pensar com minha própria cabeça!

Antes que Robert pudesse fazer algum comentário idiota, Noah interferiu:

- Será que eu posso continuar?, e olhou para nós dois.

Como nós não nos alfinetamos mais, ele prosseguiu:

- Tristan a ensinará a lutar com a espada e o arco e flecha. Eu ensinarei árabe, aramaico e tudo sobre a Ordem que os livros não contam. Ensinarei magia também, só que mais para frente. E por fim, Hunter lhe ensinará a lutar Kung Fu. É sempre melhor lutarmos sem armas afinal, nós as usamos em último caso. Tudo bem para você Mackenzie?

- Espere um segundo. Você quer dizer que eu poderei bater nele com as minhas próprias mãos?, e olhei para o Hunter com um sorriso de orelha a orelha.

Dessa vez, Noah se controlou para não rir.

- Tecnicamente, sim!

- Sabia que você queria pôr as mãos em mim desde o primeiro momento em que você me viu., Hunter comentou com um sorriso maior que o meu.

Já estava começando a me arrepender do que havia falado.

- Agora que todos superaram a crise, que tal dançar comigo antes de ver a sua espada?, Noah sugeriu mostrando uma pequena orquestra num canto do salão.

- Dançar? Sabe o que é, eu não sou boa nisso.

- E daí? Nós não estamos em nenhum campeonato., dizendo isso, ele me pegou pelo braço e me arrastou até o meio do salão, parando exatamente embaixo do enorme lustre de cristal.

Ele fez um sinal com a cabeça e a orquestra começou a tocar de imediato uma música lenta. Noah pegou a minha mão e me fez girar, depois me puxou pela cintura, fazendo com que eu batesse contra o seu peito, que por sinal parecia ser feito de pedra. Deveria ser outro quesito ter corpo musculoso. Então, desceu a sua mão sobre o meu braço e ao chegar à minha mão, a depositou sobre o ombro dele e a outra ele a segurou. Estreitei os olhos e torci para que ele lesse a mensagem subliminar que eles tentavam enviar: ‘Cuidado! Ultrapasse os limites e você perde a mão!’. Noah deve ter entendido, pois sorriu e começou a dançar. Ao longe, ouvi Hunter perguntar para a Audrey:

- Você me daria à honra dessa dança, str. Collins?

- Com prazer, sr. Davenport.

E eles se juntaram a nós no meio do salão.

- Acho que você fez isso a vida toda, não fez?, perguntei para me distrair das sensações que aqueles olhos azuis como o Mediterrâneo estavam me causando.

- Fiz o que?

- Dançar, ora!

- Ah, isso. É que eu aprendi há muito tempo.

- Sobre o que você pensou que eu estava falando?

- Não faço a mínima ideia. Às vezes, é impossível saber o que se passa na sua mente.

- Audrey discordaria de você!, brinquei.

E não sei se foi instinto, mas olhei na direção dos homens que atiraram em nós e um deles segurava um objeto preto, parecido com um celular pequeno. Não sei dizer o porquê, mas aquilo não me pareceu coisa boa. Noah resolveu olhar na mesma direção e congelou no lugar. Daí ele virou-se para o Hunter e gritou:

- Hunter, corra!

Um barulho de estouro vindo do teto reverberou pelo salão e o lustre começou a cair em nossa direção.

Capítulo 13

Noah me pegou pela mão e correu para onde a orquestra estava. O som produzido pelo enorme lustre ao atingir o chão, deu a impressão que a casa vinha abaixo. Estilhaços de cristais voaram por toda parte e um pedaço conseguiu me acertar cortando o meu braço esquerdo.

- Audrey!, chamei-a.

- Estou aqui!, ela gritou do outro lado do salão.

Graças a Deus, Hunter também foi rápido.

Então, outro som se fez ouvir: o de tiros. Me abaixei imaginando que o tiroteio estava ocorrendo ali dentro, porém Noah ergueu o meu rosto, olhou para mim e falou:

- Fique aqui, eu preciso verificar o que está acontecendo lá fora., e saiu correndo levando Hunter consigo.

Fui até a Audrey, que agora estava com Tristan.

- Você está machucada?, perguntei preocupada.

- Não, só assustada. Ai meu Deus! Mackenzie, olhe o seu braço!, ela o pegou e ficou observando o machucado.

- O corte foi superficial, não se preocupe.

- Mas você está sangrando!

- Não é nada demais. O que está acontecendo Tristan?

- Os homens próximos da entrada ativaram uma bomba e depois tentaram fugir, mas Jonathan estava na varanda e tentou impedir eles que começaram a atirar.

- Alguém se machucou?, perguntei.

- Com os tiros, ainda não dá para saber, mas com a queda do lustre já não posso dizer a mesma coisa., Tristan indicou o local que o lustre caíra com a cabeça.

Era nítido que havia uma pessoa embaixo dele e pela quantidade de sangue, ela não sobreviveu. Boa parte do teto caíra também.

Espero que não tenha ferido mais ninguém, pensei com medo de olhar ao redor e me deparar com mais morte.

Um barulho perturbador, como se o céu estivesse vindo abaixo, ecoou pela casa e logo depois o som de tiros cessou. Quis sair para ver se eles escaparam,

mas Tristan segurou o meu braço.

- Aonde pensa que vai mocinha?

- Quero saber o que está acontecendo?

- Pode esquecer! Espere até que alguém traga notícias. Vai que o tiroteio recomeça. Quer levar uma bala perdida?

Ele estava certo, mas ficar na ignorância era muito pior.

- Hunter vem vindo., Audrey falou.

Ele estava furioso.

- Como vocês estão?, ele perguntou.

- Bem., Tristan respondeu.

Então, Hunter virou-se para mim e me mediu com os olhos. Ele só não levou um tapa na orelha, porque sua expressão passou de furiosa para preocupada.

- O seu braço! Quer que eu a leve ao hospital?

- Não, obrigada. Não está tão feio quanto parece., e tentei sorrir para convencê-lo.

Acho que ele não acreditou muito em mim, mas acabou dizendo:

- Vou acompanhá-las até o seu quarto.

- Por que?, Audrey perguntou.

- Melhor vocês fiquem lá até tudo ser resolvido., porém Hunter nos olhou como se dissesse 'é melhor conversarmos a sós'.

- Hunter tem razão meninas. E fique com elas, caso algum outro maluco resolva bancar o terrorista., Tristan pediu.

- Pode deixar., e dizendo isso Hunter fez um gesto com a mão para que fôssemos na frente.

Só quando chegamos ao quarto que ele abriu a boca.

- Os mesmos homens que atiraram em vocês ontem, implantaram uma bomba no lustre. Noah tem quase certeza absoluta que eles não agiram sozinhos. Alguém está dando as ordens, mas ainda não sabemos quem é.

- Mas agora vocês descobrirão. Basta interroga-los. Se quiser posso ajudar. Afinal, sou uma de vocês agora.

- Não.

- E por que não? Acha que eu não consigo fazer isso?

- Não é isso Mackenzie.

- Então o que é?

- Eles estão mortos.

- Você está brincando, não está?

- Quem dera., ele disse frustrado.

- Tem certeza que os dois estão mortos?, Audrey perguntou tão frustrada quanto ele.

- Infelizmente, eu tenho. Jonathan estava na varanda quando eles tentaram fugir e começaram a atirar a esmo. Como ele estava desarmado, jogou a estátua da entrada em cima deles. Agora será muito difícil descobrir quem era o mandante.

- Mas não impossível Hunter., Noah disse da porta.

Aquele homem precisava parar de aparecer daquele jeito!

- Porém, vai levar muito mais tempo para descobrirmos!, Hunter estava indignado.

- Verdade. Mas descobriremos e é isso que importa.

- E quem eram eles afinal?, Hunter quis saber.

- John e Carl Smith. Eles estavam na Ordem há pouco tempo, uns oito meses.

- Eles eram irmãos?, perguntei.

- Não, eram primos. Já é muito difícil duas pessoas da mesma família

entrarem para a Ordem. Na mesma época então, é uma raridade.

- Mais alguém morreu?, Audrey perguntou.

- Jonathan levou um tiro na perna, mas foi de raspão. Outros dois tiveram ferimentos mais graves, mas acredito que sobrevivam. Já com o acidente do lustre, muitos se machucaram com os estilhaços, mas só um morreu.

- Quem?, Hunter perguntou.

- Robert.

- Então, era ele embaixo do lustre., eu disse.

- Sim, era.

O homem era um babaca, mas ninguém merecia ter uma morte daquelas.

- O que faremos agora? O que exatamente contaremos aos policiais? Acredito que falar toda a verdade não seja aconselhável. Além do mais, eles não acreditariam mesmo., Audrey falou.

- Eu não liguei para a polícia Audrey. Se eu fizesse isso, como você mesma disse, eles não acreditariam em mim, e eu teria que inventar uma história mirabolante para convencê-los. E quanto aos feridos, um dos homens que estava aqui é médico e ligou para a ambulância.

- E ninguém suspeitará de nada, não é mesmo?, eu disse irônica.

- Há um hospital templário em Manchester. É para lá que eles serão levados., Hunter contou.

Pelo visto, a Ordem evoluiu muito nos últimos tempos.

O celular do Noah tocou. Ele leu a mensagem e olhou para mim.

- Saiu o resultado do teste de DNA. Você é mesmo descendente do Nathan.

- Que ótimo! Se só com a suspeita disso, alguém está tentando me matar, imagine com a certeza o que ele não fará?

- Por esse motivo você iniciará as suas aulas amanhã mesmo!

Capítulo 14

Noah não estava brincando quando falou que as minhas aulas começariam no dia seguinte. Às seis da manhã, Anne veio me acordar e disse que ele, Hunter e Tristan me aguardavam no escritório e que o café estava servido na mesa da varanda como no dia anterior.

Levantei me arrastando da cama, pois eu não consegui dormir a noite inteira e depois de tomar um banho e o café da manhã, fui me encontrar com eles.

A cara deles não estava melhor que a minha quando eu entrei no escritório.

- Bom dia., eu os cumprimentei.

- Bom dia., eles disseram juntos.

- E os feridos, como estão?

- Vão sobreviver., Noah respondeu. – Agora vamos conversar sobre as suas aulas. De manhã, às sete horas, será comigo e a partir da uma hora será com o Tristan e o Hunter.

- E com que frequência?

- Todos os dias pelo menos no início. E tem mais. Você permanecerá nesta casa pelo menos por esta semana.

- Como é? Por quê? Se não quer que eu saiba exatamente onde fica a sua casa, é só marcar em outro lugar, mas eu não posso continuar aqui! Os meus pais desconfiarão e eu não quero mais mentir para eles.

- Chegamos ao próximo tópico da nossa conversa. Escolha três pessoas no máximo e que sejam de sua total confiança. Somente elas poderão saber que você é uma templária. Mas mesmo para elas, não conte tudo, só o necessário.

- Então eu posso falar sobre o que aconteceu nesses últimos dias? Que alívio!, metade do peso que eu sentia no peito desapareceu.

- Desde que você omita sobre o atentado, sem problema., Noah disse.

- Por que a felicidade dura tão pouco!, falei.

- Pense bem Mackenzie. Como eles reagiriam sobre essa história?, Tristan perguntou.

- Nada bem., suspirei. – Está certo, sem história de atentado para eles.

- Agora vamos falar da melhor parte., Tristan disse. – Treinaremos com as espadas que fiz com essa finalidade. Quando sua habilidade melhorar, passaremos a treinar com a sua de verdade.

- Já comigo será a parte do corpo a corpo., Hunter ergueu as suas sobrancelhas duas vezes.

- Sabe Hunter, um dia eu ficarei boa nisso. E quando este dia chegar, eu sugiro que você corra sem olhar para trás., e lhe dei o meu melhor sorriso.

- Essa menina promete!, Tristan comentou rindo.

Noah não deve ter achado graça, pois não riu e levantou-se dizendo:

- Vamos para a sala de artefatos. Quanto antes você iniciar as suas aulas, mais cedo você poderá se defender. E quanto vocês dois, podem ir preparar o salão, por favor?

Os dois concordaram com a cabeça e saíram do escritório.

- E quanto aos meus pais?, perguntei seguindo-o pela escada escondida.

- Após esta semana, você poderá voltar para casa e conversar com eles. Até lá, diga que prorrogou as suas férias.

- E o que tem esta semana de tão especial?

Noah parou diante de uma mesa e puxou uma cadeira para que eu me sentasse.

- É o tempo que eu preciso para descobrir quem está querendo vê-la morta e por que. Depois disso, as suas lições continuarão, mas a sua vida voltará ao normal. Na medida do possível, é claro. Então, podemos começar?, ele perguntou me estendendo uns livros.

- Fazer o que? Se estou na chuva, é para me molhar não é mesmo?

Ao meio dia, Noah parou os estudos para que eu pudesse almoçar e descansar um pouco antes da minha próxima aula. Foi nesse intervalo que vi a Audrey almoçando na varanda com o Hunter.

- Mancomunando com o inimigo Audrey?

Os dois deram um pulo da cadeira. Até parecia que eles realmente estavam aprontando alguma.

- Que susto Mackenzie! Não ouvimos você chegar., Audrey falou com cara de culpada.

Aí tinha!

- E como foi com o Noah? Quase morreu de tédio?, Hunter estava com cara, hum, de Hunter mesmo.

- Para ser honesta, eu não fiquei entediada. A parte histórica foi bem interessante e eu sempre gostei de aprender outros idiomas.

Ele não gostou nem um pouco da minha resposta. Ótimo! Assim quem sabe ele me deixa em paz.

- Acredite, ela está falando sério. Tanto que ela trabalha como tradutora., Audrey contou notando a mudança de humor dele.

- E você traduz livros de que idioma?

- Italiano.

- Isso esclarece muita coisa.

- Ah é. O que?

- Você ser tão mandona. Isso deve ser influência dos italianos. Quer povo mais genioso que esse?

- Isso é bullying sabia? E eles podem até ser um pouquinho geniosos, mas são muito afetuosos.

- E como você sabe disso? Namorou um italiano?, Hunter perguntou curioso.

- Não, a minha avó, mãe da minha mãe, era italiana.

- Sei. Você está dizendo isso só para me constranger. Não é Audrey?

- Na verdade, não. Ela era mesmo italiana. Eu não cheguei a conhecê-la pessoalmente, pois quando eu conheci a Mackenzie, a avó dela já havia morrido, mas uma vez, Lisa me contou sobre a mãe.

- Mas vocês não são amigas de infância?

- Sim, nos conhecemos quando eu me mudei para a mesma rua dos Brentwood. Tínhamos nove anos., Audrey respondeu.

- E antes que você pergunte a minha avó morreu quando eu tinha sete.

- Sinto muito., ele disse constrangido.

- Tudo bem. Hoje em dia a dor deu lugar à saudade. Hunter, posso te pedir um favor?, mudei de assunto antes que ele se aproveitasse da situação e arrancasse mais coisas sobre mim da Audrey. Se é que ele já não havia feito isso.

- O que quiser mandona.

- Você poderia ensinar a Audrey a lutar também? Por ela ser minha amiga, tenho medo que possam usá-la para me atingir. Saber que ela pode se defender me deixa um pouco mais tranquila.

Hunter olhou para Audrey por um instante e depois para mim.

- É justo. Ela não pediu por isso tanto quanto você. Então senhorita, esteja à uma hora no salão de ginástica junto com a mandona.

- E onde fica?, perguntei.

- No próximo andar. No final do corredor à direita tem outra escada que leva ao salão. Não tem como vocês errarem. Trouxe moletons e camisetas. Vistam, pois é mais confortável. Agora, as deixarei sozinhas para que possam terminar o almoço e trocar de roupa., ao dizer isso, Hunter levantou-se e saiu do quarto.

- Desembucha., falei sem preâmbulos.
- Enlouqueceu?
- Não se finja de desentendida. O que tanto vocês conversaram?
- Nada de mais, só trivialidades. Por que, está com ciúme?
- Que pergunta mais besta! Claro que não! Eu só não quero que você conte nada pessoal para ele, ainda não sei se posso confiar cem por cento nele ou no Noah.
- Sei. Então, não teria problema se um dia eu resolvesse sair para jantar com ele, teria?
- Eu não acredito nisso! Audrey, você está interessada no Hunter?, perguntei incrédula.
- E se estiver? Qual é o problema?
- Mulher, tem coisa melhor no mercado.
- Igual pode até ser, mas melhor eu duvido.
- Audrey, ele é insuportável!
- Insuportavelmente belo e gentil você quis dizer.

Coitada, ela estava mesmo interessada nele!

- Quer saber, desisto! A vida é sua! E não me olhe com essa cara! A interessada nele aqui é você!

- Eu não disse nada.

Olhei a hora e vi que tínhamos dez minutos para trocarmos de roupa e achar o tal salão.

- Vamos nos trocar antes que o seu namorado venho nos buscar.

Achamos o salão facilmente. Ao entrarmos, o aquecedor deveria estar nos trinta graus, pois Audrey e eu tiramos as blusas de frio e ficamos de camiseta. O lugar era bem grande e tinha um espelho que tomava uma parede inteira. Havia tatames esparramados pelo chão e alguns arco e flechas apoiados numa das paredes com três alvos nelas.

Paramos em frente ao espelho e ficamos de costa para ele olhando ao redor.

- Onde está o Hunter?, Audrey perguntou estranhando a ausência dele.

- Bem aqui., ele disse abrindo o espelho de uma vez.

Ao virarmos na direção dele, nós duas ficamos momentaneamente mudas. E de bocas abertas.

Hunter estava descalço e usava somente uma calça de moletom preta. Sem a camiseta, tínhamos uma visão privilegiada do seu abdômen definido. Ele podia ser insuportável, mas o corpo da criatura era perfeito. Costas largas, braços fortes e definidos. O homem era uma verdadeira muralha de músculos.

- Muito obrigada amiga por me incluir nessas aulas., Audrey me deu uma cotovelada na costela com um sorriso maroto no rosto.

- Postura meninas., Hunter brincou. – Atrás do espelho fica o equipamento de ginástica. Recomendo usarem, pois isso as ajudará no desempenho nas lutas.

- Enquanto a isso, não se preocupe. Frequentamos uma academia de segunda a sexta., Audrey contou animada.

- Hunter, você não tem vergonha em distrair essas belas moças?, Tristan perguntou entrando no salão.

- O dia que essa criatura tiver vergonha na cara, pode apostar que é o fim dos tempos., falei dando sinal de vida.

- Ficar sem camiseta faz parte do treino., Hunter teve o desprazer de dizer.

- Em que ficar seminu possa ter relação com o treino?, Tristan quis saber.

- Tudo. Nem sempre um rosto e corpo bonito são sinônimos de caráter e confiança.

- Diga para mim que você está brincando?, perguntei descreditando no que acabara de ouvir.

- Não estou não!

- Crianças, vamos começar logo esta aula antes que vocês se matem., Tristan disse enquanto desenrolava um tecido azul royal. – Por causa do que ocorreu ontem, eu acabei esquecendo de lhe entregar a sua espada. Eu sei que disse que

treinaríamos com outra, mas ela é sua e deve ficar com você. O que você acha?

A lâmina prateada continha o lema dos templários, o cabo era feito de lapis lazuli e no final dele havia uma cruz de malta em safira.

- Ela é uma verdadeira obra de arte., comentei admirando o belo trabalho que o Tristan fizera nela.

- Devo presumir que você gostou.

- Não gostei, eu adorei!

- Então, pode pegá-la!, Tristan a estendeu na minha direção.

Olhei para a espada e depois para ele, mas por algum motivo que eu não fazia ideia, eu não consegui segurá-la. Era como se não fosse a hora certa ainda.

- Vamos combinar uma coisa. Quando você disser que eu estou apta a usá-la sem me matar ou ferir alguém sem querer, você a entrega para mim, combinado?, disse sem nem tocar nela.

- Se você tem certeza disso, por mim tudo bem., Tristan falou estranhando o meu pedido.

- Eu tenho sim.

- Então, vamos começar?

- Claro! Quanto mais cedo eu começar, mais cedo eu me livro dele., disse apontando para o Hunter.

- Eu não teria tanta certeza disso., Tristan disse enigmático.

Capítulo 15

Quando aquele primeiro dia de treinamento acabou, comecei a pensar que a academia era brincadeira de criança. O meu corpo inteira doía, era como se eu tivesse passado num moedor de carne. E pela cara da Audrey, ela compartilhava do mesmo sofrimento.

Tomei um banho e me joguei na cama sem nem ao menos jantar. Eu estava me sentindo tão esgotada, que só fui acordar no dia seguinte com a Anne nos chamando para mais um dia de tortura. Onde é que eu fui me meter Senhor!

- Bom dia, Mackenzie! Suponho que o Hunter tenha acabado com você ontem., Noah disse num tom divertido quando eu entrei no “museu”.

Apesar de ele ter dito aquilo fazendo alusão ao treino intenso, senti o meu rosto esquentar.

Mas que inferno! Nunca em minha vida alguém mexera comigo assim. Ainda mais dois ao mesmo tempo. Precisava sair logo daquela casa antes que eu acabasse numa sala acolchoada.

Pelo menos, em minha defesa, eu podia alegar que qualquer mulher ficaria balançada com aqueles rostos de traços belos e marcantes, aquelas vozes roucas e, no caso do Hunter, um corpo tão bem definido que nem Michelangelo teria

esculpido com tanta perfeição. É claro que eu não diria nada daquilo à Audrey, senão ela nunca mais me deixaria em paz!

- Bom dia! Será que poderíamos começar logo essa aula?

Devo ter dito aquilo num tom nada amigável, pois Noah ficou sério de repente.

- Claro. Hoje vou lhe mostrar alguns dos segredos dos quais somos guardiões.

- Tem certeza? Os paranoicos tentaram me matar só por ser a cópia de um traidor, imagine o que eles não fariam se soubessem que foi revelado a mim os seus segredos!

- Não há com o que se preocupar. Eu garanto!

- Se você diz., falei não muito crédula.

Noah foi até a mesa onde estava a espada dele e a pegou. Então se dirigiu até uma estante repleta de livros, abaixou-se e removeu um exemplar da última prateleira, colocou a espada lá e depois a girou. Logo depois, a estante se moveu para o lado.

- Então é para isso que as espadas servem! Elas são chaves para um compartimento secreto. Que interessante! Posso ter o meu também?

Noah levantou-se e olhou para mim.

- Damas primeiro., e fez um gesto para que eu entrasse.

O cômodo secreto não era muito grande e continha mais livros só que de

aparência bem mais antiga que os que estavam do lado de fora e alguns objetos também de aspecto arcaico. Dois deles eu pude reconhecer, mesmo não acreditando no que meus olhos estavam vendo.

- Diga que você os comprou em uma loja de souvenirs., falei sem tirar os olhos do que deveriam ser o Santo Graal, o cálice usado por Jesus Cristo na Santa Ceia e a Lança do Destino, que o soldado romano Longinus usou para certificar-se da morte de Jesus.

Por sinal, Longinus tinha um problema nos olhos e quando perfurou Jesus, um pouco do seu sangue respingou em seus olhos, curando-o.

- Não, eles são autênticos.

- Por que vocês não entregam esses objetos para a igreja se são autênticos?

- Existem muitos fanáticos no mundo, Mackenzie. Provavelmente, um deles acabaria por destruí-los ou um caçador de recompensa os roubaria e seria uma lástima perdermos objetos tão raros e inestimáveis para a nossa história.

- Então é verdade o que dizem sobre os templários. Vocês realmente guardam objetos que mudariam o mundo religioso.

- Sim. E eles devem permanecer em segredo.

- Fique sossegado, Noah. Acho um exagero tanto segredo, mas eu posso entender os seus motivos. E até que eles têm fundamento.

- Obrigado. Agora voltando aos segredos, além dos objetos sagrados, temos livros contendo outros testamentos de pessoas menos conhecidas que conviveram com Cristo e outras personalidades da bíblia e uma urna com os restos mortais de São José.

- E a lenda de que Cristo teria escrito um testamento?, não pude resistir em perguntar.

- Não é lenda e sim a mais pura verdade.

- Sério? Posso lê-lo?

- Um dia, mas não hoje. Você terá muito tempo para fazer isso e muito mais.

- Que pena, mas tudo bem. E quanto aos restos mortais de São José? O povo sempre acreditou que vocês guardavam os de Maria Madalena.

- Agora isso é lenda mesmo, nós nunca obtivemos os restos mortais dela. Já os de São José nós conseguimos através de um descendente de uma das pessoas que seguiam Cristo, que na época em que ele morreu, foi até onde São José estava enterrado e retirou os restos mortais dele com medo de que alguém profanasse ou sumisse com eles.

Fiquei olhando para a urna e imaginando que tipos de segredos ainda estavam por vir quando eu me lembrei do dia em que conheci o Noah.

- Noah, posso fazer uma pergunta que não seja relacionada a esses objetos?

- Uma vez eu te disse que você poderia me perguntar o que quisesse, lembre-se?

- Disse, é verdade.

- Então pergunte!

- Por que você comprou aquele livro se, como atual grão mestre, você tem

acesso a todas as informações que quiser? Duvido muito que ele tivesse alguma novidade para você.

- E de fato não tinha. Mas gosto de saber o que andam publicando sobre nós. Como você mesma comentou, como eu sou o atual grão mestre, devo zelar pela segurança da nossa história. Nem tudo as pessoas podem saber. Acredite em mim, elas não gostam de tanta verdade quanto dizem. E tanta informação as colocaria em risco, pois onde há o bem também há o mal.

- Nisso você está certo. Eu diria até que nos dias de hoje, existe mais mal do que bem.

- Não é verdade, Mackenzie. O ser humano anda tão cruel ultimamente que eu posso até falar que eles estão em igual proporção no mundo, mas não em menor quantidade. O problema é que o bem não vira notícia.

- Pode ser, mas eu não tenho tanta fé na humanidade assim., disse descrente.

- Falando desse jeito, você está me lembrando alguém.

- Quem?

Noah me fitou sem responder. Depois de uns segundos, pegou um par de luvas e o entregou para mim.

- Coloque-as toda vez que for manusear esses papéis. Por serem muito antigos, o calor e a humidade da pele podem danificá-los.

Ele deliberadamente mudou de assunto. E eu respeitei a sua atitude, pois até agora Noah nunca se opôs em me responder nada. Se ele o fez é porque esse alguém deveria ser muito importante e provavelmente estaria morto. Era melhor não meter o dedo na ferida. E pelo resto da manhã ele não tocou mais no

assunto.

De novo, Noah me liberou ao meio dia e uma coisa eu já havia concluído neste segundo dia: ser um templário não era nada fácil, exigia muita disciplina física e mental. Eles não lutavam mais como nas Cruzadas, mas iam onde eram necessários como lugares destruídos por acidentes naturais ou por guerras para ajudar a reerguê-los. Os preceitos deles não eram novidade alguma para mim, pois me foram passados pelos meus próprios pais: honra, justiça e bondade. Eles me diziam desde pequena que as maiores riquezas que um ser humano poderia ter eram justamente aquelas que não se podiam levar em uma carteira e sim no coração. Eu sentia um orgulho enorme deles e por um segundo imaginei se o Nathan também não sentiria, afinal um descendente dele tinha os mesmos valores da Ordem a qual um dia ele fizera parte. Mas que besteira! Por que alguém como ele se importaria com os valores de suas próximas gerações? No entanto, esse pensamento me trouxe um desconforto estranho. Era como se eu estivesse sendo injusta ao pensar aquilo dele.

Quando eu virei no corredor que dava para o salão uma voz atrás de mim perguntou:

- Posso saber no que a senhorita está pensando? Por um acaso, está tramando alguma coisa?

Hunter! Será que ele não tinha mais o que fazer da vida?

- O que? Você não lê mentes? Que absurdo! Que espécie de templário você é?, resolvi irritá-lo.

Mas é claro que foi em vão, pois ao invés de dar uma resposta, ele ficou me olhando por uns instantes como se estivesse realmente lendo a minha mente. E ter o Hunter me encarando a um passo de distância não fazia nada bem ao meu sistema nervoso. Ele não poderia ser insuportável e horrendo? Não! Ele tinha que ser insuportável e lindo. O mundo decididamente não era justo.

- Eu até que gostaria e muito de ter esse poder, assim eu saberia o que se passa na sua cabeça., ele disse por fim. E o mais inacreditável, ele não estava com aquele sorriso zombeteiro que me tirava do sério, muito pelo contrário, estava sério e estranhamente triste.

Chacoalhei a cabeça. Eu deveria estar equivocada, senão, por que o Hunter estaria triste? Aquilo não fazia nenhum sentido. Então, brinquei:

- Tem certeza? Acho que você não iria gostar muito do que veria, principalmente em relação aos pensamentos que eu tenho a seu respeito.

Pronto! Aquele sorriso debochado voltou. É, eu estava mesmo equivocada.

- Mas que interessante! Você tem pensamentos a meu respeito? E de que tipo seriam?

- Óleo fervente e castração são alguns deles. Afinal, só os melhores pensamentos para uma pessoa tão adorável quanto você!, e lhe dei o meu sorriso mais cínico.

- Vejo que já começaram o treinamento antes de nós chegarmos., Audrey surgiu no corredor em que estávamos acompanhada de Tristan.

- E como o Hunter continua vivo, devo presumir que você está treinando com afinco a sua paciência., Tristan disse alegre olhando para mim.

- Põe afinco nisso!, eu falei relanceando um olhar ao Hunter.

- Então, o que acham de continuarmos esse treino no salão?, Tristan disse indicando para que a Audrey e eu fôssemos à frente.

Audrey me pegou pelo braço e certificou-se que estávamos a uma certa distância dos dois.

- Que pena não termos chegado um minuto mais tarde., Audrey cochichou no meu ouvido.

- Por quê?, perguntei achando estranho o comentário dela.

- Como por quê? Não é óbvio? Vocês estavam a um passo de se beijarem!

Eu não havia ouvido aquilo, havia?

- Quem disse que eu iria beijá-lo? De onde você tirou essa ideia absurda?

- Desculpe minha amiga, mas não é tão absurda assim. É porque você não viu o jeito que um estava olhando para o outro. Especialmente o Hunter.

- Vamos mudar de assunto antes que aquele maluco nos ouça e tire conclusões erradas.

- Erradas? Sei., Audrey disse nem um pouco convencida do meu descaso.

Fingi não entender o cinismo dela e quando entramos no salão Tristan disse:

- Preparadas para mais uma tarde de treinamento?

- Com certeza!, Audrey respondeu dando uma piscada para mim.

Em resposta, mostrei a língua para ela e quando virei peguei Hunter nos observando.

Como no dia anterior, Tristan nos passou alguns movimentos com a espada e depois pediu que praticássemos juntas. Uma hora depois, ele nos interrompeu e pediu ao Hunter que treinasse com a Audrey enquanto ele fazia o mesmo comigo.

Tristan começou com movimentos lentos e conforme eu conseguia me defender de todos os golpes que ele aplicava, ele os acelerava e intensificava. Era impressionante a força e a disposição dele. No final, eu consegui desarmá-lo.

Primeiro Tristan empalideceu e depois olhou para o Hunter abismado.

- Como você conseguiu me desarmar com apenas dois dias de treino?

- Sério, Tristan? Até parece que você não sabe. Você me deixou ganhar, só isso!

Novamente, Tristan olhou para o Hunter. E agora ele estava boquiaberto. Hunter resolveu intervir.

- Mackenzie, eu garanto que o Tristan não deixou você ganhar.

- É claro que ele deixou! Senão, como eu iria desarmá-lo em tão pouco tempo?

- Mas eu não deixei! Nunca em toda a minha vida alguém aprendeu tão rápido assim!

- Acho que você nasceu mesmo para isso!, Hunter comentou.

Agora quem estava assustada era eu! Tudo bem que eu sempre aprendi muito rápido as coisas e isso acontecia desde que eu nasci, segundo a minha mãe, mas

daí em dois dias eu desarmar um templário experiente era outra coisa.

- Calma, gente! Há uma explicação para ela aprender de maneira tão rápida., Audrey falou. – Ela é superdotada.

- Isso explica muita coisa, porém não tudo. O seu destino como templária é maior do que eu imaginava., Tristan comentou.

- O que você quis dizer com isso?, perguntei com medo da resposta.

- Eu não sei o que lhe aguarda no futuro, mas com certeza mudará essa Ordem para sempre.

- Eu só espero que essa mudança não envolva loucos atirando em mim ou uma luta épica.

Tristan não disse nada, apenas ficou me olhando pensativo. E pela expressão no rosto dele era exatamente esse tipo de coisa que estava passando pela sua cabeça.

Na aula do Hunter não foi diferente. Ele me deu uma gravata e eu passei os meus braços por baixo do dele e o forcei até conseguir me livrar dele, mas sem soltá-lo; aí virei e girei o braço dele com toda a minha força até as suas costas e chutei o traseiro dele para, só então, liberá-lo.

- Caramba, Mackenzie. Estou ficando com medo de você!, Hunter brincou enquanto massageava o braço que eu havia torcido.

- Não foi você quem se animou para eu colocar as mãos em você?, perguntei cruzando os braços.

- Isso foi antes de eu descobrir as suas reais intenções., ele disse ainda com cara de dor e eu não pude deixar de rir.

- Você deveria fazer isso mais vezes.

- O que? Dar uma surra em você?, e ri novamente.

- Não, engraçadinha. Rir. Quando você ri consegue ficar mais bonita do que já é.

Para que ele foi dizer aquilo. Audrey me olhou com uma expressão que claramente dizia ‘O que foi que eu falei?’

- É que eu ando sem motivo para rir ultimamente, mas obrigada. Eu acho.

- De nada, mandona.

Antes que a Audrey pudesse falar algo inapropriado, pois era óbvio que a língua dela estava coçando, fui até o Tristan para conversar com ele. Quem sabe ele também não tinha arquivos secretos ou soubesse de algo que nem mesmo o Noah saberia. Porque se tinha um povo que adorava um segredo, era o tal do templário.

- Tristan, você tem acesso aos arquivos secretos da Ordem?, perguntei para introduzir o assunto, apesar de já saber a resposta.

- Não. Eu sei o que todos podem saber. Como surgimos, o tipo de documentos e relíquias que guardamos e no meu caso, quem são os templários e os que serão um dia. Mas, por que me perguntou isso? Há algo específico que queira saber?

- Na verdade, há. Existiu um templário acusado de traição que em minha

opinião ele era inocente. Mas, tudo bem. É só uma intuição idiota. Além do mais, isso ocorreu há tanto tempo e eu não deveria me incomodar com assuntos que não são da minha conta, não é mesmo?

- Primeiro nunca ignore uma intuição. Ela vê coisas que por vezes a razão não vê. E segundo você pode perguntar o que quiser ao Noah. Duvido que ele se recuse em respondê-la.

- Eu sei disso. É que seria bom ouvir uma segunda opinião.

Melhor falar aquilo do que ‘Desculpe, mas eu ainda não confio cem por cento no Noah.’

Tristan me fitou como se estivesse ponderando o que dizer. Por fim, ele respirou fundo e verificou se o Hunter estava prestando atenção em nós.

- Você quer saber sobre o Nathan, não é?

O meu coração deu um salto.

- Sim, quero. Mas, se você não tem acesso a todos os arquivos, como sabe sobre ele?, perguntei receosa. Uma coisa era ele saber quem eram os cavaleiros atuais, pois era ele quem tinha as visões, agora e os de antes? Como ele sabia se supostamente nunca entrou no ‘museu’?

Ao invés de responder a minha pergunta, Tristan olhou para o Hunter e pediu:

- Hunter, você poderia levar a Audrey até a cozinha e ver se há algo para comermos? Mackenzie e eu descenderemos daqui a pouco.

Hunter pareceu estranhar o pedido dele, mas acabou concordando.

- Claro, sem problema., e virou-se para a Audrey oferecendo o braço. – Podemos, str. Collins?

- Certamente, sr. Bonitão., ela disse aceitando o braço que ele lhe oferecia.

Tristan esperou a porta ser fechada para voltar a falar.

- O que eu vou lhe contar morrerá aqui, pois é algo que nem mesmo o Noah tem conhecimento ou qualquer grão mestre já existente tenha tido. Entendeu, Mackenzie?

Mais segredos. Por que isso não me surpreendia?

- Entendi. Se eu abrir a boca, você corta a minha língua fora.

- Não, minha criança. Mas é importante que isso permaneça só entre os ferreiros, pois poderia nos colocar em perigo.

- Tudo bem, confie em mim. Eu não contarei nada para ninguém. Eu te dou a minha palavra.

- Eu sei. Quem sai aos seus não degenera., e olhou mais uma vez para a porta.

O que ele quis dizer com aquilo?

- O que ninguém sabe é que desde que a Ordem foi fundada, os ferreiros preveem os futuros cavaleiros., ele prosseguiu. – É claro que de início muitos foram convocados, mas a maioria fora predestinada. Naquela época eles desenhavam os seus rostos e iam atrás dos cavaleiros ou sugeriam aos grãos mestres para que eles pudessem encontra-los. No entanto, os desenhos que eles faziam e que ainda fazemos sempre são duplicados.

- Ou seja, uma cópia fica com o grão mestre e a outra presumo que fique com vocês.

- Exatamente., Tristan anuiu sorrindo. – Audrey não mentiu ao dizer que você é superdotada.

- Pelo menos uma coisa de bom eu tinha que ter, não é?, brinquei tentando disfarçar o constrangimento que eu sentia toda vez que alguém me elogiava.

- Eu garanto a você que esse não é o único aspecto positivo a seu respeito.

- Vamos conversar daqui a uma semana e depois você me diz se ainda pensa assim., e pisquei para ele.

Tristan riu.

- A expressão é antiga, mas não consigo pensar em outra melhor que possa defini-la.

- E qual seria?

- Você é fogo na roupa!

Desta vez, quem riu fui eu.

- A minha avó me dizia isso quando eu era criança!

- Para você ver. Certas coisas não mudam. E neste caso, ainda bem que não.

Vovó teria gostado dele.

- Mas, voltando ao assunto, por que vocês fazem uma cópia do desenho? Não confiam no seu grão mestre?

- Confiamos, porém achamos perigoso demais uma única pessoa deter tanto conhecimento. Além disso, e se algo acontecesse a esses arquivos? Já fizeram isso uma vez, quem garante que não possa acontecer de novo?

- Se os arquivos mais antigos foram destruídos, como você sabe do Nathan? Os registros da época em que ele viveu provavelmente não existem mais e você mesmo disse que mantém uma espécie de cadastro deles, mas não um completo como os que o Noah tem.

- Verdade. Não só eles foram destruídos como os nossos arquivos daquela época também foram, mas não pelo inimigo e sim pelo ferreiro daquele tempo, Charles. Quando Nathan foi declarado morto para o povo e traidor entre os templários, Charles destruiu os nossos com medo de ser considerado um traidor também e acabar sendo posto em uma fogueira. Porém, assim como você, ele acreditava que o Nathan fosse inocente, então, resolveu guardar tudo o que havia sobre ele para, um dia, provar a inocência dele.

- Alguma vez você chegou a ler esses registros?

- Claro que sim. Não só o dele, como todos os que ainda possuímos.

- E o que eles diziam?

- Quase tudo o que há no arquivo que o Noah possui. A única diferença é um relatório da investigação que o Charles fez por conta própria sobre o caso e que manteve em segredo com medo que o achessem louco.

- Louco? Por quê? O que foi que ele descobriu?

- Não foi exatamente o que ele descobriu e sim o que viu. Na noite em que ocorreu a pressuposta traição, Charles decidiu ir até a igreja, pois ficou preocupado com os dois sozinhos lá, sem nenhum apoio. Quando estava chegando, ouviu o barulho da porta se abrindo então, se escondeu para ver quem saía, se um de nós ou um inimigo.

- E quem ele viu saindo de lá?, perguntei sentindo a minha ansiedade atingir o nível máximo.

- Jacob.

- Nathan estava com ele?

- Não, mas o que ele fez em seguida foi no mínimo suspeito.

- Pelo amor de Deus, Tristan! Pare com esse suspense todo e conte tudo logo de uma vez!

Rindo como quem diz ‘Mulheres!’, Tristan continuou:

- Jacob passou o dedo em seu rosto e um ferimento surgiu no lugar e depois ele desapareceu no ar.

Frustração e decepção tomaram conta de mim.

- Ora, por favor. Poupe-me! Tanto suspense para isso?

- Perdão, não estou entendendo a sua revolta.

- Vocês fazem isso até hoje! Desaparecem e surgem do nada como se fosse a coisa mais natural do mundo!

- Você tem razão até certo ponto. De fato, podemos fazer isso, mas naquela época não. A magia foi inserida pelo grão mestre que assumiu a Ordem quando ela se reergueu. Por isso a revolta entre os templários daquela época. Foram acusados de coisas pelas quais nunca fizeram.

- Espere um minuto. Jacob fazia uso da magia numa época em que nenhum de vocês fazia? Então, só pode ter sido ele! Ele traiu a Ordem e o melhor amigo! Jacob deve ter roubado e escondido o ouro para depois acusar o Nathan! Mas, por que ele teve tanto trabalho em incriminá-lo se queria fugir e recomeçar uma nova vida? Por que não culpou um desconhecido ou um outro templário qualquer? Por que acusar o melhor amigo dele?

- Inveja. Nathan foi o melhor templário que essa Ordem já teve. Até hoje não existiu alguém como ele. Nathan era muito inteligente, honrado e um excelente estrategista. Ele tinha o respeito e a admiração de todos que o conheciam, incluindo dos seus inimigos, pois ele era justo e misericordioso para com eles. Quando ele estava numa batalha, era vitória garantida. E ele foi predestinado e não convidado, como muitos foram na época. Apesar dele mesmo não saber disso.

- E vocês tem uma cópia do desenho do Jacob?

- Não. A maioria dos desenhos dos primeiros cavaleiros foi destruída. A do Nathan só resistiu porque o Charles entregou o relatório dele para um monge que prometeu devolve-lo ao próximo ferreiro.

- Precisamos limpar o nome do Nathan, Tristan. A alma do pobre coitado deve estar revirando no túmulo até hoje de indignação e ódio!

- E como faremos? Para isso, eu teria que mostrar o relatório do Charles e eu não farei isso!

- Pensarei num jeito, não se preocupe. Eu não vou expor o seu segredo.

- Obrigado. Mas tem mais uma coisa que o Charles viu naquela noite.

- E o que foi?

- Depois que o Jacob desapareceu, ele correu para a igreja apavorado com o que veria lá dentro, pois temia encontrar o Nathan morto. Porém, ao abrir a porta, não havia ninguém lá e nenhuma marca de sangue ou vestígio de luta.

- Então, será que ele estava mesmo mancomunado com o Jacob e os dois fugiram com o ouro?, pesar e amargura inundaram o meu coração.

Acho que no fundo, eu queria acreditar que o Nathan era inocente e que eu não descendia de um completo imbecil.

- Charles não acreditou nisso nem por um segundo. Ele achava que o Jacob deve ter amaldiçoado o Nathan.

- Amaldiçoado? Como?

- Isso ninguém nunca descobriu.

Isso porque essa Ordem não me conhecia!

Capítulo 16

Deixei o Tristan no salão de treinamento com a minha palavra de honra que eu não contaria nada do que ele havia me dito nem sob tortura.

Mas saí de lá decidida a revirar cada canto daquele “museu”.

Alguém deve ter visto alguma coisa, Nathan não desapareceria daquela forma sem deixar rastro algum. E o tal Jacob? O seu registro dizia que ele havia morrido em combate dez anos depois, sem nunca ter encontrado o paradeiro do amigo. Será? Depois do que o Tristan me contou, Jacob pode ter até matado o Nathan e dado sumiço no corpo. Aí sim explicaria o fato de nunca terem o encontrado.

Se bem que, a essa altura, a história da maldição também não era tão absurda assim. E se a segunda opção for a correta, como Jacob o amaldiçoou? Porque se ele o invejava tanto a ponto de destruir a vida de um amigo por nada, que tipo de crueldade ele teria feito com o Nathan? Ele o transformou num rato ou algo do gênero? Não, ele devia ser um bruxo poderoso na época, então ele faria algo

grandioso só para se gabar depois nem que fosse para um completo desconhecido. O que poderia ser? Prendê-lo em algum lugar só para tortura-lo com o seu ego enorme? Talvez, mas onde?

Ao entrar no escritório, um vento congelante me atingiu e automaticamente olhei para a porta que levava ao jardim. Para o meu espanto, ela estava fechada e o cheiro de rosas começou a se fazer presente. Aí tem!

Fui até a porta de vidro e vi o Noah indo em direção ao labirinto. Sério? Justo para lá! Parte de mim, a mais inteligente devo admitir, dizia ‘Vá fazer o que você se propôs a fazer e não se meta em encrenca!’ e já a outra gritava ‘Está esperando o que para segui-lo?’.

Abri a porta com cuidado para não fazer barulho e saí tentando ouvir se havia mais alguém ali. Silêncio absoluto. Quando cheguei ao labirinto, também não vi ou ouvi ninguém, então Noah já deveria ter entrado. De repente, me senti uma completa imbecil. Por que persegui-lo? Vai ver ele gostava de andar por essa porcaria só para desanuviar a mente ou só por gosto mesmo.

Quer saber? É melhor eu voltar ao escritório, afinal eu tinha séculos de papelada para ler. Literalmente! No entanto, eu não consegui sair do lugar. Olhava para a entrada daquele labirinto e era como se um imã me puxasse para lá.

‘Deixe de ser covarde Mackenzie Underwood! O medo nunca lhe paralisou e não seria agora que iria paralisar!’, me disse aquela voz nada sensata na minha cabeça.

E então, os meus pés pareciam ter vontade própria, pois começaram a me levar direto para o labirinto enquanto internamente eu gritava ‘Dane-se a coragem! De jeito nenhum que eu vou entrar aí!’. Mas ficou claro que os meus pés não eram nada obedientes e eu me vi entrando num dos maiores labirintos que já havia visto.

Se no jardim o silêncio imperava, ali parecia que ele residia. Era como se nenhum som pudesse transpor aquela enorme barreira de cerca viva.

Após uns cinco metros andando em linha reta, cheguei no ponto onde eu tinha que escolher entre três passagens para prosseguir: direita, esquerda ou o caminho de volta.

No fundo, eu preferia a terceira opção, mas acabei optando ir pela direita.

Já estava caminhando a quinze minutos naquele lugar imenso e nada do Noah ou da saída. Parei de repente, me sentindo ridícula. Afinal, o que eu esperava encontrar ali? Um culto ao demônio ou o que? E foi bem nesse instante que eu escutei passos no corredor à minha esquerda.

O meu coração voltou a disparar. E se ele me visse ali, o que eu diria? ‘- Desculpe Noah, vi você entrar aqui e resolvi te seguir. Sabe como é, vai que você está tramando alguma coisa, como a minha morte ou algo do gênero!’

Droga, droga, droga! Eu já estava ali há tanto tempo que não saberia nem para onde correr. Santo Deus, o que eu faço agora?

- Boa noite, Noah., a voz era grave e baixa, mas devido ao silêncio pude ouvi-la com perfeição.

- Boa noite, Ivan., o tom que Noah saudara o homem denotava aborrecimento, dando a impressão que ele era a última pessoa que queria ver naquele momento.

- Terminei as minhas investigações e não descobri absolutamente nada sobre as tentativas de assassinato contra a sra. Underwood. Nem o motivo e muito menos quem quer vê-la morta. Talvez, se o Jonathan não tivesse matado as únicas pessoas que sabiam de alguma coisa, poderíamos ter arrancado essas informações delas.

- É mesmo, Ivan. O fato de eles estarem tentando nos matar passou despercebido por você, pelo visto.

- Desculpe Noah. Mas você tem que concordar comigo que esta moça está nos causando problemas demais. O segundo atentado quase nos revelou! Tem ideia do trabalho que tivemos, principalmente com a família do Robert? Eu mesmo contei à esposa dele que ele havia morrido num acidente de carro.

- Eu diria o contrário. Nós estamos causando problemas a ela. Mackenzie não pediu por nada disso.

- Pode até ser. Mas algo deve ser feito. E logo.

Ivan dissera aquilo de uma forma nem um pouco amigável.

- E o que você sugere?

- Mate a moça.

Um nó se formou no meu estômago ao ouvir aquilo. Alguém tentar te matar já era ruim, mas ouvir uma pessoa sugerir a sua morte como se sugerisse ‘Compre um carro novo.’, era dez vezes pior.

- O que foi que você disse?, Noah parecia não acreditar no que ouvira.

- Você me ouviu muito bem, Noah. Se essa moça permanecer viva, nos causará problemas maiores. É melhor cortar o mal pela raiz.

- Estou começando a achar que o mal de que você está falando, está bem diante de mim.

- Noah, me escute.

- Não, escute você! Como grão mestre, eu tenho a obrigação de zelar por vocês. E quer você goste ou não, Mackenzie Underwood é uma de nós agora! E já que você insiste tanto em matar, eu lhe prometo que quando encontrar quem está tramando contra a Ordem, terá exatamente esse destino: a morte! E se você não tem mais nada a dizer, faça o favor de sumir da minha frente!

- Como queira. Mas guarde as minhas palavras. Essa moça atrai confusão e mais cedo ou mais tarde, isso mudará as coisas por aqui.

Eu não podia ver o rosto do tal Ivan, mas eu tinha quase certeza que ele dissera aquilo cerrando os dentes. Bom para mim! Acabei de arrumar mais um sócio para o meu fã clube ‘Vamos acabar com a Mackenzie!’

Ivan começou a se afastar e ao invés de ouvir o som de passos se afastando, eles pareciam cada vez mais próximos.

Droga! Ele não podia saber que eu ouvi a conversa deles, senão era bem capaz dele me matar ali mesmo!

Comecei a correr com medo de ser pega em flagrante e ao virar para a esquerda, topei com uma parede sólida demais. Só não caí porque a suposta parede me segurou a tempo.

Ao erguer os olhos constatei, para minha surpresa, que a parede salvadora era o Hunter.

- Olá, mandona! Precisamos parar de nos encontrar assim., ele dissera aquilo sem o habitual sorriso debochado. Na verdade, Hunter parecia preocupado. Será que ele ouviu a conversa também?

O som dos passos parecia que estava tão perto que dava a impressão que o Ivan apareceria a qualquer momento.

E agora? Faço o que?

Olhei para o Hunter e tive uma ideia. Uma péssima ideia para ser bem honesta.

- Hunter, desculpe. Mas isso é um mal necessário.

- Mal necessário? Do que você está falando?, ele perguntou confuso.

Sem lhe responder, fiquei na ponta dos pés, segurei o seu rosto entre as minhas mãos e o beijei.

Um arrepio gelado percorreu a minha coluna e naquele mesmo instante eu me arrependi do que fiz.

- O que vocês estão fazendo aqui?

O tom irritado daquela pergunta me arrancou do estado de torpor e para meu espanto era o Noah quem nos observava com ares de poucos amigos e não o desconhecido Ivan.

- Boa pergunta. O que nós estamos fazendo aqui mesmo, Mackenzie?, Hunter olhou para mim tão curioso pela resposta quanto o Noah.

- Hunter sugeriu um passeio pelo labirinto depois do treino., tentei transparecer o mais inocente possível.

- Mas não é você quem odeia labirintos?, Noah não parecia nem um pouco

convencido da minha explicação.

- Justamente por isso eu sugeri o passeio. Devemos sempre encarar o que nos dá medo. Você não concorda, Noah?, Hunter lhe dera um sorriso tão ingênuo que quase convenceu a mim.

Noah olhou do Hunter para mim sem dizer nada e resolvi não esperar pela resposta dele, pois eu não queria ficar sozinha com o Hunter de novo tão cedo. Não enquanto eu não confiasse em mim novamente.

- Bem, o dia foi cansativo, então se vocês não se importarem, vou para o meu quarto. Boa noite.

E saí depressa antes que o Hunter se prontificasse a me acompanhar.

Como eu consegui chegar ao escritório sem me perder, é um mistério para mim, mas chegando lá corri e só parei ao abrir a porta do quarto e entrar. Encostei as costas na porta e tentei normalizar a minha respiração. Por sorte, Audrey não estava ali para me bombardear com perguntas das quais eu não queria responder.

Capítulo 17

- Perdi alguma coisa entre o fim do treino e o jantar?, Audrey perguntou olhando desconfiada para mim e o Hunter.

Naquela manhã, quando saí do banheiro, vi os dois na mesa da varanda esperando por mim para o café da manhã. Tentando não encarar muito o Hunter, cumprimentei os dois, mas ele não respondeu e nem sequer olhou para mim.

Inacreditavelmente, ele estava quieto e sério. Aquilo com certeza não significava boa coisa. Eu já o havia visto sério, mas quieto? Era bem provável que o final dos tempos estava chegando.

- Não faço ideia do que você está falando., respondi enquanto colocava café na xícara a minha frente.

- Não faz mesmo, Mackenzie? Desde que o Hunter chegou só respondeu o que eu perguntei e quando você apareceu ele nem te respondeu e ainda por cima corou feito uma donzela., era visível que Audrey dissera aquilo para provocá-lo, mas mesmo assim ele permaneceu em silêncio.

Ergui os olhos para vê-lo e desta vez Audrey não estava exagerando. Ele estava corado e olhava fixamente para a xícara que segurava entre as mãos dele sem beber nada.

Comecei a cogitar a possibilidade de leva-lo ao médico, pois decididamente aquela praga não estava bem. Eu só espero que tudo isso não seja por causa do beijo que dei nele, pois eu mal sabia lidar com os sentimentos contraditórios que tiraram o meu sono esta noite, imagina lidar com a confusão que deveria estar a cabeça dele depois do meu ataque.

Porque uma coisa era ele me provocar sabendo que eu não gostava dele, outra era eu pegá-lo de surpresa, agarrá-lo sem aviso e pior, beijá-lo como se quisesse aquilo e não para salvar a minha vida!

Porcaria! Quanto mais tempo eu passava confinada naquele lugar, mais eu me metia em encrenca. Aquele Ivan tinha razão. Eu era um imã para problemas.

- E então, ninguém vai me contar o que aconteceu?, Audrey perguntou olhando para nós dois. – Ah, qual é! Vocês vão mesmo me deixar na ignorância? Isso não é justo! Eu posso ajudar, seja lá o que for!

- Mackenzie me beijou., Hunter dissera aquilo num sussurro.

- Eu não entendi nada do que você falou. Dá para repetir?, Audrey estava ficando impaciente com tanto mistério.

Finalmente, Hunter ergueu os olhos e me encarou. E eu devo admitir que o que vi neles me deixou apreensiva, pois era algo que eu nunca imaginei que ele pudesse sentir, não depois de vê-lo em ação por duas vezes.

Medo. Algo o estava assustando. Mas o que? Será que beijava tão mal assim?

Resolvi poupa-lo do sofrimento e eu mesma contei:

- Eu o beijei e antes que você diga alguma coisa, foi para me proteger.

Audrey e Hunter ergueram uma sobrancelha.

- Por essa eu não esperava amiga. Imaginei que vocês tinham descoberto ou visto algo tenebroso, mas isso com certeza não passou pela minha cabeça., Audrey sorriu para mim de uma forma irritante.

Ignorando aquele sorrisinho, decidi contar tudo aos dois, desde o momento que eu saí da sala de treinamento até o instante que o Noah nos flagrou.

- E foi por isso que você o agarrou? Hum, interessante., Audrey alargou ainda mais o sorriso.

- Sério? Depois de tudo o que eu te contei, você só registrou essa porcaria de beijo!, disse um tanto alterada.

Ignorando-me por completo, ela se virou para o Hunter, que parecia um pouco magoado com o que eu dissera.

- E esse Ivan, você o conhece?

- Conheço. Ele é uma pessoa fria e calculista, mas se provou competente e muito confiável. Até hoje pelo menos.

- Então, você acha que não pode ser ele o mandante dos ataques.

- É pouco provável, Audrey. Ivan é o tipo de pessoa que nasceu para receber e não dar ordens.

- Isso significa que voltamos à estaca zero.

- Eu não diria isso., falei. – Quando fui pegar uns livros do Noah para ler, encontrei alguns de magia e um deles dizia que um bruxo nascido em trezentos e trinta criou um feitiço que, se deu certo, pode esclarecer muita coisa.

- Amiga, você vasculhou o escritório do Noah ou ele te entregou esse tal livro?

- Fui esta madrugada ao escritório dele, mas não havia ninguém lá. Aí eu vi que o compartimento ainda estava aberto, então...

- O que você foi fazer lá de madrugada?, era visível que o Hunter queria me matar naquele momento.

Como eu não queria contar que não conseguia dormir devido ao dilema emocional em que me encontrava, resolvi responder sem a minha “sutileza” de sempre.

- Desci para fazer uma pesquisa, digamos mais intensa e achei esses livros que só falam de magia. Eu dei uma bisbilhotada para ver se havia alguma coisa neles que poderiam dar uma luz no fim do túnel e descobri um bem antigo, que parecia uma espécie de diário de um bruxo muito poderoso com vários feitiços criados por ele.

- E que feitiço é esse que chamou tanto a sua atenção?, Audrey perguntou se animando.

- Um que te dá a vida eterna.

- Espere um segundo. Aonde exatamente você encontrou esses livros?, Hunter perguntou não gostando nem um pouco daquela conversa.

- Numa sala escondida no museu e nem adianta perder o seu tempo perguntando como eu a encontrei e abri.

Resolvi ocultar que ela abria com a espada do Noah. Vai que ele nunca levou o Hunter lá. Tudo o que eu menos queria agora era arranjar mais confusão para o meu lado.

- Eu sei da existência dessa sala, Mackenzie. Mas o que eu não sei é como você conseguiu convencer o Noah a te deixar entrar lá.

- Eu não convenci ninguém, foi ele que me mostrou a bendita!

- Isso é muito estranho, Mackenzie. Ele nunca mostrou essa sala para ninguém!

Se ele nunca mostrou a ninguém, como ele sabia dela?

- Desculpe interromper a discussão do casal, mas dá para voltarmos ao assunto do feitiço, por favor. No momento isso é mais importante., Audrey pediu já perdendo a paciência.

- Perdão, Audrey. Você tem razão. E como esse feitiço pode dizer quem está fazendo tudo isso, Mackenzie?, Hunter perguntou descrente.

- Eu descobri que um dos templários daquela época usava magia. Isso significa que essa mesma pessoa pode ter realizado esse feitiço e está viva até hoje. E digo mais, foi ela quem tramou contra o Nathan.

- E de quem você está falando?, os dois perguntaram juntos.

- Jacob.

Hunter e Audrey se entreolharam. Estava na cara deles que eles me achavam maluca.

- Jacob não era o melhor amigo do seu parente, aquele que tentou até morrer encontra-lo e que acreditava na inocência dele?, Audrey quis saber.

- Esse mesmo., disse.

- Desculpe amiga, mas acho que o beijo de ontem não te fez muito bem.

Fulminei-a com os olhos. Ela nunca mais me deixaria esquecer aquilo!

- Audrey, faz sentido o que ela está dizendo. Se o Jacob usava magia numa época em que os templários não usavam, quem garante que ele não conseguiu realizar esse feitiço e não viva entre nós? Afinal, não existe nenhum desenho dele. Ninguém sabe como ele era.

- E por que não existe se há um do Nathan?, Audrey perguntou.

- Não existe porque naquela época ainda não se fazia registro dos cavaleiros. O que o Noah não te contou, e eu acho que foi para não aborrecê-la ainda mais, é que este hábito foi criado depois da suposta traição do Nathan. Ele foi o primeiro a ter um.

Tristan tinha razão. Ninguém sabia nada sobre os registros feitos pelos ferreiros. E era melhor que continuasse assim.

- E de quem foi a ideia de criar esses registros?, perguntei já deduzindo a resposta.

- Jacob.

- Então, vamos supor que ele esteja vivo até hoje., Audrey estava tentando aceitar a hipótese. - Por que matar a Mackenzie? Se não fosse o ataque, ela jamais saberia sobre o Nathan. Isso não faz sentido!

- Vai ver que ele ficou com medo que a semelhança entre eles não fosse a única coisa que os ligassem. Ele pode ter imaginado que ela saberia de alguma coisa e resolveu eliminar logo um provável problema.

- Pode ser., falei. – Se ele vive há tanto tempo, tem que ser cauteloso ao extremo para que nunca o peguem. Cortar toda e qualquer ponta solta.

- Exatamente. E neste caso, você seria uma tremenda ponta solta. Se a semelhança de vocês não passou despercebida por ele, Jacob deve ter imaginado que também não passaria pela Ordem.

Um lampejo de horror passou pelos olhos da Audrey e ela disse:

- Esperem um minuto. Para ele temer isso, ele teria que saber que os registros ainda existem. E se o Jacob sabe...

- Ele faz parte da Ordem!, eu completei. – Vejam pelo lado positivo, agora sabemos quem é o meu algoz.

- Sim, mas, como vamos pegar alguém sem rosto?, Audrey estava apavorada.

- Fiquem calmas. Ele vai acabar se revelando e quando isso acontecer

estaremos preparados., Hunter disse tentando nos animar. – Vou procurar o Tristan. Ele é o templário que está há mais tempo na Ordem. Quem sabe ele não me conta algo que tenha passado despercebido.

Quando ele se levantou para sair, Audrey soltou a pérola:

- Não vai dar um beijo de despedida na Mackenzie?

Pela segunda vez Hunter corou. Mas o pior foi ele olhar para mim cogitando a possibilidade. Eu precisava acabar com aquela história antes que ela tomasse proporções homéricas.

- Audrey, dá um tempo! Foi só um beijo e não um pedido de casamento! Além do mais, ele não faz o meu tipo e nem beija tão bem assim.

Aquilo era uma mentira deslavada, mas quem sabe Audrey se mancasse e parasse de me empurrar para ele.

Hunter se magoou com o que eu disse, mas não comentou nada ao se despedir:

- Vejo vocês mais tarde.

Audrey me lançou um olhar que dizia ‘Você exagerou!’ e aquilo fez com que o meu coração se apertasse. Eu não era assim. Eu tinha um gênio dos infernos, mas eu não magoava as pessoas de graça.

Levantei e fui atrás dele. Ele já estava no corredor quando eu o chamei.

- Hunter, espere.

Ele parou, mas não se virou para olhar para mim.

- Desculpe pelo o que eu falei agora, eu não quis ofendê-lo. É que a Audrey me deixe louca às vezes com essa mania de tentar me arranjar um namorado. Mas isso não me dá o direito de magoar as pessoas, então, me desculpe. Você tem provado ser um amigo como poucos e não merecia ouvir aquilo.

- Está tudo bem, Mackenzie. Não se preocupe., e dizendo isso ele continuou andando pelo corredor sem olhar uma única vez para trás.

Fechei a porta novamente com um suspiro desanimado. Pelo menos eu tentei consertar as coisas. Eu nunca fui muito boa com as pessoas, mas eu pedi desculpas sinceras e se ele não acreditou, eu não podia fazer nada.

Quando eu me virei para voltar para a varanda, Audrey estava bem atrás de mim, quase me causando um infarto.

- Credo, criatura! Está querendo me matar?, disse pondo a mão sobre o peito.

- Agora que estamos sozinhas, seja honesta comigo. Por que você o beijou?

- Eu já te falei. Foi a primeira coisa em que eu pensei em fazer. Achei que fosse o Ivan se aproximando e não queria que ele soubesse que eu havia escutado a conversa dele com o Noah.

- Sabe o que é mais engraçado, Mackenzie. Você poderia ter feito outras coisas, mas a sua primeira reação foi beija-lo. Isso quer dizer que, lá no fundo, você usou esta situação como desculpa.

- É mesmo? E o que você faria no meu lugar? Posso saber?

- Eu não me importaria nem um pouco de fazer a mesma coisa que você,

afinal ele é um escândalo de tão lindo, porém eu o pegaria pelo braço, começaria a andar e ria de alguma coisa que ele supostamente houvesse dito. E inteligente do jeito que o Hunter é, ele entenderia e embarcaria na minha.

Mas que droga! Não é que aquela ideia também era boa! Oh, Senhor, por que eu não pensei naquilo primeiro! Agora a minha vida estaria bem mais fácil!

- Está certo. Concorde que essa atitude também funcionaria. Mas você tem que admitir que situações extremas pedem medidas extremas.

- Se você prefere acreditar nisso, eu não posso fazer nada.

E saiu do quarto sem dizer mais nem uma palavra. E aquilo com certeza era preocupante.

O restante daquele dia pareceu se arrastar. Os treinos continuaram os mesmos, porém Hunter já não sorria mais e nem ao menos fazia o que mais gostava: me infernizar. Audrey não tocou mais no assunto e eu resolvi não pensar mais naquela noite. Já tinha muito com o que me preocupar, como por exemplo, descobrir quem é esse Jacob e por onde se escondia. Claro que não fiquei surpresa que o Hunter não conseguiu descobrir nada com o Tristan.

Mas, e agora? Como eu iria desmascarar alguém que vem se misturando entre as pessoas há quase mil anos? Isso não seria uma tarefa nada fácil.

Naquela noite, Tristan ficou para comer conosco e enquanto estávamos jantando, Jonathan entrou e sussurrou algo no ouvido do Noah.

- Deixe ele entrar.

Com um aceno de cabeça, Jonathan saiu da sala de jantar e um segundo depois entrou um homem de uns dois metros de altura e muito musculoso. Era bem provável que a coxa da minha perna fosse da largura do braço dele. Mas o que ele tinha de mais impressionante eram os olhos; negros e gelados. Não gostei nem um pouco dele.

- Boa noite, Ivan. O que o traz aqui?

Ao ouvir o nome que o Noah pronunciara, meu coração se acelerou tanto que o meu peito começou a doer. Droga! Então, aquele era o homem que sugeri calmamente que me matasse. Que ótimo! O pior é que eu tinha que disfarçar o furacão de emoções que estava sentindo ou o tal Ivan iria desconfiar de alguma coisa, já que não parava de me encarar.

- Ivan, algum problema?, desta vez Noah foi autoritário.

- Encontramos uma coisa que você vai querer dar uma olhada.

- E o que é?

- Acho melhor falarmos em particular, se não se importa.

- Eu não me importo, mas todos os presentes são templários, a não ser Audrey, mas ela é de confiança. Então, pode falar. Sou todo ouvido.

Noah estava zangado, contudo não saberia dizer se era pela chegada inesperada do grandalhão ou por minha causa.

- Encontrei uma barreira mágica no sítio arqueológico de Tulum enquanto fazia uma expedição por lá. Não consegui removê-la, o feitiço lançado ali é muito poderoso. E se é tão poderoso, desconfio de que haja algo importante escondido ali. Senão por que a pessoa se preocuparia tanto em esconder alguma

coisa sem valor?

- Por que você estava em Tulum?, quis saber.

O grandalhão me olhou como se eu fosse um verme, mas respondeu a minha pergunta:

- Sou arqueólogo e estava lá a serviço do museu para o qual trabalho.

Noah nos observava com atenção. Só espero não ter indicado que eu já o conhecia, ou melhor, a voz dele. Mas o que me apavorou mesmo foi o que o Noah disse em seguida.

- Pelo visto, Mackenzie Underwod terá a sua primeira missão como templária.

Capítulo 18

- Como é?, Ivan e eu perguntamos ao mesmo tempo.

- Você está maluco, Noah? Não faz nem uma semana que essa menina entrou para a Ordem e você já quer coloca-la em campo? Ela nem tem treinamento o suficiente para isso!, pelo menos Tristan tinha juízo.

- E é justamente por esse motivo que eu irei junto.

Noah parecia determinado em acabar com a minha raça. Afinal, essa era a única explicação para mandar alguém despreparado para uma missão dessas, não era?

- Eu também irei!, Hunter se prontificou.

- De jeito nenhum! Audrey poderá precisar de você. Além do mais, você sabe que em locais públicos um grupo grande chama muita atenção.

- Concordo. Mas daí levar a garota é outra história. Ela vai nos atrapalhar mais do que ajudar., Ivan parecia preferir a companhia do diabo a minha.

Só que desta vez eu concordava com ele.

- Ivan tem razão, Noah. Leve o Jonathan no meu lugar. Garanto que ele será mais útil.

- Está decidido. Iremos nós três e fim de discussão!

Deus me livre ter aquele homem como inimigo!

- O sítio abre todos os dias às oito horas para visitação. Sugiro sairmos bem cedo amanhã. Tudo bem que podemos usar magia, mas alguém pode nos filmar com o celular e imagine a confusão até arrumarmos a bagunça. Tanta tecnologia, às vezes, atrapalha e muito o nosso trabalho., Ian olhou sugestivamente para mim e bufou.

Está certo que eu era um pouco atrapalhada e nada treinada para uma missão de campo, mas o que ele acha que eu faria? Chegaria gritando ‘Abram caminho, templários passando.’? Ora, por favor!

- Tem razão, Ivan. Sairemos daqui à uma da manhã.

- E por que tão cedo?

- Por que, Hunter, eu preciso estar aqui na sexta, tenho um compromisso inadiável. E antes que você diga que pode ir no meu lugar, a resposta é não! E

Mackenzie, é difícil acontecer alguma coisa grave neste tipo de situação e é por essa razão que vou leva-la. Assim poderei ver como você reage quando não está no seu habitat natural. E acredite isso é importante. Se você não reagir bem, não poderei confiar em você para esse tipo de coisa.

Uma ideia surgiu na minha cabeça. E se eu fingisse ser uma donzela em perigo? O grandalhão se irritaria e faria de tudo para me colocar para fora da Ordem mais rápido do que eu entrei! Pensando melhor, aquilo era uma péssima ideia. Eu me irritaria comigo mesma em dois minutos.

- Então eu volto mais tarde para irmos juntos.

Quando Ivan saiu, Hunter estava furioso.

- Noah, ela não está preparada! Mackenzie aprende rápido, mas não tem experiência alguma! Ela nem começou a estudar magia!

Ainda bem que ele ocultou o meu estudo por conta!

- Que homem de pouca fé! Hunter, se eu notar um perigo real para a Mackenzie, trago ela de volta sem pensar duas vezes. Prometo.

- Já que você está irredutível, será que eu poderia dar uma coisa a Mackenzie?, Tristan pediu muito a contragosto.

- Claro que sim, meu amigo.

Tristan se levantou e estendeu a mão para mim.

- Será que esta bela dama poderia me acompanhar até o meu carro?

- Com muito prazer., e sorri de verdade para ele.

Gostava dele, mas acima de tudo, confiava nele.

- Espero que não seja a minha espada, eu não estou preparada ainda. A não ser que você esteja querendo se livrar de mim., brinquei enquanto saíamos da casa e íamos na direção de um sedan branco estacionado na frente da varanda..

- Não, não é. Eu ia te entregar amanhã, mas como você não vai estar aqui e sexta-feira eu também tenho um compromisso, achei melhor te entregar logo.

Quando chegamos ao carro, Tristan abriu a porta e retirou do porta-luvas uma caixa de veludo preta.

- O que é isso, Tristan?

- Todo templário tem uma cruz de Malta. Hoje em dia, nós a temos em broche, mas pensei que você iria gostar mais deste jeito. E nem se atreva a recusar!, e sorriu.

Abri a caixa e me deparei com uma corrente de ouro com um pingente de rubis, igual ao broche que já havia visto o Hunter usando.

- Muito obrigada, mas não era necessário., disse desconcertada.

- Era sim! Gostou?

- Gostei, é muito bonito. E eu posso saber o que o senhor fará de tão importante que me abandonará aqui sozinha com o convencido do Hunter?

- Eu não estou abandonando você, e além do mais, Audrey estará aqui também

e ela a impedirá de mata-lo., ele disse brincando. – É que sexta de manhã eu tenho que ir ao aniversário de inauguração da Temple Church em Londres. E um padre amigo nosso, celebrará também uma missa em intenção das almas de todos os cavaleiros que já fizeram parte da Ordem. E vou aproveitar a viagem para visitar a minha filha que mora lá.

- Sexta é dia dez?, perguntei sentindo um frio na barriga.

- É sim. Por que?

- Nada, é só que eu me espantei como os dias passaram voando., desconversei.

- É mesmo. E eu quero te pedir um favor, minha querida.

- O que quiser.

- Tenha cuidado lá. Noah não mentiu sobre ser raro acontecer algo grave com este tipo de situação, mas precaução nunca é demais.

- Pode deixar! Prometo não me meter em encrenca.

Apesar dele ter sorrido, seus olhos estavam tristes.

- Quero ver você segunda-feira sem falta, mocinha!, e me abraçou como o meu avô fazia comigo quando eu tinha pesadelos.

Também queria muito revê-lo. Só esperava sobreviver até lá!

À uma da manhã, Noah e eu estávamos na varanda esperando o grandalhão chegar. Depois que o Tristan foi embora, pesquisei sobre Tulum e descobri que era uma cidade murada, cujo sítio arqueológico estava localizado junto a um penhasco. Isso significa que é o lugar perfeito para matar alguém e dar fim no corpo.

Tristan tinha razão. Era melhor eu tomar muito cuidado ou o meu fim não seria muito diferente que o do Nathan.

- Até que enfim, Ivan. Achei que teríamos que ir sem você.

- Desculpe. Eu estava em Tulum. Quis me certificar que não havia ninguém por lá a esta hora.

Eu não via necessidade alguma em verificar isso, ainda mais sabendo quem eles eram e o que podiam fazer. Então, minhas desconfianças a respeito dele aumentaram e muito!

- Mackenzie, segure a minha mão.

Olhei para a mão do Noah estendida. Uma vontade imensa de sair correndo e voltar para a minha casa se apoderou de mim e eu só não fiz aquilo porque tinha coisas a resolver naquela Ordem. E foi por isso que acabei segurando a mão dele.

A paisagem que surgiu na minha frente era de tirar o folego. Estávamos num penhasco e lá embaixo podíamos ver o mar. O local estava mesmo deserto e o único som que podíamos ouvir era o vaivém das ondas.

- E então? Onde você encontrou essa barreira mágica?, Noah olhou ao redor como se estivesse procurando por algo.

- Na parede deste penhasco.

Noah me pegou pela de novo e num piscar de olhos estávamos nas areias brancas de frente para um paredão de pedra.

Eu não vi nada de extraordinário ou incomum nele, mas já não poderia dizer o mesmo do Noah. Ele caminhou até um determinado ponto do paredão e parou de repente. Ficou observando por um tempo até que esticou uma das mãos e tocou na rocha. Do nada, um vento forte começou e as ondas começaram a se agitar. Noah tentou empurrar a mão, como se quisesse passar por alguma coisa e o céu antes estrelado, ganhou nuvens pesadas. Raios cruzaram o céu e um deles caiu no mar atrás de nós, produzindo um barulho ensurdecedor. Era como se o céu estivesse desabando.

Noah tentou mais uma vez passar, mas aí foi lançado com tanta força para trás que ele deve ter caído a uns três metros de onde estávamos.

- Noah, você está bem?, corri até ele com medo de aquela magia pudesse tê-lo ferido.

- Melhor me perguntar isso daqui uns dias., e sorriu tentando me tranquilizar.

Teria funcionado, se ele não tivesse precisado da minha ajuda para se levantar.

- Essa magia é muito poderosa. Quem fez isso tinha conhecimento de algo que não usamos.

- E por que não usam? Vocês não sabem dela ou é um nível muito avançado para vocês?

Ivan me fulminou com o olhar. Pelo visto, os templários não debochavam do seu grão mestre. Mais um motivo para eu não fazer parte daquilo. Nunca me

importei com cargos ou posições, a única coisa que sempre me importou nas pessoas foi o caráter delas. E eu não iria mudar agora.

- Ainda temos livros de magia deste tipo, mas nós não a usamos porque é perigosa., Noah ignorou a nossa troca nada amigável de olhares.

- Perigosa por que?

- Porque quando alguém cria uma barreira para esconder algo ela fica ligada à sua vida.

- Isso significa que se essa pessoa morrer a barreira desaparece.

- Exatamente. E se o que ela guardou for importante ou até mesmo perigoso, qualquer um poderá encontra-lo assim que a pessoa morrer.

- Mas Noah, essa barreira é antiga., Ian ficou preocupado de repente.

E se ele ficou preocupado, aquilo não poderia ser bom, pois ele me parecia o tipo que não se abalava por qualquer coisa.

- Será porque vocês não usam essa magia e isso pode ter confundido você?

Por milagre, Ivan não me olhou com desprezo desta vez.

- Se tem uma coisa em que sou bom é em identificar de quando uma coisa é. Eu posso afirmar com certeza absoluta que essa barreira foi posta aí há muito tempo.

- E de quando você acha que ela é?, agora foi a vez do Noah se inquietar.

- Pelos menos uns oitocentos anos.

- Mas se isso for verdade, quem poderia viver tanto assim?, Noah estava empalidecendo.

Podia imaginar o porquê. Na verdade, eu tinha certeza do nome que passou pela cabeça dele: Nathan! Como ele nunca foi encontrado, Noah deveria estar imaginando que o meu tataravô morava ali desde o seu desaparecimento.

Mas na minha mente outro nome surgiu. Jacob! Noah não conhecia o outro lado da história que eu sabia. Aquela descoberta do Ivan só ajudou a confirmar a minha suspeita. Aquela praga realmente ainda estava viva. O grandalhão não sabia, mas eu estava devendo uma a ele.

- Não faço ideia. Mas se alguém pode viver tanto significa que ele é muito poderoso. E perigoso também! Temos que encontra-lo e ver se ele é amigo ou inimigo.

- Primeiro, vamos quebrar esta barreira e ver o que ele ou ela tentou esconder com tanto afinco.

- Mas, você acha que consegue desfazer isso? Só de você encostar nela foi jogado longe, imagine tentando desfaze-la., tentei pôr um pouco de juízo nele antes que acabasse se ferindo seriamente.

- Não se preocupe. Treinar com afinco tem lá as suas vantagens.

Noah se aproximou novamente da parede de pedras e uma tempestade começou, nos encharcando em segundos. Credo! Era como se essa pessoa não quisesse mesmo que entrássemos ali.

Uma luz azul saiu das mãos do Noah cobrindo toda a extensão da rocha e logo

depois ouvi um barulho de vidro se quebrando.

Um buraco, que poderia passar uma embarcação mediana, apareceu bem diante dos nossos olhos.

- Quer que eu entre primeiro?

- Não. Eu vou na frente e a Mackenzie vem logo atrás de mim.

Ivan concordou com a cabeça e estendeu uma lanterna para cada um que tirou da mochila em suas costas.

Entramos sem fazer barulho e conforme avançávamos, a abertura aumentava revelando um salão imenso. Num primeiro momento não enxerguei nada, mas quando levei a lanterna um pouco mais para a esquerda vi um barco em bom estado de conservação, mas parecia que estava ali há bastante tempo.

Caminhamos até lá e Ivan andou em volta do barco para ver se encontrava alguma coisa que indicasse de quem ele era. Olhei para cima e não vi nenhuma bandeira ou vela que pudesse dizer de onde aquela embarcação viera.

- Vocês não vão acreditar nisso., a voz do Ivan, mesmo baixa, não escondeu o assombro que ele sentia.

O que ele viu? Algum símbolo macabro?

Noah e eu fomos até onde ele estava e o encontramos olhando para a proa. Quando vi o que se encontrava ali, entendi o choque. Um esqueleto estava pendurado por uma corda, deixando claro que aquela pessoa havia se suicidado. No entanto, não era qualquer um e sim um cavaleiro templário. Meu Deus! Será que o Jacob matou o Nathan e o trouxe até ali para esconder o seu corpo e validar a história que ele havia contado? Mas, por que pendurá-lo? Por que ele

não o largou dentro do barco ou ali mesmo no chão? Será que ele quis manchar mais ainda a reputação do Nathan? Afinal, suicídio é algo imperdoável entre os cristãos. Ou ele o pendurou quando soube da minha existência e quis que eu o renegasse?

- Ivan, é autêntico ou alguém tentou nos pregar alguma peça?

- As roupas e o barco são já o esqueleto vou ter que tirar daí para analisa-lo melhor.

- Faça isso enquanto entro no porão com a Mackenzie.

- Pode deixar.

O arqueólogo falou mais alto e tirou o Ivan do estado de torpor. Enquanto ele tirava um punhal da mochila, Noah me pegou pelo braço e nos levou para o deque do barco.

- Obrigada por não falar nada a respeito do Nathan na frente dele.

- Então, você pensou o mesmo que eu? Que aquele pode ser o seu antepassado?

- Pensei. Será que ele viveu aqui por alguns anos e a culpa o levou a se matar ou ele fez isso logo que chegou?, eu tinha que fingir que engoli aquela história, ou ele desconfiaria que eu sabia mais do que contei.

- Isso eu não sei dizer. Ivan é um pouco grosseiro, mas é um excelente arqueólogo. Se tem alguém que pode nos dizer com exatidão o que pode ter acontecido aqui, esse alguém é ele.

Noah foi até a escotilha e a abriu.

- Você acha mesmo que isso é uma boa ideia?

- Por que não? Precisamos desvendar esse mistério, não é?

- Sim, mas e se o tesouro roubado estiver aí?

- Não me diga que acredita em tesouros amaldiçoados?, Noah ergueu uma sobrancelha e sorriu.

- Até a pouco tempo atrás a Ordem não existia para mim.

- Touché! Vou na frente. Se eu gritar, chame o Ivan para ajudar.

- Engraçadinho! Não precisa, vou com você.

Desci as escadas logo depois dele e uma quantidade enorme de baús estava esparramada pelo porão. Noah abriu um deles; havia tanto ouro lá que se eu vivesse cem anos não gastaria tudo.

- Deus! Então, aquele lá fora é mesmo o Nathan!

Noah ficou decepcionado de repente, mas disfarçou ao olhar para mim.

- Vamos ver se dá para fazer um novo teste de DNA. Pode ser outro traidor, afinal, houve alguns ao longo do tempo.

- Pode fazer se quiser, mas acho que não restam mais dúvidas, não é mesmo?

Tentei colocar um pouco de tristeza na minha voz e quando Noah esticou a mão para me tocar, Ivan desceu as escadas correndo.

- Olhem o que eu achei!

Ivan segurava uma carta amarelada e pela cara dele era autêntica também.

Noah a pegou e abriu com cuidado.

“A quem possa interessar.

Não sei se um dia me encontrarão, contudo, tenho a necessidade de confessar-me. Sempre lutei em nome do Senhor, todavia nesses últimos anos vi coisas que balançaram a minha fé nas pessoas. Questionei-me se agora lutava de fato por Deus ou pelos interesses pessoais dos homens. Decidi fugir antes que me tornasse um deles. O meu único lamento é o roubo, mas se serve de alguma coisa, não gastei uma única moeda dele. Peço perdão a Deus e também ao meu velho amigo, Jacob, que provavelmente tentou me inocentar a qualquer custo. Espero um dia alcançar a paz que nunca tive.

Nathan

13 de outubro de 1185”

Mas que cachorro! Além de trazer o corpo dele para bem longe de casa, ainda denigri a imagem dele! Se fosse possível, eu mesma o mataria!

O cheiro de rosas surgiu de repente e uma vez na minha cabeça sussurrou ‘Não é ele’.

Será? Se não era ele, de quem era aquele esqueleto? E onde o verdadeiro Nathan estaria?

- E agora? Fazemos o que?

Noah interpretou a minha fúria de forma errada. O que neste caso foi bom.

- Nós daremos a ele um enterro.

- Como é? Noah, se eu entendi direito, ele foi uma desonra para a Ordem! Não merece um enterro!

- Já que essa é a primeira missão da Mackenzie, ela decidirá. Então, o que faremos com os restos mortais dele? Enterramos ou o largamos aqui mesmo?

- Vamos leva-lo de volta a Inglaterra e dar um enterro digno. Não importa o que ele fez, o pobre já pagou por isso. Merece encontrar a paz.

- Como quiser.

- Mas e esse ouro todo? Não podemos entregar a nenhum museu, senão teríamos que revelar como achamos este lugar.

- Por enquanto, ele será de responsabilidade da Mackenzie.

- O que? Está maluco? Onde eu vou guardar esses baús? E se eu for roubada? Serei considerada traidora também? Pode esquecer! Leve para a sua casa, afinal espaço é o que não falta lá!

- Por mim, sem problema. Mas de qualquer maneira ele ainda será sua responsabilidade.

- Faça como quiser. Agora será que podemos voltar?

Ivan estava me olhando esquisito, com certeza cogitava se eu era louca ou apta para ser um deles.

- Ivan, fique aqui enquanto eu a levo de volta.

Ele assentiu e saiu do porão.

Noah se aproximou e sussurrou ‘Sinto muito’ antes de tocar o meu rosto e nos trazer de volta a York.

Capítulo 19

Ainda estava escuro quando voltamos para a casa do Noah.

- Não precisa treinar hoje. Se você quiser, pode tirar o dia de folga.

Noah parecia preocupado comigo.

- Não, obrigada. Estou bem. Só preciso dormir um pouco.

E entrei indo direto para o meu quarto. Audrey estava acordada, lendo um livro. Quando ela olhou para mim, saltou da cama e correu para me abraçar.

- Quase morri de tanta preocupação. Foi tudo bem lá?

Contei tudo o que havia acontecido em Tulum, sem ocultar nada. E parte do peso que estava sobre os meus ombros diminuiu quando ela disse que achava que aquele corpo não poderia ser o do Nathan.

- Até parece. O corpo do coitado deve estar em algum mar por aí. Aquele esqueleto deve ser de um desconhecido ou de alguém que ele matou.

- Bem, acho melhor descansar um pouco antes do treino.

- Você vai treinar hoje?

- Lógico. Preciso acabar logo com esta história, Audrey.

Antes que ela acabasse comigo!

Pensei que não pregaria os olhos devido a minha agitação interna, mas eu mal me ajeitei na cama, desmaiei. Acordei atrasada e desci as escadas correndo até o escritório do Noah. Ele ainda estava lá e usava as mesmas roupas. Será que encontrar o falso Nathan o decepcionou tanto assim que não conseguiu dormir? Afinal ele também acreditava na inocência dele.

- Desculpe o atraso. Dormi além da conta.

- Não se desculpe. Pedi para a Anne deixa-la dormir. Não quer mesmo descansar hoje?

- Não, obrigada. Mas gostaria de conversar com o Tristan primeiro. Ele ficou bem preocupado comigo ontem.

- Fiquei mesmo.

Ele estava parado na porta com um sorriso alegre. Corri para abraçá-lo e isso o pegou desprevenido.

- Que bom que nada te aconteceu, menina. Essa Ordem voltaria a ser chata sem você aqui.

- Muito obrigado, Tristan. Achei que você gostasse da nossa metodologia., apesar da repreenda, Noah estava sorrindo também.

- Não vai me dizer que você não concorda que as coisas por aqui ficaram mais animadas desde a chegada dela?

- Estão mais para perturbadoras, isso sim!

Tristan me deu uma piscadela e perguntou:

- Por que você está aqui? Não deveria estar de folga?

- Ora, por favor. Não sou feita de cristal, lembra?

- É verdade. Tenho medo do dia que você precisar lutar com alguém. Chego a sentir pena da pobre criatura.

- Obrigada por me ter em tão alta estima, Tristan.

- E o que vocês acham de iniciarmos essa aula logo., Noah perguntou em meio ao nosso riso.

Enquanto ajudava a recolher os arcos lembrei que amanhã é a data fatídica, quando tudo o que me levou a chegar ali começou. Eu tinha que ir até lá, custe o que custar. Eu sabia que não teria nenhuma visão profética ou algo do gênero, no entanto, eu senti uma necessidade imensa de ver com os meus próprios olhos aquele lugar. Mas como eu faria isso, sendo vigiada vinte e quatro horas por aqueles neuróticos por segurança?

- Posso saber o que essa mente perigosa está tramando?, Audrey perguntou.

- Nada, por quê?

- Por favor, Mackenzie. É comigo com quem você está falando.

Eu não poderia arrastar Audrey nisso. Se algo de ruim acontecesse e a atingisse de alguma maneira, eu jamais me perdoaria.

- Audrey, eu só estou cansada. Eu nunca aprendi luta alguma ou sequer segurei em uma arma. E ainda por cima já tive a minha primeira missão. Com que cara você queria que eu estivesse?, tentei convencê-la, mas em vão.

- Está bem, eu entendi. Você não quer me contar, não agora pelo menos. Mas, me prometa uma coisa. Não faça nada que coloque a sua vida em risco. Eu a amo como a uma irmã e não suportaria vê-la ferida ou morta.

- Quanta falta de confiança no meu bom senso, Audrey.

- Bom senso? Mackenzie Underwood? Desde quando?

- O que é isso, eu sou a pessoa mais ajuizada que você conhece!

- Tem razão. A mais ajuizada e a mais doida também!

Sorri e a abracei.

- Vou tomar um banho, comer alguma coisa e dormir. Esses dias estão acabando comigo., e saí do salão antes que eu desistisse e contasse o que estava planejando fazer no dia seguinte.

Eu não consegui pregar os olhos a noite inteira. Estava com medo de dormir demais e acordar somente com a Anne batendo na porta. Escondi o meu celular embaixo do travesseiro para ficar de olho na hora e deitei com um moletom para não acordar a Audrey e nem perder tempo trocando de roupa. Às quatro horas da manhã, levantei da cama devagar e saí do quarto evitando ao máximo não fazer barulho, afinal Hunter continuava dormindo no quarto em frente ao nosso.

Desci as escadas e fui para a entrada da casa. Ninguém à vista, nem mesmo o Jonathan. Peguei o meu celular e digitei o endereço da Temple Church, pois eu não fazia ideia em que lugar de York estava. Ouvi vozes vindas da varanda e corri para a sala e me escondi atrás da porta entreaberta. Que droga! O povo daquela casa não dormia?

Alguém abriu a porta da entrada e falou baixo:

- Tem certeza que ninguém estará lá nesse horário?, era o Noah.

- Absoluta. Somente de manhã haverá uma celebração e depois a igreja ficará aberta somente para visitação até ao meio dia, assim como o senhor havia pedido., a segunda voz pertencia ao Jonathan.

- Perfeito. Preciso fazer uma coisa importante l  e não quero ser interrompido.

- Não se preocupe, não haverá nenhuma alma viva sequer.

Vai sonhando!

- Obrigado, Jonathan. Agora irei para o escritório e se a sra. Underwood perguntar diga que ela está de folga hoje.

- Mas ainda é cedo, senhor.

- Eu sei. Estou sem sono, então vou aproveitar para separar uns livros para ela ler durante o final de semana.

- Quer alguma ajuda?

- Na verdade, quero. Venha comigo, preciso lhe passar alguns documentos que precisam ser levados para a empresa amanhã.

As vozes deles foram ficando mais distantes, e quando eu não pude mais ouvi-las, espiei pela porta para me certificar que o local estava vazio. Como eu duvidava de que Jonathan me levasse para qualquer lugar que seja, precisava descobrir como eu chegaria a Londres.

Abri a porta sem fazer nenhum ruído e parei na varanda mal acreditando no que via. Um carro estava estacionado bem na frente da casa! Senhor, seria pedir muito ele estar destrancado e com a chave na ignição? Que pergunta idiota, é claro que é! Puxei a maçaneta e a porta abriu, e quando eu me sentei vi a chave na ignição. Pelo visto, eu não pedi muito.

- Obrigada mesmo! Estou Te devendo uma!, sussurrei.

Acho que eles não me ouviriam, afinal aquela casa é enorme e o escritório deveria ter isolamento acústico, pois eu nunca ouvia nada quando estava lá dentro.

Liguei o carro e ele mal fizera barulho. Peguei o meu celular e o deixei no banco do carona para ouvir as instruções do GPS. Ao chegar ao portão, congelei. Ele estava fechado. Porcaria! Eu havia me esquecido dele. Procurei no porta-luvas por alguma coisa que parecesse com uma chave eletrônica. Nada. Tateei o console e, por mais inacreditável que fosse eu a encontrei. Definitivamente, hoje eu posso dizer ‘Deus está comigo!’.

Quase duas horas depois, estacionei o carro na Fleet Street. Estava muito frio e se não fosse a adrenalina correndo solta pelas minhas veias, eu já estaria me arrependendo de não ter pegado um casaco mais grosso.

Temple Church está localizada no meio de escadas, vielas de paralelepípedos, fontes e jardins, um lugar quase impossível de se achar, especialmente para alguém que nunca estivera lá, assim como eu. Andei pela rua e quando estava chegando à estação de Chancery Lane comecei a sentir um cheiro de rosas. Toda vez que eu o sentia algo acontecia. Era como se alguém estivesse tentando me avisar do perigo ou simplesmente me ajudar. Quem sabe agora, ele não estava me mostrando a direção que deveria seguir?

Bem em frente à estação, havia uma porta preta. Fui até ela e o cheiro de rosas se intensificou. Quer saber? Vou seguir o conselho do cheiro. Quem sabe ele tinha um senso de direção melhor que o meu GPS?

Andei por alguns minutos e acabei chegando à igreja. Estava tudo silencioso e não havia ninguém por ali. Fui até a porta de entrada, mas ela ainda estava trancada. Olhei para a hora no meu celular. Eram quinze para as sete. Eu deveria ter perguntado ao Tristan a que horas seria essa celebração. Se bem que, se eu tivesse feito isso, ele teria desconfiado de alguma coisa e tentaria me impedir. Melhor assim. Eu não morreria por esperar. Mas eu tinha que sair dali, senão o Tristan me veria e arrastaria de volta para a casa do Noah. Dei a volta na igreja e me escondi atrás dela. Com o silêncio que estava ali, eu ouviria caso alguém surgisse. Puxei o capuz do moletom para me proteger do frio congelante e para esconder um pouco o meu rosto, assim quando eu entrasse na igreja Tristan não me reconheceria, afinal, quem presta atenção em alguém vestido daquele jeito?

Então, algo estalou na minha cabeça, como se a última peça estivesse se encaixando. Temple Church! Mas é claro, como eu não havia pensado nisso antes? Foi aqui que o Jacob prendeu o Nathan, não poderia ser em outro lugar! Mas aonde? Será que havia alguma cela subterrânea construída pelo próprio Jacob a revelia da Ordem? Mas, se ela existisse alguém já teria descoberto, não teria? A não ser que ele a tenha escondido com magia.

Espere um instante. Só pode ser isso! Magia! Ele provavelmente usa magia para tudo. E se ao invés de ter escondido o lugar, Jacob tivesse escondido o Nathan? Afinal, é mais fácil esconder uma pessoa do que um lugar. Para um bruxo como ele, isso deveria ser moleza. E aficionado pela Ordem como vinha provando ser, ele o escondeu nesta igreja com certeza. Será que o pobre Nathan fora preso atrás de alguma destas paredes? Meu Deus, aquilo me dava ânsia só de pensar no tipo de crueldade que ele sofreu por nada.

Não se preocupe Nathan. Eu o encontrarei e darei um enterro digno para você. É o mínimo que você merece depois de tanta injustiça!

Às sete horas em ponto ouvi passos se aproximando e o barulho da porta de entrada sendo destrancada. Olhei pela lateral e não vi ninguém. Desliguei o meu celular receando que o Noah me ligasse para saber onde eu estava e comecei a andar devagar para dar tempo de todos entrarem. Tomara que deixem a porta aberta.

Quando cheguei à frente da igreja espiei para verificar se ainda havia alguém ali. O padre estava na porta saudando o restante dos fiéis e naquele exato momento cumprimentava o Tristan. Aguardei até que ele entrasse e fui para o final da fila.

- Que Deus te abençoe minha filha., o padre disse na minha vez.

- Amém., respondi baixo para a minha voz não ecoar lá dentro.

Eu nunca estive ali, só a conhecia pelo que havia lido. Temple Church não era enorme, mas era muito bonita. Foi construída em duas etapas: a primeira parte era redonda como o Templo de Salomão e remontava ao século XII; a segunda era retangular e foi adicionada pelo rei Henrique III. Tudo bem que muito do que víamos ali foi reconstruído, pois boa parte da igreja foi destruída por ter sido bombardeada na Segunda Guerra Mundial. Mas apesar disso, havia uma paz e beleza naquele lugar impossível de não serem notados.

Para chegar à nave, que estava na parte retangular e onde havia bancos dispostos de maneira que ficavam de lado para o altar, eu tive que passar por Tristan, que estava admirando efígies de templários no chão da parte redonda. Por sorte, ele nem notou a minha presença. Sentei-me no último banco da primeira fileira à esquerda e fingi estar rezando. Tristan foi se sentar no lado direito no primeiro banco perto do altar. Não demorou muito, e a cerimônia começou. Passei a vista pelas pessoas ali presentes e nenhuma me era familiar. Nem mesmo Hunter viera. Porém, um homem encostado num dos pilares na parte redonda me chamou a atenção. Ele estava de costa para mim olhando para as efígies, mas pude notar que usava uma roupa de templário. Que estranho. Será que haveria alguma encenação depois da cerimônia? No entanto, o mais esquisito era que as pessoas que passavam por ele pareciam não enxergá-lo e o pior era que não havia mais ninguém vestido daquele jeito. Por sinal, aquela roupa parecia muito autêntica de tão perfeita que era. Mas eu não podia continuar encarando o desconhecido.

Abaixei levemente a cabeça e rezei para que aquilo acabasse logo. Depois de uma eternidade o padre encerrou e se dirigiu à entrada para se despedir das pessoas. Eu permaneci onde estava, esperando o Tristan ir embora. Ele parou para falar com o padre.

- Foi uma linda cerimônia, padre.
- Obrigado, Tristan.
- E quando o senhor fechará as portas?

- Lá pelo meio dia. Hoje é um dia que muitos cavaleiros vêm à igreja para rezar pelos que os antecederam.

- É verdade. Devemos muito a eles. Agora eu tenho que ir. Vou ver a minha filha.

- E como a Nicole está?

- Muito bem. Ela ficou noiva no mês passado.

- Que maravilha! Rezarei pela felicidade dela.

- Muito obrigado. Tenha um ótimo fim de semana, padre.

- Você também.

Soltei o ar aliviada. Assim que o padre foi para a sacristia ao terminar de conversar com as pessoas, me levantei sem saber por onde começar.

Nathan, aonde quer que você esteja, me ajude!, pedi em pensamento.

Foi aí que eu vi o estranho com a roupa de templário. Só que agora ele estava sentado no chão com as costas apoiadas na mesma coluna onde eu o havia visto antes. Ele estava com a cabeça apoiada nos joelhos. Coitado. Será que tivera um dia ruim? Resolvi ir conversar com ele, afinal, eu não tinha ideia pelo o que procurar e nem por onde. Quem sabe ele não seria a minha luz no fim do túnel?

Parei na frente dele e falei:

- Bom dia, senhor. Desculpe incomoda-lo, mas você conhece bem a história deste lugar?

O homem pareceu ouvir um fantasma. Primeiro, ele se assustou e depois ergueu levemente a cabeça como se estivesse com medo de olhar.

- Perdão, não foi minha intenção assustá-lo.

- Você pode me ver?, ele perguntou surpreso ainda com a cabeça abaixada.

Será que eu estava vendo um fantasma ou o cara era doido? Era só o que me faltava!

- Claro que posso! Por que eu não o veria?

Graças a Deus o padre não trancara a porta.

Então, o homem erguera de vez a cabeça e eu quase enfartei. E ele também!

Ele tinha os mesmos cabelos lisos e pretos azulados que eu tinha. Até a cor dos nossos olhos eram iguais: cinza escuro.

Por mais inacreditável que fosse o homem diante de mim era o Nathan!

Capítulo 20

Eu imaginei mil e uma maneiras de como foi o fim dele. Até cheguei a pensar que o Jacob o emparedou vivo naquela igreja, mas que a alma dele ainda estivesse perambulando por ali definitivamente não foi uma delas.

- Mas quem é você?, Nathan me perguntou assombrado com a nossa semelhança.

Quando ele ficou de pé diante de mim não pude deixar de ficar impressionada. Nathan deveria ter mais de um metro e noventa e dava para perceber que ele tinha músculos muito bem definidos. Que estranho. Ele parecia que estava vivo de tão real.

- O meu nome é Mackenzie Underwood. E você é o Nathan, não é?

- Como sabe o meu nome?, ele perguntou cada vez mais intrigado.

- Digamos que o fato de eu ter entrado para a Ordem foi meio que por sua causa.

- Uma mulher na Ordem? Isso é novidade para mim.

- É que sou a primeira.

- Tenho orgulho em saber que a primeira mulher templária seja uma descendente minha.

- Como sabe que eu sou sua parenta distante? Espere aí, não responda. Está óbvio no meu rosto, não é mesmo?

- Não, minha cara. É que se você pode me ver isso significa que você tem o meu sangue.

- Desculpe, não compreendo. Fantasmas só podem ser vistos por parentes?

- Fantasmas? Sobre o que você está falando?, Nathan me encarava como se a louca fosse eu! Na verdade, aquele tipo de olhar estava se tornando um hábito entre as pessoas que me conheciam.

- Sobre você, ora. Já se passou muito tempo desde que você...

Como eu poderia falar sobre o suposto roubo sem ofendê-lo? Mas antes que eu pudesse pensar num jeito de fazer isso, Nathan disse:

- Desde que eu roubei o ouro e feri o meu amigo na fuga.

- Exatamente! A propósito, você fez mesmo tudo isso?, não custava nada averiguar os fatos, só por desincargo.

- Você não parece acreditar nessa história.

- Honestamente, não. Mas eu quero ouvir da sua boca a verdade. E não se preocupe, você não será preso e nem posto numa fogueira. Não nos dias de hoje.

Eu acho.

- Eu sei em que ano nós estamos Mackenzie. E eu não estou morto, eu fui amaldiçoado.

Jesus! Ele enlouqueceu de vez! Eu poderia aceitar o fato do Jacob estar vivo, mas ele?

- Jacob é um feiticeiro muito poderoso, assim como a mãe dele um dia fora. Por invejar tudo o que eu tinha, e com isso entenda nada, ele me prendeu aqui. Eu não consigo sair desta área, nem ao menos posso ir para a parte retangular do templo. E absolutamente ninguém pode me ver. Quer dizer, ninguém até você aparecer, nunca pôde me ver. Ai!, Nathan passou a mão no braço que eu acabei de esmurrar.

Céus! Ele estava mesmo vivo!

Charles estava certo todo esse tempo. Nathan fora amaldiçoado e o que é pior, pelo melhor amigo! Esse Jacob dava um novo sentido para ‘amigo da onça’.

- Então, eu tenho mesmo razão. Jacob está vivo até hoje. E você também!

Aquela constatação me chocou. Uma coisa é você viver para sempre em liberdade, outra era ficar preso no mesmo lugar há séculos.

- Eu não imagino como você chegou a essa conclusão, mas sim. Jacob descobriu uma maneira de se tornar imortal., Nathan parecia surpreso, mas ao mesmo tempo orgulhoso.

- Mas como ele fez isso?

- Ele encontrou um feitiço antigo que dizia que para se tornar um imortal você teria que matar cem bruxos e transferir os poderes deles para você.

Então Jacob realmente ainda estava na Ordem e teve acesso aquele diário.

- Mas ele matou mesmo essas pessoas?, perguntei mais por incredulidade do que por dúvida.

- Não só matou, como a última vítima fora a própria mãe.

- Que horror! E como você tem certeza que o feitiço funcionou? Porque, acredite em mim, eu tenho tentado descobrir onde essa cobra anda se escondendo e não achei nada!

- Porque todo ano eu venho nesta mesma data para conversar com o meu melhor amigo sobre as últimas novidades.

Eu conhecia aquela voz. Aquilo só poderia ser uma brincadeira de muito mau gosto. De todas as pessoas daquela Ordem, ele decididamente não era quem eu imaginava que fosse o Jacob. Não depois de tanta cortesia. Senti uma decepção e uma fúria tão grande que chegou a doer.

- Então, foi você que mandou me matar duas vezes, não foi?, sentia o meu sangue ferver nas veias.

- Sim, fui eu., Noah falou calmamente.

- Ele tentou te matar?, Nathan perguntou irritado.

- Tentou, mas o pior é que depois ele se passou de bonzinho e fingiu estar me ajudando. Falando nisso, por que me manteve na sua casa por uma semana ao

invés de terminar o serviço logo de uma vez?

- Por que eu queria confirmar que você realmente era descendente do Nathan. Afinal, você poderia ser somente uma sósia dele. Aparência não é garantia de descendência.

- E depois, por que não me matou?

- Por causa do desenho que o Tristan havia feito, lembra-se? Ele me mostrou no dia que você apareceu na minha casa. Eu não poderia mata-la, não antes que todos os templários a vissem. Eu não sobrevivi até hoje cometendo imprudências, querida Mackenzie.

A minha mão começou a formigar de vontade de bater nele. Especialmente depois do querida.

- Como a maioria não aceitou a minha entrada, qualquer um seria suspeito da minha morte. Exceto você, que me defendeu com afinco na frente de todos., concluí sentindo a raiva crescer a cada segundo.

- Ninguém pode negar que você é inteligente. Assim como o Nathan.

- Mas ela disse duas vezes. O que aconteceu na segunda tentativa?, Nathan quis saber.

- Mudei de ideia. Ao invés de deixar aqueles dois imbecis a matarem, eu a salvei. É claro que a Ordem teve um pequeno prejuízo, pois eles foram mortos. Se bem que isso foi útil afinal, eles acabariam contando que o mandante era eu e dá muito trabalho ficar destruindo a memória dos outros. Então, decidi dar mais tempo a sua netinha pela nossa antiga amizade. Acho que você ficaria orgulhoso dela. Mackenzie aprende rápido e tem um senso de justiça tão grande e enjoativo quanto o seu.

- Você a salvou?, Nathan estava surpreso e um brilho estranho surgiu em seus olhos.

Fui na direção daquele verme nojento pronta para quebrar nem que fosse o nariz dele, porém Nathan segurou o meu braço.

- Jacob a está provocando. Não responda a isso. Ele não merece nem mesmo o seu ódio.

Como ele conseguia se manter tão sereno depois de tamanha crueldade cometida contra ele próprio?

- Mas ele é um monstro! Manteve você aqui sozinho, sem poder sair ou falar com ninguém por séculos! Ele precisa pagar pelo que fez!

- Está falando com quem Mackenzie?, Hunter perguntou enquanto entrava na igreja.

Eu nunca fiquei tão feliz em ver aquela criatura como naquele momento.

- Verdade. Já estava me esquecendo de te perguntar. Como você consegue vê-lo?, Jacob perguntou.

Pelo modo como ele fez a pergunta, Jacob não fazia nenhuma ideia mesmo de como eu podia vê-lo.

- Eu não sei. Por que você não me diz?

- Estão falando do que?, Hunter estava confuso.

- Há quase novecentos anos eu prendi o Nathan aqui com um feitiço e

tecnicamente era para nenhuma pessoa enxerga-lo., Jacob explicou calmamente.

- O que? Que história maluca é essa? Nathan deve estar morto há séculos!

- Ele é o Jacob., eu falei.

Hunter me olhou como se eu fosse desequilibrada. Pelo que parece nem ele cogitou que Noah e Jacob fossem a mesma pessoa.

- O que você tomou no café da manhã mandona?

- Ela está dizendo a verdade, Hunter. O meu verdadeiro nome é Jacob. Mas pense pelo lado positivo. Você estava certo em desconfiar de mim., ele disse sorrindo. E voltou-se para mim: - E então, como você o vê?

- Eu já disse que não sei!, disse entredentes.

- Elizabeth fez um contrafeitiço. Por isso Mackenzie pode me ver., Nathan explicou.

- Nathan, acho que ficar preso aqui por tanto tempo te enlouqueceu. Como Elizabeth faria um contrafeitiço, se ela estava morta quando eu o prendi?

- Segundo ela, você não rouba todo o poder de uma pessoa e nem a morte o tira de você.

Jacob ficou pensativo por uns segundos, enquanto Hunter olhava cada vez mais confuso para o espaço vazio ao meu lado. Ele nem ao menos ouvia a voz do Nathan.

Aquilo começou a me preocupar. Uma pessoa com um poder tão grande,

capaz de viver para sempre e prender alguém por séculos sem que ninguém a veja, com certeza poderia nos matar com uma mão amarrada nas costas. Pensando melhor, com as duas! E por mais bem treinado que o Hunter tenha sido, nem ele e nem o Nathan conseguiriam impedi-lo de fazer isso caso ele quisesse. Precisávamos da ajuda de um bruxo. Pena que as páginas amarelas não tinham Bruxos Poderosos em sua lista.

- Se Elizabeth criou um contrafeitiço, não foi só para alguém conseguir vê-lo. De algum jeito, ela sabe como tirá-lo daqui. Não é, meu caro amigo., Jacob concluiu.

Burro ele não era.

- Ela me disse que a palavra que você usou serve como chave. Assim como ela tranca, ela também abre.

Jacob o olhou com raiva. Pelo visto, a mãe dele não mentiu.

A mãe dele! É claro! Se ela ajudou o Nathan uma vez, quem sabe ela não faria isso nem que fosse só mais uma vez!

Elizabeth, nos ajude, por favor!, implorei em pensamento. Contudo, nada aconteceu. Será que ela decidiu seguir a luz justo agora?

- Se você é quem diz ser, como se manteve na Ordem por tanto tempo sem que ninguém desconfiasse de nada?

- Quem disse a você que eu estou na Ordem todo esse tempo?

- Mas você tem que estar, senão não teria como você saber sobre o que acontece dentro dela sem ser um templário!, Hunter começou a perder a paciência.

- Caro Hunter, eu não lhe devo explicação nenhuma, mas já que matarei a todos, vou satisfazer a sua curiosidade. Depois que eu simulei a minha morte dez anos após a pressuposta traição do Nathan, fui para o Egito aprimorar os meus poderes com um bruxo muito conhecido pelo meio. Fiquei por lá até a queda da Ordem, quando rumores diziam que ela estava se reerguendo às escondidas em Portugal. Aí eu pensei 'Já se passaram mais de cem anos desde que eu "morri", certamente não há ninguém da minha época vivo e como eu fiz questão de destruir qualquer imagem que pudesse haver minha, não teria problema se eu aparecesse e verificasse o que estava acontecendo de fato por lá.

- Foi nessa época que você voltou, presumo.

- Errou de novo, meu rapaz. Eu voltei para a Ordem pela segunda vez como Noah Templeton há onze anos.

- No entanto, durante todos esses séculos, você sempre manteve alguém que pudesse dominar como seu espião infiltrado., concluí.

Depois de tudo o que vi e ouvi a respeito deste homem, nada mais me surpreenderia.

Não me agradou nem um pouco a maneira como ele me olhou. Havia admiração e um algo a mais que eu decididamente não queria saber o que era.

- Gente inteligente é outra coisa, não é mesmo?, ele disse sem desviar os olhos de mim e prosseguiu: - De tempos em tempos, eu enfeitiçava um cavaleiro para que ele me informasse sobre tudo o que acontecia, por menor que fosse. Fui eu que sugeri que se implantasse o aprendizado de magia, caso um dia eu quisesse retornar, ninguém me questionaria por usar a minha.

- E por que só agora você quis voltar?, Hunter estava quase soltando fumaça pelas orelhas de tanta raiva.

- Eu tive uma visão há onze anos. Eu vi a mim mesmo deitado no chão e um templário de pé ao meu lado apontava uma espada na direção da minha garganta. Não consegui ver o seu rosto, só os olhos. E eles eram da mesma cor que dos do Nathan. De início, não me preocupei, afinal eu o havia trancado aqui e não havia a menor chance dele sair. Então, voltei para a Ordem, caso esse homem aparecesse e se tornasse um templário, eu o reconheceria. Mas os anos foram passando e esse tal homem nunca aparecia. Cheguei a pensar que estava ficando paranoico, porém no ano passado, eu tive o mesmo sonho. Para desencargo, fiz um feitiço de sangue para saber se havia algum descendente dele, pois essa era a única forma dessa visão se realizar.

- Por isso que você cortou a minha mão no ano passado! Você queria descobrir se eu tive um filho!, Nathan comentou.

- Exatamente! E não é que o meu amigo mais antigo havia tido um filho e que a sua linhagem ainda existia?

- Então, o sangue naquele frasco era realmente dele?, perguntei chocada.

- Era, mas para fazer um feitiço desse, precisava de sangue fresco e aquele era realmente da época em que nos tornamos cavaleiros. O ritual de iniciação exigia isso. Na verdade, exige até hoje e você iria passar por ele também. É claro que eu iria mudar o local, pois desde que esta igreja foi fundada, ele acontece aqui e eu não poderia me arriscar, não é mesmo?

- E como você chegou até mim?

- Banhei um diamante no sangue do Nathan e no instante que eu me aproximasse do seu herdeiro ele brilharia como o Sol. Então, na véspera de Ano Novo, fui ver a queima de fogos nos arredores da London Eye na esperança de que ele estivesse no meio da multidão assistindo o espetáculo. Conforme eu me aproximava, a pedra pulsava como um coração e quando eu estava a um metro de distância ela brilhou para a minha alegria e por sorte isso ocorreu na hora que os fogos explodiram, ofuscando a luz que ela emitia. Mas para a minha total

surpresa, ele era ela! Não pude ver o seu rosto, pois ela estava de costas para mim, mas vi quem a acompanhava. Como a pedra não parava de brilhar, decidi ir embora antes que a queima terminasse. Ao chegar em casa investiguei a pessoa que estava com ela e isso me levou a Audrey Collins.

- A compra do livro foi só para chegar até a mim?

- Foi. Confesso que eu não esperava encontra-la naquele dia, mas a sua presença facilitou as coisas para mim.

- De nada facilitar o seu plano de me assassinar., ironizei.

- Tem uma coisa que não bate. Eu posso até aceitar que você descobriu um meio de se tornar imortal, mas como você enganou o Tristan? Ele não deve ter tido uma visão sua., Hunter quis saber.

- Teve sim! Eu incuti uma premonição como se fosse uma. E agora que as crianças já sabem de tudo, preciso terminar o que comecei há uma semana. Vendetta!

Capítulo 21

Jacob disse aquilo estendendo a mão direita para a porta.

Por que ele falou vingança em italiano? Será que ele estava nos prendendo aqui também?

Foi então que algo surreal aconteceu. A espada que vi no escritório dele surgiu na entrada e foi parar na mão dele.

Nathan deve ter notado a minha preocupação, pois me contou:

- Vendetta é o nome da espada dele. Todo cavaleiro coloca um nome em sua espada para poder conjura-la onde quer que esteja.

- Outro costume introduzido à Ordem depois que fomos caçados e quase dizimados., Jacob completou. - Por que não usarmos da magia pela qual nos acusaram? Agora, se me derem licença, preciso mata-la antes que o seu parente ensine o que não deve.

Nathan entrou na minha frente para me proteger. Hunter tivera a mesma ideia, pois se posicionou na nossa frente.

- Terá que passar por mim primeiro!

- Como queira. Mas não se esqueça de que eu sempre fui melhor do que você e ainda por cima sou imortal.

- Fale menos e faça mais. Quimera!

Outra espada surgiu na igreja e foi na direção do Hunter.

Os dois começaram a lutar. De repente, parecia que eu fui tele transportada para um filme de época. Hunter era bom, mas o idiota do Jacob não mentiu quando disse que era melhor do que ele. Nathan deve ter percebido isso, pois começou a lutar com o Jacob também. Mesmo tendo dois oponentes, Jacob conseguia se defender muito bem, mas como Nathan lutava tão bem quanto ele, Jacob acabaria perdendo. Porém, ele era inteligente, começou a levar a luta para a parte retangular da igreja, assim Nathan ficaria para trás e ele se livraria do Hunter com facilidade.

Nessa hora o cheiro de rosas apareceu e uma voz feminina falou do meu lado:

- Ecsalon!

Saltei de susto. Então, a mulher do quadro era mesmo a mãe dele!

- Você é a mãe do Jacob!

- Sou. Agora diga 'Ecsalon!'. Essa é a palavra que o Jacob usou para trancar Nathan aqui.

Assenti com a cabeça, entretanto, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Nathan gritou:

- Não!

Olhei na direção para a qual ele havia gritado e vi o Hunter cair de joelhos com a mão no peito.

- Existe outra maneira de conjurar uma espada? Eu não coloquei nome na minha e não consigo pensar em nenhum agora.

- Liberte o Nathan primeiro Mackenzie.

- Não! Eu não vou permitir que mais alguém morra por minha causa.

- Você não entende...

- Elizabeth, existe ou não?

- Você a viu?

- Sim.

- Se fechar os olhos, poderia descrevê-la?

- Poderia.

- Então, feche os olhos, concentre-se na imagem dela, estenda a sua mão e diga: 'Venha até a mim!'.

- Só isso?

- Você realmente é descendente do Nathan., ela disse sorrindo.

Estranhei o comentário, mas não quis perder tempo perguntando. Fiz o que ela disse. Visualizei a espada na minha mente, abri os olhos e disse:

- Venha até a mim!

Eu senti como se uma energia percorresse a minha coluna, passasse pelo meu braço e saísse pelas pontas dos meus dedos. Nisso uma luz azul claro apareceu na entrada da igreja e minha espada surgiu do meio dela e veio parar na minha mão, assim como havia acontecido com o Jacob. No entanto, ao segurá-la, milhares de pedaços de metal surgiram do nada ao meu redor e começaram a juntar-se ao meu corpo pela minha mão e foi subindo pelo braço, tomando todo o meu corpo e quando terminou, a mesma luz azul explodiu como se viesse de mim quase me cegando de tão forte. O moletom que eu estava usando dera lugar a uma típica roupa de um cavaleiro templário, com direito a malha e ao que pareciam botas de metal até os joelhos. Se eu ainda tinha dúvidas se era ou não uma templária, naquele momento eu tive certeza.

Todos me olhavam de um jeito esquisito. Pelo visto, não foi somente a minha roupa que mudara, acho que surgiu um terceiro olho na minha testa ou algo

parecido.

- O que foi?

- Você nunca pegou nesta espada, não é?, Elizabeth perguntou.

- Não, por quê?

- Isso que acabou de acontecer, só ocorre na primeira vez que um templário toca em sua espada.

Não tive tempo de falar nada, pois Jacob notou a presença da mãe.

- Olá mamãe querida! Então andou tramando pelas minhas costas?

- Jacob, ainda dá tempo. Pare de lutar por algo sem sentido!

- Sem sentido? O que não faz o menor sentido é você ter um poder imenso e não saber usá-lo. Além de sem sentido, isso chega a ser um ultraje!

- E usá-lo em benefício próprio é a maneira correta? Ouça a si mesmo meu filho. Que espécie de monstro você se tornou? Aprisionou o seu melhor amigo e agora está tentando matar alguém da família dele. O que aconteceu com a pessoa gentil que você era?

- Morreu há muito tempo e você, melhor do que ninguém deveria saber disso., e virando-se para mim ele disse: - Acha mesmo que pode lutar comigo, Mackenzie. Uma semana não é tempo suficiente para transformá-la numa perita.

- Não tem problema. É a mim que você quer matar mesmo. Não é?

Eu deveria estar alucinando. Por uma fração de segundo pensei ter visto tristeza nos olhos dele.

- Mackenzie, liberte-me. Essa luta não é sua!

- Desculpe, mas a partir do momento que tentaram me matar por duas vezes, ela se tornou minha sim!

- Olhe Nathan, ela herdou o seu gênio forte também., Jacob teve o desprazer de sorrir.

- Está enrolando por quê? Ficou com medo de apanhar de uma mulher?, já que eu iria morrer, que seja debochando da cara dele.

- Já que insiste. Venha para a morte então., ele disse abrindo os braços.

É lógico que Jacob não viria para onde o Nathan estava. Não por medo, eu percebi, mas porque ele queria deixá-lo por último. Olhei para Elizabeth e lhe disse:

- Você não abraçou muito o seu filho quando ele era criança, abraçou?

A resposta dela foi um sorriso igual ao do Jacob. Ele não herdara só os olhos dela pelo jeito.

Respirei fundo e comecei a caminhar em direção ao Jacob. Ao passar pelo Nathan sussurrei:

- Sinto muito.

E eu realmente sentia. Deveria ser horrível viver naquele lugar sozinho e por

centenas de anos. Eu poderia morrer, mas antes disso eu o salvaria.

Parei em frente ao Jacob esperando o seu primeiro golpe. Estava torcendo para ter aprendido alguma coisa com o Tristan, pois eu queria muito feri-lo, já que eu não podia mata-lo.

Jacob ficou me encarando como se cogitasse não fazer aquilo. Por quê? Bem, se ele estava na dúvida eu não! Comecei a golpeá-lo, mas ele só se defendia. Acho que isso era a definição de brincar com a presa. Quanto mais ele se defendia, mais eu me irritava. Por que o Jacob não acabava logo com aquilo? Ou ele estava tentando me dar uma canseira ou ele realmente ficou em dúvida. De qualquer jeito, eu não conseguia entender o porquê?

De repente, ele mudou de ideia e começou a lutar de fato. Por incrível que pareça, eu estava conseguindo me defender, mas sabia que não duraria muito tempo. Com uma agilidade impressionante, ele me desarmou e colocou a ponta da espada dele na minha garganta. Ele não deveria ser um bruxo tão bom assim, afinal não era para ser eu apontando a espada na garganta dele? Ficamos nos encarando. A dúvida ainda estava nos olhos dele.

- Tenha honra uma vez na vida e seja rápido.

- Corajosa. A maioria dos templários não tem a metade da sua coragem. Respeito isso.

Porém Jacob não se mexia. O que ele estava esperando? Olhei para o Nathan e ele estava desesperado. Aquele homem merecia viver a vida que lhe fora roubada.

- Ecsalon!, gritei antes que a dúvida do Jacob passasse.

Um barulho de vidro quebrando ecoou pela igreja apesar de não haver nenhum ali. Foi o mesmo que eu havia escutado em Tulum.

Nathan veio correndo em nossa direção e batendo com a própria espada na do Jacob, ele a afastou da minha garganta e ficou ao meu lado.

- Jacob, deixe-a em paz. Essa história começou comigo e deve terminar comigo.

- Tem razão. Acho que não dá mais para adiar o inevitável.

Jacob ergueu a espada novamente e voltou-se para o Nathan. Elizabeth se aproximou.

- Antes que vocês comecem essa idiotice inútil, preciso contar algo que nem o Nathan sabe. Ao lançar esse feitiço, você congelou o tempo para o Nathan, não estou certa?

- Certíssima. Por isso ele sobreviveu até hoje.

- Mas o que você não sabia sobre esse tipo de magia é que se manter alguém preso usando o tempo, ela ficará ligada à pessoa que lançou o feitiço. E neste caso, como você é imortal, Nathan agora também é.

Jacob e Nathan se entreolharam. Isso que eu chamo de reviravolta!

- Você tem certeza, Elizabeth?, perguntei.

- Minha mãe nunca mentiu, Mackenzie. Exceto uma vez., Jacob falou enigmático.

- Então, eu nunca morrerei? Viverei até o fim dos tempos sem ver aqueles que eu amei novamente?, havia tanta tristeza na voz do Nathan que cortou o meu coração.

- Infelizmente, sim. Uma vez que se conquista a imortalidade, não há nada que a tire de você. Perdoe-me Nathan, eu não tenho como desfazer isso.

- Pense por outra perspectiva. Você terá a eternidade para se vingar de mim.

- Eu não busco vingança, Jacob. No início, a minha vontade era torturar você das piores maneiras possíveis. Mas hoje, eu só quero paz. Quero ver como o mundo lá fora está depois de tanto tempo. Acha mesmo que eu perderei mais tempo com você? Mas eu te prometo uma coisa: eu sempre estarei de olho em você. Eu não permitirei que você faça com outra pessoa o que fez comigo.

Jacob sorriu diante deste comentário.

- Finalmente, um oponente a minha altura.

Hunter tossiu. Todos olharam para ele.

- Mas você não morreu ainda criatura?, perguntei sentindo um alívio enorme.

Ainda bem que a Audrey não estava aqui, senão ela me infernizaria a vida pelo resto do mês.

- Jacob não o feriu gravemente. Só lhe aplicou um golpe para imobiliza-lo., Nathan disse.

- Não me diga que foi por misericórdia., falei sarcástica.

Jacob me ignorou e foi até onde o Hunter estava deitado. Ele ajoelhou-se e pôs uma das mãos no ferimento e uma luz azulada saiu dela.

- Pronto. Você vai sobreviver. E quanto a você, nos veremos mais vezes. Não é

velho amigo?

- Pode apostar que sim.

E como num passe de mágica, Jacob desapareceu.

- Viu? A minha desconfiança não foi infundada.

- É verdade. Nisso você tinha toda a razão, criatura.

- E agora? O que faremos?

- Agora conhecemos quem é realmente nosso inimigo. Da próxima vez, estaremos preparados., e erguendo uma sobrancelha perguntei: - Quimera?

- É que eu sou fascinado por mitologia grega.

Nossa risada ecoou pela igreja, porém Nathan permaneceu sério olhando fixamente para o local em que o seu amigo sumiu.

Capítulo 22

Hunter e Nathan aguardavam no carro enquanto Audrey e eu entrávamos na casa dos meus pais.

Uma semana já havia se passado e não dava mais para adiar aquela conversa.

Contar aos meus pais sobre o Nathan e a minha herança templária me proporcionou um imenso alívio. Mas a reação deles não era algo pela qual eu esperava.

A primeira coisa que imaginei foi que eles não acreditariam em mim. A segunda que me internariam e por fim, que eles perderiam a confiança em mim.

No entanto, eles acreditaram em tudo o que a Audrey e eu contamos e quando terminamos, meus pais se entreolharam e minha mãe perguntou:

- E onde esse rapaz está? Adoraria conhecê-lo.

- Quer mesmo?, perguntei.

- Mas é claro que sim!, ela respondeu animada.

- Então, espere um segundo., disse e fui até a porta da sala.

Ao abri-la, vi que os dois haviam saído do carro e estavam encostados nele. Quando eles me viram, fiz um sinal para que entrassem.

Nathan parou na minha frente, e pela primeira vez desde que o vira na igreja, ele estava inseguro. Segurei a sua mão e perguntei:

- Pronto para conhecer a sua nova família?

- Nem um pouco. Entretanto, esse momento chegaria algum dia, não é verdade?, ele tentou sorrir para disfarçar a tensão.

- Verdade. Mas não se preocupe. Eu não sairei do seu lado. Além do mais, os meus pais são ótimas pessoas.

- Nisso eu acredito. Afinal, eles lhe educaram muito bem.

Senti o meu rosto esquentar. Se um elogio já me desconcertava, imagine um vindo de alguém como ele. Nos poucos dias em que estávamos convivendo, aprendi a gostar e respeitar o Nathan. Ele era um homem inteligente, gentil, educado, divertido apesar de tudo pelo que passou, honrado e com uma mentalidade muito a frente do tempo dele. Qualidades raras no ser humano hoje em dia. Infelizmente.

- Mãe, pai. Este é o Nathan. Nathan, esses são Lisa e Benjamin.

- É uma imensa honra conhece-los., Nathan falou fazendo uma pequena mesura.

Até que era bonitinho esse jeito cavalheiresco dele. Será que o Jacob não

trancou mais nenhum templário por aí?

Os meus pais não responderam ao cumprimento dele. Não pela formalidade dele, mas por choque. Ambos ficaram estáticos e de boca aberta.

Audrey resolveu tirá-los daquele estado comentando:

- Eu entendo vocês. Se o Nathan fosse uma mulher e tivesse nascido neste século, eu diria que eles foram separados na maternidade.

- Desculpe-nos. As meninas falaram sobre a semelhança entre vocês, mas não supus que seria tão idêntica., Lisa disse.

- Você é a versão masculina da nossa filha!, Benjamin comentou aturdido.

- E melhorada também!, Audrey brincou piscando um olho para mim.

Nathan sorriu encabulado.

- E onde você pretende morar?, minha mãe perguntou.

- No momento, com o Hunter. Ele se ofereceu para ajudar na minha adaptação com este mundo moderno. Apesar de eu não ser um completo leigo no assunto. Se tem uma coisa de bom que o Jacob fez por mim foi em levar livros sobre todos os tipos de assunto enquanto estava preso.

Nathan não havia comentado aquilo nas vezes em que fui vê-lo no apartamento do Hunter. Isso me fez indagar quem realmente Jacob era.

- De jeito nenhum. Você ficará aqui com a sua família. Nós podemos te ajudar também., meu pai falou.

- Vocês podem ser os meus descendentes, mas não tem obrigação nenhuma de ser os responsáveis por mim. Hunter é um homem honrado, tenho certeza que ele não me ensinará nada inapropriado.

- Não tenha tanta certeza disso.

- Que horror, Mackenzie. Por quem me toma?, Hunter pôs a mão sobre o peito fingendo-se de ultrajado.

- Quer mesmo que eu responda?

- Crianças, deixem para se matar depois. Agora temos que resolver onde o Nathan vai morar., minha mãe nos interrompeu.

- Aqui e ponto final. Temos um quarto extra que agora será seu Nathan. E nem pense em recusar. Isso me ofenderia e muito!, meu pai disse categórico.

Nathan fitou os meus pais pesando os prós e contras. E então olhou para mim.

- É melhor aceitar logo, antes que fiquemos discutindo até o Natal!

- Se realmente não for incômodo me terem aqui, eu aceito.

- Ótimo!, meus pais disseram.

- Mas nós temos um problema mais sério para resolver ainda., Audrey disse.

- Eu já imagino qual seja: a proeminência dele., Hunter falou.

- Exatamente. Até podemos contar que ele é um primo distante e que veio passar uns tempos com vocês, mas como faremos com os documentos dele? Com certeza eles já não valem mais. Não neste século pelo menos., Audrey comentou.

- Eu sei como solucionar este problema, afinal eu tenho feito isso há séculos. Literalmente., era o Jacob.

Desde quando ele estava aqui?

- Mas é muita falta de vergonha na cara aparecer aqui e ainda por cima oferecendo ajuda!, Hunter disse indignado. – Vá embora daqui!, ele começou a ir na direção dele, mas Nathan o deteve.

- Espere. Se tem uma pessoa perita em enganar os outros é o Jacob. Ele tem vivido através dos séculos sem ninguém suspeitar de nada. Então, me desculpe Hunter, mas eu quero ouvir o que ele tem a dizer., Nathan virou-se para o Jacob e perguntou: - O que você tem em mente?

- Se você quiser, farei o que eu faço para mim de tempos em tempos. Uso a magia para criar ilusões do meu passado para algumas pessoas ao meu redor, para elas lembrarem e verem o que eu quero e enfeitiço o escriturário do cartório para fazer uma nova certidão.

- Mas não existe o perigo de alguém acabar saindo do seu feitiço?, eu perguntei desconfiando da repentina boa vontade dele.

- Não e isso eu garanto., Nathan respondeu olhando para o Jacob. – Se não fosse por Elizabeth, eu passaria o resto da minha vida naquele templo. Não é mesmo, Jacob?

Inacreditavelmente, Jacob ficou sem graça.

- E o que você planejou para ele?, meu pai perguntou.

- O que eu planejei?

- Se você pode fazer o que diz, significa que você traçou uma vida para ele, como uma família, de onde vem, enfim, coisas desse tipo.

- Tem toda razão. Eu já pensei em tudo isso. Não posso incutir lembranças na cabeça de alguém se eu não faço ideia do que pôr lá.

- Foi o que eu pensei., meu pai disse.

- E qual vida você pretende me dar?

- Eu não preciso inventar uma família para você. Você já tem uma e por sorte ela é pequena. A semelhança entre você e a Mackenzie facilita bastante. Vocês poderiam passar por irmãos sem a menor dificuldade. Mas para isso, você tem que escolher quem ficará com a verdade e com a ilusão, porque depois que apagar as lembranças das pessoas e colocar novas no lugar, não haverá mais volta.

- Vocês escolhem. Querem lembrar de tudo ou só do que o Jacob colocará em suas mentes?, Nathan perguntou para mim e os meus pais.

- Queremos lembrar, lógico!, meus pais responderam.

- Depois de tudo pelo que passamos, com certeza eu escolho a verdade., eu disse.

- E quanto a Audrey e eu?, Hunter quis saber.

- Bem observado! Eles precisam que alguém saiba da verdade. É bom poder desabafar. Já pensou guardarem tudo só para vocês?, Audrey apelou na maior cara de pau.

Nathan os observou e disse:

- Está certo. Amigos como vocês são raridade.

- Sugiro que o número de pessoas que saberão a verdade se encerre aqui. Quanto mais gente souber, mais perigoso fica., Jacob falou. – Agora segure a minha mão Nathan.

- Você vai mesmo confiar nele?, Hunter perguntou.

- Eu não tenho escolha. E, além disso, eu não posso seguir com a minha vida sem ter um passado que se encaixe ao seu tempo. Eu acabarei preso ou serei dado como insano.

Nathan segurou a mão do Jacob e perguntou:

- E agora?

- O mais velho da família deve segurar a sua mão, depois o segundo e por fim a Mackenzie segurará a minha outra mão, formando um círculo. Hunter e Audrey devem ficar no centro deste círculo.

Meu pai pegou a outra mão do Nathan, depois a minha mãe segurou a dele e antes que eu pegasse a mão do Jacob, Audrey e Hunter ficaram entre nós.

- Agora fiquem quietos enquanto traço as lembranças nas mentes das pessoas que te conhecem., dizendo isso Jacob fechou os olhos.

Uma luz azulada começou a emanar dele e passou para o Nathan, e assim foi até chegar a mim. Quando Jacob acabou e abriu os olhos, a luz desapareceu.

- E aí, funcionou?, Audrey perguntou.

- Vocês teriam alguma foto de família aqui na sala?, Jacob perguntou aos meus pais.

- Sim, espere um instante.

Minha mãe foi até a lareira e pegou, atônita, um porta retrato de cima dela e o entregou ao Jacob. Ele sorriu ao ver a foto e a virou na nossa direção. Era uma foto do último Natal, e nela estavam os meus pais, eu, a Audrey com os pais dela e agora o Nathan! Eu não podia negar, Jacob era muito poderoso.

- E agora, vamos para a segunda parte., ele disse tirando um envelope de dentro do casaco. – Aqui estão a sua nova certidão de nascimento, carteira de motorista, enfim, todos os documentos de um legítimo cidadão britânico.

Nathan apanhou o envelope e o abriu com medo de que alguma coisa fosse saltar de lá. Eu não o culpo, eu sentiria a mesma desconfiança em se tratando do Jacob.

- Como você sabia que todos nós aceitaríamos as suas condições?, ele perguntou analisando os documentos, que por sinal, tinham até a foto dele.

- Porque eu conheço você muito bem. E estou aqui há muito tempo. Se tem uma coisa em que eu sou bom, é em avaliar as pessoas. Eu tinha certeza que os Underwoods aceitariam você sem problema algum.

- Pelo menos você é eficiente., comentei.

- E por que você mudou de atitude? Quer alguma coisa de nós?, Hunter perguntou ainda não acreditando na súbita bondade dele.

- Não há nada que eu queira de vocês, fique sossegado Hunter., e olhando para o Nathan continuou: - Acho que eu estou lhe devendo uma há séculos, não estou?

- Obrigado, Jacob.

- Você não deveria agradecê-lo! Ele não tinha mais do que a obrigação em lhe ajudar!

- Hunter, depois de tanto tempo, se eu alimentasse o ódio dentro de mim, hoje eu seria pior do que ele.

- E quem será o novo grão mestre?, Audrey perguntou lembrando-se deste assunto pendente.

- O Jacob, ou melhor dizendo, Noah Templeton., Nathan respondeu surpreendendo a todos, incluindo o próprio Jacob.

- Você só pode estar brincando, não é?, Hunter já estava furioso.

- Não estou não! É melhor ter o inimigo por perto do que longe Hunter. Mas eu ainda quero uma coisa de você, Jacob. Na verdade, duas. Quero que limpe o meu nome perante a Ordem e me coloque nela novamente. Assim eu poderei manter os olhos em você.

- Quanto ao seu nome, eu já limpei. Já em relação a sua volta à Ordem, se quiser amanhã mesmo apresentarei você como o “novo” membro.

- Amanhã está bom para mim. Porém, não revele o seu verdadeiro nome. Diga que eu matei o Jacob quando a Mackenzie me libertou. Assim, ninguém irá vasculhar onde não deve.

- Se você prefere assim.

- Prefiro., Nathan foi categórico.

- Então, ele pode trabalhar, viajar, casar e ter filhos sem nenhum problema?

- Pai! Deixe o coitado se adaptar primeiro!

- Foi só uma pergunta.

- Sim, exceto pelos filhos., Jacob respondeu.

- Como assim?, eu perguntei.

- A imortalidade tem um preço, Mackenzie., e voltando-se para o Nathan ele disse: - Está combinado então. Amanhã à noite vejo você na minha casa. Hunter pode te levar, ele conhece o caminho., e dizendo isso ele desapareceu no ar assim como fizera na igreja.

- Acha seguro conviver com ele de novo, querido?, minha mãe perguntou preocupada.

- Eu não tenho escolha, sra. Underwood.

- Mãe, por favor. E além do mais, agora você tem uma certidão que diz exatamente isso.

Sem dúvida, Lisa estava adorando tê-lo como filho. E a julgar pela cara abobalhada da Audrey, ela também estava. Pobre Nathan, nem desconfiava o que estava por vir.

- Se me derem licença, eu preciso ficar um pouco sozinha., e saí indo me sentar no banco da varanda.

O frio me ajudaria a colocar os pensamentos em ordem. Eu não gostava do jeito que o Jacob e o Hunter mexiam comigo, mas também não podia ignorar o fato. Eu estava entre a cruz e a espada. E isso estava me incomodando em demorado. Ouvi a porta se abrindo e rezei para não ser o Hunter. Alguém se sentou ao meu lado no banco e só nessa hora tive coragem de olhar quem era. Nathan. Pelo menos o meu sentimento por ele não era nem um pouco confuso. Gostava dele como a um irmão mais velho e neste caso, bem mais velho.

- Vai mesmo confiar naquele lobo em pele de cordeiro?

- Aquele dia no templo, eu vi algo que me fez acreditar que um dia eu terei o meu amigo de volta. E é por isso que eu decidi ficar perto dele. Eu o ajudarei sem que ele se dê conta.

- E o que foi que você viu?

- Amor. Por você.

Pela primeira vez em dias, ri com gosto.

- Desculpe Nathan, mas você precisa procurar um oftalmologista.

- Um o que?

- Uma pessoa que cuida dos olhos.
- Para que? Estou enxergando muito bem.
- Não está não! Jacob só gosta de si mesmo e de sua magia. Ele é incapaz de amar qualquer outra coisa além dele e do poder.
- Perdoe-me a honestidade, mas eu o conheço a mais tempo do que você.
- É verdade, mas ele te enganou não foi?
- Não é porque alguém te engana que significa que você não a conheça, Mackenzie.
- Se você acredita nisso, por mim tudo bem.
- Sabe qual é o seu problema? Dois homens estão abalando as suas estruturas, mas você não consegue distinguir a quem ama de verdade.

Olhei bem no fundo dos olhos dele e falei:

- E eu que estava começando a gostar de você.

Nathan sorriu e me devolveu:

- A verdade dói, não dói?
- Ai, que língua! Eu não tenho mais dúvidas! Você é meu parente., e sorri de volta.

- Você é jovem, tem tempo para descobrir a resposta, apesar de que eu já desconfio qual seja.

- É mesmo? E qual é?

- Você tem que descobrir isso sozinha, se alguém lhe der a resposta, você a negará até o fim e perderá um tempo precioso que poderia estar vivendo esse amor.

- Cara, você é bom! Mas qual você sugere que eu deva escolher?

- Eu sugiro que você escolha aquele que o seu coração mais deseja e não o seu corpo. Ou não escolha nenhum. Você é mulher o suficiente para ser feliz sozinha.

- Sério? Ajudou muito, Nathan. Obrigada.

- Disponha., ele sorriu.

- Sabe, podemos ser muito parecidos, mas tem algo que nos difere.

- E o que seria?

- Paciência. Já perderia para você nesse quesito. E um coração grandioso também.

- Você não é muito paciente mesmo, isso eu já havia notado. Mas está enganada quanto ao coração.

- Não estou não! Para começar, eu teria arrumado um jeito de prendê-lo no mesmo lugar que ele te manteve. E também teria posto ele para fora da Ordem a

pontapés.

Nathan começou a rir.

- Viu? Eu disse que não tenho toda essa grandiosidade.
- Quanto mais eu te conheço, mais orgulho tenho por sermos parentes.
- Você não é muito certo da cabeça, sabia disso?
- Acho que ficar preso por tanto tempo tem as suas desvantagens.
- Pode ser!, e fiquei olhando para ele por um momento. – Posso lhe fazer uma pergunta?
- Quantas você quiser!
- Você ficou muito triste com aquela história de não poder ter filhos?
- Honestamente? Não. Eu sempre fui um guerreiro de Deus e nunca pensei em casar e ter filhos.
- Mas um dia você gostou de alguém e teve um filho com ela.
- Disse bem, gostei e não amei. Sarah era uma boa pessoa, mas eu nunca a amei. Enquanto ao meu filho, eu o vi algumas vezes, quando ele ia ao templo com ela. Ele era a cara da mãe. Eu poderia tê-lo amado, mas já que eu iria ficar preso sem data para sair, resolvi não pensar na vida que eu poderia ter tido.
- Acabei de achar outra diferença. Você é muito sábio.

- Você também é muito inteligente, senão não aprenderia as coisas com tanta facilidade. O que traz sabedoria é o tempo e em se tratando dele, eu sou muito mais velho do que você.

- Com certeza é!

Rimos juntos. Era tão fácil conversar com ele!

- Agora eu preciso entrar e ver se a minha, quer dizer, se a nossa mãe precisa de ajuda.

Ele levantou-se junto comigo. Os homens de hoje deveriam aprender um pouco com ele.

- Quer que eu a acompanhe?

- Não precisa. Fique aqui e admire o pôr do sol. Esse é um espetáculo que ainda vale a pena ser visto.

Dei um beijo no rosto dele e entrei. Se ele for parecido comigo nisso também, ele vai querer ficar um pouco sozinho.

Senti o familiar cheiro de rosas. Olhei para o lugar onde a Mackenzie estava sentada poucos minutos atrás e Elizabeth estava lá sorrindo.

- Gosto dessa menina. Ela tem um futuro promissor.

- Também acho. E você? Seguirá a luz finalmente?

- O que? Já está me tocando só porque arrumou uma nova família?

- De forma alguma, Elizabeth. Mas nada mais justo do que você encontrar a paz.

- Eu só ficarei em paz quando o Jacob voltar a ser quem era. E por falar nisso, você também notou o jeito que ele olhou para a Mackenzie?

- Notei. Agora eu compreendo o sentido de derrocada que você previu para ele.

- Na época, eu não fazia ideia de como seria, eu nem mesmo sabia que seria uma mulher. Porém, agora eu tenho certeza que Jacob pode ser salvo. E mal sabe ele que a espada ainda está na garganta dele, porém não da maneira que ele imagina. Ah, antes que eu me esqueça, estou muito orgulhosa de você. Você sempre foi uma pessoa inteligente e generosa e aquela prisão não conseguiu modifica-lo. Muito pelo contrário, te trouxe mais sabedoria.

- Mas eu não teria conseguido sem você. Já imaginou ficar preso e sem falar com ninguém por oitocentos e trinta e dois anos? Eu teria enlouquecido.

- Pode ser, mas não se subestime. Você tem mais força do que pensa.

- Pode ser., eu a imitei. - Mas eu sempre lhe serei grato. Eu devo muito a você. E não se preocupe, eu ainda a amo como uma mãe.

- Acho bom, senão eu venho e puxo o seu pé de noite!

Eu não pude evitar o riso. Elizabeth não fazia ideia da gratidão que tinha por ela.

- Elizabeth, o que ele quis dizer quando disse que você havia mentido e que sabia o porquê ele havia mudado tanto?

Ela me encarou como se ponderasse se deveria contar ou não.

- Um dia, quem sabe eu conte tudo. Mas hoje não.

Elizabeth nunca se recusou a me falar nada. Se ela o fez agora era porque a coisa era mais grave do que eu imaginava. Mas não insisti. Iria esperar afinal, eu era muito bom nisso. Então, mudei de assunto.

- Apesar de tudo o que o Jacob fez, eu sinto pena dele. Ele não soube valorizar o que tinha e agora que finalmente aprendeu a amar alguém, esse alguém não o ama. Pelo menos eu acho que não.

- Você acha que a Mackenzie não o ama. Por que?

- Notei que ela sente atração por ele, assim como sente pelo Hunter. Por isso Mackenzie está confusa. No entanto, ela ama somente um. A praga do Hunter, como ela costuma dizer.

- Por que você desconfia que seja o Hunter?

- Porque quando Jacob o feriu, ela não titubeou. Assim como eu, quando tive que escolher entre a Sarah e servir a Deus.

- Mas ela pode amar o Jacob também. Só não aceita por causa de tudo o que ele fez. Seria como amar o próprio diabo. E além do mais, adoraria tê-la como nora. Mas o tempo dirá quem ela realmente ama. Falando em amor, e você? Quando encontrará alguém que roubará esse coração de ouro?

- Eu não sei. A bruxa aqui é você.

- Engraçadinho! Eu estou falando sério!

- Mas eu também! Eu nem sei se um dia eu amarei alguém dessa maneira.

- Eu espero que sim. Se tem alguém neste mundo que merece encontrar um amor incondicional é você!

- E se essa mulher já tiver nascido num desses séculos em que eu estive preso?

- Se você viveu até hoje sem amar ninguém acredite em mim, ou ela não nasceu ou você ainda não a conheceu.

- Sempre otimista!

- Claro. Otimismo é o meu nome do meio!

Sorri para a mulher que nem mesmo a morte lhe arrancara a esperança e a bondade. Então, olhei para o céu e presenciei um belo entardecer tomado de um sentimento de paz que a muito não sentia.